

PHILIP ROTH

O ANIMAL AGONIZANTE



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PHILIP ROTH

O animal agonizante

Título original americano

The Dying Animal

2001

Tradução

Paulo Henriques Britto

COMPANHIA DAS LETRAS

Para N. M.

Prelúdio

O corpo contém a história da vida tanto quanto o cérebro.

EDNA O'BRIEN

Eu a conheci há oito anos. Era minha aluna. Não sou mais professor em horário integral, não sou mais professor de literatura no sentido estrito — há anos que só dou o mesmo curso, para uma turma grande de alunos do último período, sobre crítica, chamado Crítica Prática. Muitos dos alunos são do sexo feminino. Por dois motivos: porque é um tema com uma combinação atraente de glamour intelectual e glamour jornalístico, e porque elas me conhecem de me ouvirem fazendo resenhas de livros na rádio educativa, ou então de me verem no canal 13 falando sobre cultura. Nos últimos quinze anos, minha atuação como crítico de cultura televisivo fez com que eu me tornasse uma figura razoavelmente conhecida na cidade, e é isso que atrai as garotas para o meu curso. No início, eu não me dava conta de que aparecer na televisão por dez minutos uma vez por semana podia impressionar tanto aquelas alunas. Mas elas sentem uma atração irresistível pela celebridade, mesmo que seja uma celebridade pífia como a minha.

Ora, sou muito vulnerável à beleza feminina, como você sabe. Todo mundo se torna indefeso diante de alguma coisa, e no meu caso é isso.

Diante de uma mulher bonita, não enxergo mais nada. Logo na primeira aula descubro quase imediatamente qual daquelas garotas é a minha.

Mark Twain tem uma história em que ele foge de um touro e sobe numa árvore, e o touro olha para ele e pensa: "O senhor é a minha refeição".

Pois bem, leia-se "a senhorita" em vez de "o senhor", e é isso que eu penso quando vejo as garotas na sala de aula. Já se vão oito anos — eu já estava com sessenta e dois anos, e a garota, que se chama Consuela Castillo, tinha vinte e quatro. Ela não é como as

outras da turma. Nem parece uma aluna, pelo menos uma aluna comum. Não é uma pós-adolescente, não é uma dessas garotas desmazeladas, tranchas, que dizem "tipo assim" cada vez que abrem a boca.

Ela fala bem, é equilibrada, tem uma postura perfeita — parece saber alguma coisa a respeito da vida adulta, além de saber se sentar, ficar em pé e andar. Assim que você entra na sala, percebe que essa garota sabe mais, ou então quer saber mais. A maneira como ela se veste.

Não é exatamente o que se chama de chique, ela com certeza não se veste de modo exagerado, mas, para começar, nunca usa jeans, nem passado nem amassado. Usa umas roupas escolhidas a dedo, com um bom gosto discreto, saias, vestidos e calças feitas sob medida. Não para se tornar menos sensual, e sim, ao que parece, para se profissionalizar — ela se veste como uma secretária bonita de uma firma de advocacia de prestígio. Como se fosse a secretária do presidente de um banco. Usa uma blusa de seda creme por baixo de um blazer azul feito sob medida, com botões dourados, na bolsinha marrom com aquela pátina de couro caro, botinhas que chegam até o tornozelo e combinam com a bolsa, e uma saia de tricô cinza, um tecido ligeiramente elástico, que revela as linhas de seu corpo com aquela sutileza de que só mesmo uma saia assim seria capaz. O penteado é natural, porém bem cuidado. A tez é clara, a boca é curva, embora os lábios sejam cheios, e a testa é arredondada, uma testa polígia, lisa, com uma elegância de Brancusi. Ela é cubana. Filha de uma próspera família cubana que mora em Nova Jersey, do outro lado do rio, no condado de Bergen. O cabelo é negro, bem negro, lustroso, um pouco grosso. E ela é grande. Um mulherão grande. A blusa de seda está desabotoada até o terceiro botão, de modo que dá para ver que ela tem seios poderosos, lindos. Imediatamente você vê a fenda entre eles. E você vê que ela sabe. Você percebe que, apesar do decoro, da meticulosidade, do estilo cuidadosamente refinado — ou por causa disso tudo —, ela tem consciência de si própria. Ela vem à primeira aula com uma jaqueta abotoada por cima da blusa, porém cinco minutos depois do início da aula não está mais de jaqueta. Quando

volto a olhar para ela, já vestiu a jaqueta outra vez. De modo que você compreende que a moça tem consciência de seu poder, mas não sabe direito como usá-lo, o que fazer com ele, não sabe nem mesmo até que ponto quer ter todo esse poder.

O corpo ainda é novo para ela, a moça ainda o está experimentando, tentando compreendê-lo, é um pouco como um menino que anda na rua com uma arma carregada, sem saber se está armado para se proteger ou se para dar início a uma carreira no crime.

E essa moça também tem consciência de outra coisa, algo que eu não poderia ter percebido logo na primeira aula: considera a cultura importante, tem por ela uma reverência um tanto antiquada. Não que tenha alguma intenção de dedicar sua vida à cultura. Isso ela não quer e nem poderia fazer — teve uma educação tradicional demais para isso —, porém acha a cultura, a coisa mais importante e maravilhosa que conhece. E o tipo de pessoa que sente fascínio pelos impressionistas, porém é obrigada a ficar muito tempo olhando com atenção — e sempre com uma incômoda sensação de perplexidade — para um Picasso da fase cubista, esforçando-se ao máximo para compreendê-lo.

Assim, fica olhando, aguardando uma nova sensação surpreendente, um pensamento novo, uma emoção nova, e quando nada disso acontece ela se recrimina por sua incompetência e por lhe faltar... o quê? Ela se recrimina por nem sequer saber o que é que lhe falta. A arte mais moderna a deixa não apenas perplexa, como também decepcionada consigo mesma.

Ela gostaria muito que Picasso fosse mais importante para ela, talvez até a transformasse, porém há uma espécie de cortina translúcida que a separa do proscênio da genialidade, toldando sua visão e obrigando-a a adorar a certa distância. Consuela dá à arte, a toda a arte, muito mais do que recebe em troca, uma espécie de seriedade que chega a ser tocante.

Um coração bom, um rosto lindo, um olhar ao mesmo tempo convidativo e distanciado, peitos sensacionais, uma mulher ainda recém-saída do ovo, tanto assim que não causaria espanto encontrar

fragmentos de casca colados naquela testa ovóide. Vi de imediato que aquela garota seria minha.

Bom, tenho uma regra há uns quinze anos que jamais violo. Nunca me aproximo das alunas em caráter particular enquanto elas não fazem o exame final e recebem a nota, quando então para elas já não estou mais oficialmente *in loco parentis*. Por maior que seja a tentação — e mesmo que eu receba um sinal inconfundível para começar a flertar e dar o primeiro passo —, jamais violei essa regra desde que, em meados dos anos 80, o número do disque-assédio foi pela primeira vez afixado à porta da minha sala. Não entro em contato com elas para não cair nas mãos daquelas pessoas na universidade que, se pudessem, dariam um jeito de criar sérios obstáculos ao meu prazer de viver.

Todos os anos dou um curso de catorze semanas, e durante todo esse tempo não tenho caso com nenhuma aluna. Então aplico um truque. É um truque honesto, às claras, lícito, mas é um truque assim mesmo. Terminado o exame final, lançadas as notas, dou uma festa no meu apartamento para os alunos. A festa é sempre um sucesso, e é sempre a mesma coisa.

Convido os alunos para beber alguma coisa na minha casa por volta das seis da tarde. Explico que a festa vai das seis às oito, e eles sempre acabam ficando até as duas da manhã. As alunas mais corajosas, a partir das dez da noite, se transformam em personagens muito interessantes e me falam sobre o que realmente lhes interessa. No curso de Crítica Prática, costuma haver cerca de vinte alunos, por vezes até vinte e cinco, de modo que ao todo são quinze, dezesseis garotas e cinco ou seis rapazes, dos quais dois ou três são heterossexuais. As dez da noite, metade desse grupo já foi embora. Normalmente, ficam um rapaz hetero, talvez um rapaz gay e cerca de nove garotas. As que ficam são sempre as mais cultas, mais inteligentes e animadas da turma.

Elas falam sobre o que andam lendo, que músicas têm ouvido, as últimas exposições que foram ver — entusiasmos a respeito dos quais não costumam conversar com pessoas mais velhas, e às vezes nem mesmo com as amigas.

Elas se conhecem na minha turma. E me conhecem também. No decorrer da festa, de repente se dão conta de que sou um ser humano. Não sou o professor, não sou a minha reputação, não sou o pai delas. Moro num apartamento duplex agradável e bem-arrumado; elas vêem minha extensa biblioteca, estantes com prateleiras dos dois lados, onde estão guardados os livros que li ao longo de toda a minha vida, que ocupam quase todo o andar de baixo; vêem o meu piano, vêem como sou dedicado ao meu trabalho, e vão ficando.

Houve um ano em que minha aluna mais engraçada era como aquela cabra que vai se esconder dentro do relógio, no conto de fadas.

Expulsei os últimos alunos às duas da manhã, e enquanto me despedia deles dei pela falta de uma das garotas.

Perguntei: "Cadê a palhaça da turma, a filha de Próspero?" "Ah, acho que a Miranda já foi", alguém respondeu. Voltei para dentro do apartamento e comecei a arrumar a sala quando ouvi uma porta se fechando no andar de cima. A porta do banheiro. E Miranda desceu a escada, rindo, radiante, numa felicidade besta — eu nunca havia reparado, até aquele momento, que ela era tão bonita —, e disse: "Eu fui muito esperta, não fui? Me escondi no banheiro do segundo andar, e agora vou dormir com você".

Uma coisinha de nada, menos de um metro e sessenta, e foi tirando o suéter, me mostrando os peitos, revelando o torso adolescente de uma virgem de Balthus transgredindo pela primeira vez, e é claro que acabamos na cama. Como uma menina que fugisse do melodrama ameaçador de um quadro de Balthus para participar da festa da turma, Miranda havia passado a noite andando de gatinhas no chão, com o traseiro para cima, ou esparramada no sofá, indefesa, ou então encarapitada no braço de uma bergère, aparentemente sem perceber que, com a saia subindo as coxas e as pernas abertas de modo nada decoroso, estava com aquele exato ar de uma personagem de Balthus, parecendo estar seminua embora estivesse vestida. Tudo está escondido e nada está oculto.

Muitas daquelas meninas já tinham vida sexual desde os catorze anos, e ao chegar aos vinte sempre há uma ou duas que, movidas

pela curiosidade, resolvem transar com um homem da minha idade, mesmo que seja só uma vez, doidas para no dia seguinte contar tudo às amigas, que vão franzir a testa e perguntar: "Mas e a pele dele? Ele não tinha um cheiro esquisito? E aquele cabelo branco comprido? E aquela papada? E a barriga dele? Você não ficou com nojo?"

Miranda me disse depois: "Você já deve ter transado com centenas de mulheres. Eu queria saber como era". "E como foi?" Então ela disse coisas em que não acreditei de todo, mas não tinha importância. Ela fora audaz — havia se dado conta de que era capaz de fazer aquilo, por mais decidida e apavorada que se sentisse escondida no banheiro. Ela descobrira o quanto era corajosa ao se ver diante daquela justaposição insólita, descobrira que era capaz de vencer seus medos iniciais, bem como qualquer sentimento de repulsa que tivesse experimentado de início, e eu — com relação à tal justaposição — simplesmente me esbaldei.

Miranda, aquela menina que se esparramava, que aprontava palhaçadas, fazendo pose, a roupa de baixo espalhada pelo chão. Só o prazer de olhar já bastava. Se bem que ela me deu muito mais do que isso. As décadas que se passaram desde os anos 60 complementaram muito bem a revolução sexual. As meninas dessa geração são sensacionais em matéria de felação.

Nunca houve nada semelhante a essas garotas, na classe social delas.

Consuela Castillo. Olhei para ela e fiquei muitíssimo bem impressionado com sua atitude.

Ella sabia o quanto seu corpo valia. Sabia quem era. Sabia também que jamais encontraria um lugar no mundo cultural em que eu vivia — para Consuela, a cultura era uma coisa deslumbrante, mas não algo com que ela pudesse conviver.

Assim, veio à festa — eu temia que talvez não viesse — e, pela primeira vez, se abriu comigo.

Por não saber até que ponto seria cautelosa e séria, fiz questão de não demonstrar nenhum interesse especial por Consuela durante as aulas, nem nas duas ocasiões em que a recebi na minha sala para falar sobre seus trabalhos.

Nessas reuniões a dois, ela foi discreta e respeitosa, anotando tudo que eu dizia, por menos importante que fosse. Na minha sala, sempre entrava e saía com a jaqueta sob medida por cima da blusa. Na primeira vez em que veio falar comigo — sentamo-nos lado a lado à minha mesa, como manda o figurino, com a porta escancarada para o corredor público, com nossos oito membros, nossos dois torsos tão diferentes, perfeitamente visíveis para todos os Big Brothers que por lá passassem (e também com a janela aberta, aberta por mim, escancarada por mim, por temer o perfume de Consuela) —, na primeira vez, ela estava com uma calça elegante de flanela cinza, com as bainhas viradas, e na segunda veio com uma saia preta de jérsei com uma meia-calça preta por baixo, mas, tal como na sala de aula, aquela blusa de sempre, uma blusa creme contrastando com a pele alvíssima, desabotoada até o terceiro botão. Na festa, porém, ela tirou a jaqueta depois de tomar um único copo de vinho e, destemida, só de blusa, sorriu para mim, ofereceu-me um sorriso aberto, sedutor.

Estávamos a poucos centímetros um do outro, no meu escritório, onde eu acabava de lhe mostrar um manuscrito de Kafka que possuo — três páginas escritas à mão por Kafka, o discurso que ele fez numa festa em homenagem ao chefe da companhia de seguros onde trabalhava, o qual estava se aposentando; esse manuscrito de 1910 me fora dado de presente por uma mulher casada, rica, de trinta anos de idade, que tinha sido minha aluna-amante alguns anos antes.

Consuela estava falando de modo entusiástico a respeito de tudo. Ela se empolgou quando pus na sua mão o manuscrito de Kafka, e assim tudo começou a vir à tona ao mesmo tempo, perguntas que ela havia contido durante todo aquele semestre, ao mesmo tempo em que eu, em segredo, continha meu desejo. "Que tipo de música você costuma ouvir? Você toca piano mesmo? Você lê o dia inteiro? Você sabe de cor todos os poemas que tem nas suas estantes?"

Cada uma daquelas perguntas deixava claro o quanto a maravilhava — foi essa a palavra que ela usou — a minha vida, minha vida cultural coerente e tranqüila. Perguntei-lhe o que ela

estava fazendo, como era sua vida, e Consuela me explicou que depois do colegial não entrara para a faculdade logo em seguida — tinha decidido trabalhar como secretária. Isso eu havia percebido desde o início: a secretária particular decorosa e fiel, um verdadeiro tesouro para um homem poderoso, banqueiro ou dono de firma de advocacia. Sem dúvida, Consuela pertencia a uma outra era, uma era mais bem-comportada; parecia-me que a maneira como se via a si própria, tal como sua postura, tinha muito a ver com o fato de que ela era filha de imigrantes cubanos ricos, gente endinheirada que fugira da revolução.

Disseme Consuela: "Não gostei de ser secretária. Tentei durante dois anos, mas é um mundo muito chato, e meus pais sempre queriam que eu voltasse para a faculdade, era o que eles esperavam de mim. Até que finalmente resolvi estudar, mesmo. Acho que eu estava tentando me rebelar, mas era uma coisa infantil, por isso me matriculei. Fico maravilhada com as artes". Novamente a palavra "maravilhar", usada de modo abundante e sincero. "Do que é que você gosta?", perguntei. "Teatro. Tudo que é tipo de teatro. Eu vou à ópera. Meu pai adora ópera, e nós vamos juntos ao Met. O favorito dele é Puccini. Eu sempre gosto de ir com ele." "Você adora os seus pais." "Adoro, sim", disse ela. "Me fale sobre eles." "Pois é, eles são cubanos. Muito orgulhosos. E se deram muito bem aqui. Os cubanos que vieram pra cá por causa da revolução tinham uma certa maneira de ver o mundo, e — não sei por quê — todos se deram muito bem. Aquele primeiro grupo, como a minha família, trabalhou muito, eles fizeram tudo que era preciso fazer, se deram tão bem que, como o meu avô dizia, aqueles que chegaram e precisaram de ajuda do governo logo no início, porque não tinham nada, alguns deles, poucos anos depois, começaram a mandar cheques para o governo, devolvendo o que haviam recebido.

Eles não sabiam o que fazer com o dinheiro, meu avô dizia. Foi a primeira vez na história do Tesouro dos Estados Unidos que houve devolução de dinheiro." "Você adora o seu avô, também. Como é que ele é?", indaguei. "Ele é como meu pai — uma pessoa equilibrada, extremamente tradicional, com uma visão do mundo bem européia. Dar duro e se instruir acima de tudo. Acima de tudo,

mesmo. E, como o meu pai, um homem totalmente família. Muito religioso. Se bem que não é tanto de ir à igreja.

Meu pai também não. Mas a minha mãe vai.

Minha avó também. Minha avó reza o terço toda noite. As pessoas dão terços de presente pra ela.

Ela tem uns terços que são os prediletos dela.

Minha avó adora o terço dela." "Você vai à igreja?" "Quando eu era pequena. Agora, não.

Minha família sabe se adaptar. Os cubanos daquela geração sabiam se adaptar, até certo ponto. Minha família gostaria que a gente fosse à igreja, eu e o meu irmão, mas eu não vou, não."

"Que tipo de restrição uma moça cubana criada nos Estados Unidos enfrenta que não existe numa família americana típica?" "Ah, eu tinha que chegar em casa muito mais cedo. Tinha que chegar em casa numa hora em que as minhas amigas todas estavam saindo de casa, no verão.

Eu tinha que estar em casa às oito da noite, em pleno verão, quando tinha catorze, quinze anos.

Mas o meu pai não era uma pessoa assustadora.

Ele é um pai bem normal, simpático. Só que nenhum garoto podia entrar no meu quarto. Nunca.

Mas quando fiz dezesseis anos, comecei a ser tratada igual às minhas amigas, quanto à hora de chegar em casa, esses lances." "E os seus pais, quando foi que eles vieram pra cá?" "Em 1960. Naquela época o Fidel ainda deixava as pessoas saírem. Eles se casaram em Cuba.

Primeiro foram pro México. Depois vieram pra cá. Eu nasci aqui, é claro." "Você se considera americana?" "Eu nasci aqui, mas não, eu sou cubana. Cubaníssima." "Isso me surpreende, Consuela. A sua voz, seu jeito, seu vocabulário, 'esses lances', 'o cara'. A mim, você parece completamente americana. Por que é que você se considera cubana?" "Minha família é cubana.

É isso. E só isso. A minha família tem um orgulho extraordinário. Eles adoram o país deles. É uma coisa que está no coração. Está no sangue. Eles já eram assim em Cuba." "Por que é que eles gostam

tanto de Cuba?" "Ah, lá era muito divertido. Era uma sociedade de pessoas que tinham o melhor do que havia em todo o mundo.

Totalmente cosmopolitas, ainda mais quem morava em Havana. E era lindo. Tinha umas festas sensacionais. Eles realmente se divertiam muito." "Festas? Me fala sobre as festas." "Eu tenho umas fotos da minha mãe nos bailes à fantasia. Do tempo de debutante dela. Fotos do baile de debutante da minha mãe." "O que é que a família dela fazia?" "Ah, isso aí é uma longa história." "Me conta." "Bom, o primeiro espanhol da família da minha avó foi pra lá como general.

Era de uma família espanhola rica, dinheiro velho. Minha avó tinha aula particular em casa, aos dezoito anos foi a Paris pra comprar vestidos. Na minha família tem título de nobreza dos dois lados, de mãe e de pai, nobreza espanhola. Alguns são antiqüíssimos. Quer dizer, minha avó é duquesa — lá na Espanha." "E você é duquesa também, Consuela?" "Não", ela respondeu, sorrindo, "sou só uma garota cubana de sorte." "Pois bem, você pode muito bem passar por duquesa. Deve haver uma duquesa parecida com você nas paredes do Museu do Prado. Você conhece aquela famosa pintura de Velázquez, *As meninas*? Se bem que a princesinha desse quadro é clara, é loura." "Acho que não conheço, não." "Está lá em Madri. No Prado. Eu vou lhe mostrar."

Descemos a escada de aço em espiral até minha biblioteca, encontrei um volume grande de reproduções de obras de Velázquez, e passamos quinze minutos sentados lado a lado, virando as páginas, um quarto de hora emocionante em que nós dois aprendemos alguma coisa — ela, pela primeira vez, a respeito de Velázquez, e eu, mais uma vez, sobre a deliciosa imbecilidade do desejo. Toda essa conversa! Eu mostrando Kafka e Velázquez a ela... por que é que a gente faz isso? Bem, a gente tem de fazer alguma coisa.

São os véus da dança. Não confundir com sedução. Isso não tem nada a ver com sedução.

O que se está disfarçando aqui é o motivo de tudo, o desejo puro e simples. Os véus ocultam o impulso cego. Quem fala sobre todos esses assuntos tem a impressão errônea, tanto quanto ela, de

que sabe do que está falando. Mas não é como uma conversa com o advogado no médico, em que o que vai ser dito no decorrer da conversa vai alterar o rumo dos seus atos. Aqui, você sabe o que quer, sabe o que vai fazer, e nada vai fazê-lo mudar de idéia. Nada do que vai ser dito aqui vai mudar coisa alguma.

A grande peça que a biologia prega nas pessoas é que a gente já é íntima antes mesmo de saber coisa alguma a respeito da outra pessoa. No primeiro momento, já entendemos tudo. Um é atraído pela superfície do outro no início, mas também intui a dimensão mais profunda. E a atração não precisa ser equivalente: ela se sente atraída por uma coisa, você por outra. É a superfície, é curiosidade, mas então, pum!, a dimensão profunda. É bom ela ser cubana, é bom a avó dela ser isso e o avô aquilo, é bom eu saber tocar piano e ter um manuscrito de Kafka, mas tudo isso não passa de um desvio no caminho que vamos acabar seguindo. Faz parte do encantamento, imagino; porém, se essa parte não fosse necessária, eu gostaria muito mais.

Em matéria de encantamento, o sexo por si só já basta. Será que os homens acham as mulheres tão encantadoras quando o sexo é omitido? Será que alguém, qualquer que seja o sexo, acha alguém encantador se não houver nada de sexual entre eles? Tem alguém que encanta você sem ser por isso? Não tem.

Ela pensa: estou dizendo a ele quem sou. Ele está interessado em quem eu sou. Isso é verdade, mas estou curioso a respeito dela porque quero comê-la. Não preciso que ela se interesse tanto por Kafka e Velázquez. Enquanto converso com ela, estou pensando: ainda vou precisar de quanto tempo de conversa? Três horas? Quatro? Será que vai chegar a oito? O véu começou há apenas vinte minutos e já estou me perguntando: afinal, o que é que isso tudo tem a ver com os peitos dela, a pele dela, o porte dela? A arte francesa do flerte não me interessa nem um pouco. O que me interessa é o impulso selvagem. Não, isso não é sedução. É comédia. É a comédia de criar uma conexão que não é a conexão — que não chega aos pés da conexão — criada de modo nada artificial pelo desejo. Isso é a convenção instantânea, que nos dá algo em comum de imediato, a tentativa de transformar o desejo em alguma

coisa que seja socialmente aceitável. No entanto, o que faz do desejo, desejo é justamente o que nele há de radicalmente inaceitável. Não, isso aqui é apenas uma maneira de traçar a trajetória, não para a frente, mas para trás, em direção ao impulso elementar. Não confundir o véu com a transação real. Sem dúvida, pode até surgir uma outra coisa, mas essa outra coisa não tem nada a ver com sair para comprar cortinas e edredons, nada a ver com entrar para o clube da evolução da espécie. A evolução da espécie pode continuar perfeitamente sem mim. Eu quero comer essa garota, e vou ter que aturar alguns véus, sim, mas é só um meio de atingir um fim. Até que ponto isso é uma estratégia? Agrada-me a idéia de que isso é apenas uma estratégia.

"Vamos ao teatro um dia desses?", perguntei-lhe. "Ah, acho uma ótima idéia", respondeu Consuela, e eu não sabia na época se ela estava sozinha ou se tinha namorado, mas não importava, e dois ou três dias depois — e tudo foi oito anos atrás, em 1992 — ela me mandou um bilhete dizendo: "Foi ótimo ser convidada para sua festa, conhecer o seu apartamento maravilhoso, a sua biblioteca extraordinária, ter nas mãos um papel com palavras escritas por Franz Kafka. Foi muita generosidade sua me apresentar a obra de Diego Velázquez...".

Consuela acrescentou seu telefone juntamente com seu endereço, e assim telefonei para ela e convidei-a para sair. "Que tal pegar um teatro comigo? Você sabe que meu trabalho é esse.

Tenho que ir ao teatro quase toda semana, e sempre me dão dois ingressos, e talvez você queira ir comigo."

Assim, nos encontramos num restaurante, fomos ao teatro, não foi nem um pouco interessante, eu estava sentado ao lado dela, olhando para aqueles seios lindos, para aquele corpo lindo. Ela tem seios tamanho 44, essa duquesa, seios realmente grandes e bonitos, e uma tez muito branca, o tipo de pele que, só de olhar, dá vontade de lambar. E no teatro, no escuro, o poder da imobilidade dela era tremendo. O que poderia ser mais erótico naquela situação do que a aparente ausência, na mulher fascinante, de qualquer intenção erótica?

Depois da peça, eu lhe disse que podíamos ir beber em algum lugar, só que havia um problema. "As pessoas me reconhecem por causa da televisão, e onde a gente for, seja o Algonquin, o Carlyle, qualquer lugar, pode ser que alguém venha perturbar a nossa privacidade." Ela observou: "Já reparei que as pessoas ficam reparando na gente, no restaurante e no teatro". "Isso incomodou você?", perguntei. "Não sei se me incomodou. Só sei que percebi. E fiquei pensando se *você* se incomodava." "Não se pode fazer nada", respondi; "faz parte do trabalho." "Imagino", disse ela, "que ficaram achando que eu era uma tiete." "Você não tem a menor cara de tiete", garanti. "Mas aposto que foi isso que eles pensaram. 'Olha lá o David Kepesh com uma das tietes dele.' Eles devem achar que eu sou uma garota boba, uma deslumbrada." "E se eles pensassem isso, mesmo?", perguntei. "Acho que eu não ia gostar muito, não. Eu queria terminar a faculdade antes de meus pais me verem na Page Six do *Post*." "Eu acho que você não vai sair na Page Six. Isso não vai acontecer." "Eu espero que não aconteça, sério", disse ela. "Olha, se isso está incomodando você", propus, "a gente pode resolver o problema indo pro meu apartamento. A gente pode beber alguma coisa lá." "Está bem", disse ela, mas só depois de um momento sério, entregue a pensamentos silenciosos, "acho que é uma idéia melhor." Não uma boa idéia, apenas uma idéia melhor.

Fomos para o meu apartamento, e ela me pediu que eu pusesse alguma música. Normalmente eu escolhia música clássica leve para ela. Trios de Haydn, a *Oferenda musical*, movimentos rápidos de sinfonias de Beethoven, adágios de Brahms.

Ela gostava em particular da sétima de Beethoven, e assim em várias noites sucessivas ela se entregou ao impulso irresistível de ficar em pé e balançar os braços no ar, de brincadeira, como se fosse ela e não Bernstein que estivesse regendo a orquestra. A visão daqueles seios estremecendo sob a blusa enquanto ela, como uma criança representando, fingia reger a orquestra com uma batuta invisível era profundamente excitante, e é bem possível que não houvesse nada de infantil naquilo, que ela fingisse reger justamente para me excitar.

Porque sem dúvida não demorou para que ela se desse conta de que não era possível continuar acreditando, como uma aluna, que era o velho professor quem estava no comando. Pois no sexo não há um ponto de equilíbrio absoluto.

Não existe igualdade sexual, não pode haver igualdade sexual, uma igualdade em que as duas partes sejam iguais, em que o quociente masculino e o quociente feminino estejam perfeitamente equilibrados. Não há como negociar de modo medido essa loucura. Não se trata de um acordo de cinquenta por cento para um, cinquenta por cento para outro, como numa transação comercial. O que está em jogo aqui é o caos de Eros, a desestabilização radical que é a excitação erótica. Na hora do sexo, todos nós voltamos para a selva. Voltamos para o pântano.

O que há é um domínio, um *desequilíbrio* perpétuo. Você vai excluir o domínio? Você vai excluir a entrega? O domínio é a pederneira, é ele que produz a faísca, que dá início a tudo. Depois, o quê? Escute. Você vai ver. Você vai ver aonde leva o domínio. Você vai ver aonde leva a entrega.

Às vezes, como naquela noite, eu escolhia para ela um quinteto de cordas de Dvorák — uma música eletrizante, fácil de reconhecer e apreender. Ela gostava que eu tocasse piano, isso criava uma atmosfera romântica e sedutora que agradava a ela, e a mim também. Os prelúdios mais fáceis de Chopin. Schubert, alguns dos *Momentos musicais*. Movimentos de algumas das sonatas. Nada de muito difícil, peças que eu já havia estudado e não tocava muito mal. Normalmente só toco quando estou sozinho, mesmo agora que minha técnica melhorou, mas era agradável tocar para ela.

Tudo aquilo fazia parte da embriaguez — para nós dois. Tocar música é uma coisa engraçada.

Algumas coisas agora estão mais fáceis para mim, porém a maioria das peças tem um trecho que é sempre difícil, passagens que nunca consegui resolver durante todos os anos em que estudei piano sozinho, sem professor. Naquele tempo, quando eu esbarrava num problema, sempre arranjava uma maneira maluca de resolvê-lo. Ou de não resolvê-lo — certos saltos, movimentos complicados de um lado do teclado para o outro, desses que arrebatam os dedos

da gente. Eu ainda não tinha professora no tempo em que conheci Consuela, então o jeito era apelar para aquelas improvisações idiotas que eram minhas soluções para os problemas técnicos. Só tive umas poucas aulas quando menino e, até arranjar a professora, há cinco anos, eu era basicamente um autodidata. Uma formação muito precária. Se tivesse estudado a sério, hoje precisaria gastar menos tempo estudando. Acordo cedo e fico duas horas, duas horas e meia quando posso, estudando, ao nascer do dia — mais do que isso não dá. Se bem que, quando estou trabalhando em algumas peças em particular, estudo mais um pouco depois. Estou em forma, mas me canso logo.

Tanto mental quanto fisicamente. Já li uma quantidade enorme de música. Quer dizer, li no sentido técnico — não é só ler como quem lê um livro, e sim fazer uma leitura diante do teclado.

Comprei uma quantidade enorme de partituras, tenho tudo em matéria de literatura para piano, e eu lia muito, e tocava muita coisa, ainda que mal. Uma em outra passagem, não tão mal assim. Para ver como é que a peça funcionava.

Não chegava a tocar bem, mas me dava algum prazer. E nosso tema é o prazer. Como encarar de modo sério, no decorrer de toda uma existência, os prazeres modestos e íntimos que podemos ter.

As aulas de piano foram um presente que dei a mim mesmo quando completei sessenta e cinco anos e finalmente consegui me recuperar da perda de Consuela. E de lá para cá avancei muito. Hoje toco umas peças bem difíceis.

Intermezzi de Brahms. Schumann. Um prelúdio difícil de Chopin. Eu encaro um trecho de uma peça bem difícil, ainda não sei tocar bem, mas continuo trabalhando. Quando digo à minha professora, irritado: "Não consigo tocar isso direito. Como é que a gente resolve esse problema?", ela responde: "O jeito é tocar mil vezes". Como tudo que dá prazer, você entende, a coisa tem um lado desagradável, mas minha relação com a música se aprofundou, e agora se tornou essencial para minha vida. Faz sentido me dedicar a isso agora. Porque as garotas — por quanto tempo ainda vou poder?

Não posso afirmar que Consuela se excitava tanto ao me ver tocando piano quanto eu me excitava ao vê-la fingindo reger

Beethoven. Até hoje não posso afirmar com certeza se alguma coisa que eu fazia excitava Consuela sexualmente. E por esse motivo, acima de tudo, que desde a primeira vez em que fomos para a cama, há oito anos, jamais tive um único momento de paz; é por isso que, tenha ela percebido o fato ou não, a partir desse momento passei a ser só fraqueza e preocupação; por isso jamais consegui concluir se a solução era vê-la com mais freqüência ou com menos freqüência ou até mesmo parar de procurá-la, abrir mão dela — fazer o impensável e, aos sessenta e dois anos de idade, abrir mão voluntariamente de uma garota belíssima, com vinte e quatro anos de idade, que me dizia centenas de vezes: "Eu te adoro", mas que nunca, nem mesmo de modo insincero, conseguiu se obrigar a sussurrar: "Eu te desejo, eu quero você — não posso viver sem o teu pau".

Consuela não era desse tipo. E no entanto era por isso que o medo de que ela me trocasse por outro jamais me deixava em paz, por isso que eu não conseguia parar de pensar nela, por isso que, estando ela presente ou não, jamais me sentia seguro em relação a ela. O lado obsessivo desse estado era terrível. Quando se está sendo iludido, ajuda não pensar demais e simplesmente gozar o prazer da ilusão. Mas para mim esse prazer não existia: eu só fazia pensar — pensar, preocupar-me e sofrer, sim. Concentre-se no prazer, eu dizia a mim mesmo. Que outro motivo senão o prazer me faz optar por levar a vida que levo, impondo um mínimo de restrições à minha independência? Tive o meu casamento, quando estava na faixa dos vinte fiz aquele primeiro casamento ruim que tantas pessoas fazem, o primeiro casamento ruim que é tão ruim quanto o serviço militar, mas depois disso tomei a decisão de não ter o segundo casamento ruim, nem o terceiro, nem o quarto. Decidi, depois daquilo, nunca mais voltar para dentro da gaiola.

Naquela primeira noite, estávamos sentados no sofá ouvindo Dvorák. A certa altura Consuela encontrou um livro que a interessou — já não me lembro qual, mas nunca vou me esquecer daquele momento. Ela virou-se — eu estava sentado aí onde você está, no canto do sofá, e ela estava ali —, virou o torso em noventa graus, e com o livro apoiado no braço do sofá começou a ler, e por estar ela

inclinada para a frente, vi por baixo da roupa suas nádegas, vi a forma nítida, o que era um convite sensacional.

Consuela é uma moça alta, com um corpo ligeiramente estreito demais. Era como se seu corpo não lhe servisse exatamente. Não por ser ela gorda demais. Mas ela está longe de ser o tipo anoréxico. A gente vê carne feminina, e é carne da boa, abundante — é *por isso* que você vê. Pois então lá estava ela, não completamente deitada no sofá, mas mesmo assim, com as nádegas meio que viradas para mim. Uma mulher que tem consciência do próprio corpo como Consuela tem e faz o que ela está fazendo, concluí, está me convidando a tomar a iniciativa.

O instinto sexual continua intacto — sem nenhuma interferência do senso de decoro cubano. Naquela bunda semi-virada para mim, vejo que não há nada me separando da coisa pura. Indo aquilo de que falamos, tudo aquilo que tive de ouvir a respeito da família dela, nada daquilo interferiu. Ela sabe virar a bunda direitinho, apesar de tudo isso. Da maneira primordial. Exibindo-se. E a exibição é perfeita. Ela está me dizendo que não preciso mais conter os impulsos de tocar.

Comecei a acariciar suas nádegas, e ela gostou.

Disse: "É uma situação esquisita. Eu nunca vou poder ser a sua namorada. Por todos os motivos possíveis. Você vive num mundo diferente".

"Diferente?", perguntei, rindo. "Diferente por quê?" E nesse momento mesmo, é claro, a gente começa a mentir, dizendo: "Ah, não é um lugar tão elevado assim, se é isso que você está imaginando. Não é um mundo tão glamoroso assim. Nem chega a ser um mundo. Uma vez por semana eu apareço na televisão. Uma vez por semana eu falo no rádio. Uma ou duas vezes por mês publico alguma coisa nas últimas páginas de uma revista lida por vinte pessoas, no máximo. O meu programa? É um programa cultural que passa nas manhãs de domingo. Ninguém assiste. Não é um mundo que dê motivo pra você se preocupar. Eu posso trazer você para esse mundo com a maior facilidade. Fica comigo, por favor.

Ela parece estar pensando no que eu disse, mas o que é que ela pode estar pensando? "Está bem", diz ela, "por ora. Por hoje. Mas jamais vou poder ser sua esposa." "Concordo", disse eu, mas pensei: e quem é que estava pedindo a ela que se casasse comigo? Quem foi que levantou essa possibilidade? Estou com sessenta e dois anos, ela com vinte e quatro. É só eu pegar na bunda dela que ela vem me dizer que não pode se casar comigo? Eu não sabia que ainda existiam garotas assim. Ela é ainda mais tradicional do que eu imaginava. Ou talvez mais estranha, mais fora do comum do que eu imaginava. Como eu viria a descobrir, Consuela é uma garota comum, mas não é previsível. Não há nada de mecânico em seu comportamento.

Ela é ao mesmo tempo diferente e misteriosa, e cheia de pequenas surpresas. Mas, principalmente no começo, era difícil para mim decifrá-la, e erroneamente — ou talvez não — fiquei achando que isso tinha a ver com o fato de ela ser cubana. "Eu adoro meu mundinho cubano", disse Consuela. "Adoro minha família acolhedora, e já deu para eu perceber que isso é uma coisa que você não vai gostar, que você não vai querer. De modo que eu nunca vou poder ser sua, de verdade."

Essa ingenuidade simpática, combinada com aquele corpo maravilhoso, era tão fascinante para mim que nem mesmo naquele momento, naquela primeira noite, consegui ter certeza de que ia conseguir comê-la como se ela fosse mais uma Miranda sapeca. Não, Consuela não era como a cabra dentro do relógio. Ela podia dizer qualquer coisa — era tão estupidamente atraente que eu não apenas não conseguia resistir a ela como também não era capaz de imaginar que algum homem conseguisse resistir, e foi naquele momento, acariciando suas nádegas enquanto ela explicava que não podia ser minha esposa, que meu terrível ciúme nasceu.

O ciúme. A insegurança. O medo de perdê-la, mesmo quando eu estava deitado em cima dela.

Obsessões que, em toda a minha experiência tão variada, eu jamais experimentara. Com Consuela, como jamais ocorrera com ninguém antes dela, no mesmo instante toda a minha autoconfiança escorreu pelo ralo abaixo.

Assim, fomos para a cama. Aconteceu depressa, menos por causa do meu inebriamento do que pela falta de complexidade dela. Ou melhor: sua clareza. Ou melhor: sua maturidade recém-adquirida, porém uma maturidade, eu diria, de caráter simples: ela estava em comunhão com aquele corpo exatamente como queria estar, tal como não conseguia estar em comunhão com a arte. Ela se despiu, e não apenas a blusa era de seda, mas também a roupa de baixo era de seda. Sua lingerie era quase pornográfica. Uma surpresa. Está claro que ela a escolheu para agradar. Está claro que ela a escolheu pensando num homem, mesmo que nenhum homem jamais viesse a vê-la. Está claro que você não faz a menor idéia do que ela é, do quanto ela é inteligente ou burra, do quanto é superficial ou profunda, inocente ou traiçoeira, ou sábia, ou até mesmo perversa. Com uma mulher controlada como ela, com tamanho poder sexual, não se pode fazer idéia de nada disso, jamais. O emaranhado que é o caráter dela fica obscurecido por sua beleza. Assim mesmo, fiquei muito comovido ao ver aquela lingerie, ao ver aquele corpo. "Olha só você", eu disse.

Duas coisas no corpo de Consuela chamam a atenção. Em primeiro lugar os seios. Os seios mais magníficos que jamais vi — e olhe que eu nasci em 1930: a esta altura, já vi muitos seios.

Os dela eram redondos, cheios, perfeitos. O tipo de seio com um mamilo que parece um pires.

Não o que parece um úbere, porém aquele mamilo grande, de um tom claro de rosa parda-cento, que é tão excitante. A segunda coisa era o fato de que seus pêlos pubianos eram lisos.

Normalmente são encaracola-dos. Os dela pareciam cabelo de asiático. Lisos, estendidos, e parcios. O detalhe dos pêlos pubianos é importante porque vai reaparecer.

Sim, puxei os lençóis e ela veio para a minha cama, Consuela Castillo, exemplar superclássico da fêmea fértil de nossa espécie de mamífero. E já naquela primeira vez, com apenas vinte e quatro anos, ela estava disposta a sentar-se em cima de mim. Uma vez lá, ficou um pouco insegura, e até eu lhe dar um tapinha no braço para chamar sua atenção e fazê-la ir um pouco mais devagar, ela estava desligada de tudo, com uma energia excessiva, disparada, com os

olhos fechados, perdida numa brincadeira infantil só dela. Era um pouco como se estivesse regendo a orquestra de brincadeira. Creio que estava tentando se entregar por completo, mas era jovem demais para isso, por mais que se esforçasse, e não foi isso que acabou fazendo.

Porém, sabendo quanto seus seios me atraíam, e querendo que eu os visse do melhor ângulo, Consuela montou em mim quando lhe pedi. E fez então uma coisa um tanto pornográfica para se fazer na primeira vez, e isso, mais uma vez para minha surpresa, por iniciativa própria — brincou com os seios em torno do meu pau. Ela debruçou-se sobre mim e colocou meu pau entre seus peitos, para que eu o visse aninhado, enquanto ela apertava um seio contra o outro com a mão. Sabia o quanto aquela visão me excitava, a pele de um contra a pele do outro.

Lembro-me de ter dito: "Você se dá conta de que tem os seios mais bonitos que eu já vi em toda a minha vida?". E, como uma secretária eficiente e perfeita anotando um memorando, ou talvez como uma filha cubana bem-educada, respondeu: "Eu sei, sim. Percebo como você se liga nos meus seios".

Mas no começo, de modo geral, quando fazíamos amor o ritmo era quase sempre excessivo. Ela estava se esforçando demais para impressionar seu professor. Mais devagar, me acompanhe, eu dizia. Menos energia, mais compreensão. Você pode controlar o processo com mais sutileza. Uma atitude de naturalidade crua tem um lado muito bom, mas não com esse distanciamento. As primeiras vezes em que me chupou, Consuela sacudia a cabeça com uma rapidez implacável, tá-tá-tá — era impossível não gozar muito antes do que eu pretendia, mas então, no momento em que eu começava a ejacular, ela parava de repente e recebia o jato como se fosse um ralo aberto. Era como gozar dentro de uma cesta de papéis. Ninguém jamais havia dito a ela para não parar naquela hora.

Nenhum dos cinco namorados anteriores tinha ousado lhe dizer isso. Eram jovens demais. Eram da idade dela. já estavam mais do que satisfeitos de estar conseguindo aquilo.

Então aconteceu uma coisa. A mordida. O revide.

A mordida que era o revide da vida. Uma noite Consuela transgrediu os limites da sua eficiência habitual, tranquilizadora e bem-comportada, ultrapassou os limites dos manuais e se aventurou por território desconhecido, e foi então que a turbulência daquele caso teve início para mim. A coisa aconteceu assim. Uma noite, quando ela estava estirada na cama debaixo de mim, passiva, esperando que eu lhe abrisse as pernas e a penetrasse, em vez disso coloquei dois travesseiros atrás de sua cabeça, levantando-a, colocando-a num determinado ângulo contra a cabeceira, pus um joelho de cada lado de sua cabeça, ficando minha bunda acima do centro de seu corpo, inclinei-me sobre o rosto dela e, com um ritmo implacável, comecei a foder sua boca. E que eu já estava tão entediado com aquelas felações mecânicas que, para escandalizá-la, fixei-a naquela posição, fixei-a segurando-lhe os cabelos, enrascando uma mecha numa das mãos, em torno do punho, como se fosse uma correia, como se fossem as rédeas presas a um bridão.

Ora, nenhuma mulher gosta que lhe puxem os cabelos. Muitas mulheres até ficam excitadas, mas isso não quer dizer que gostem. E não gostam porque não há como negar que é um gesto de domínio, um domínio que se impõe e persiste, que as faz pensar: é exatamente como eu imaginava que o sexo seria. Uma coisa brutal, sim — esse cara não é um bruto, mas sabe ser brutal. Depois que gozei, quando me afastei, Consuela parecia não apenas horrorizada, mas também enfurecida. Sim, finalmente alguma coisa está acontecendo com ela. Não é mais tão confortável para ela. Não é mais a mesma coisa do que fazer escalas no piano. Por dentro, ela está fervendo, de modo incontrolável. Eu continuava em cima dela — ajoelhado sobre ela, pingando nela — e estávamos nos encarando olho no olho, friamente, quando, depois de engolir com força, ela trincou os dentes. De repente. Com crueldade. Uma crueldade dirigida a mim. Não foi um ato. Foi uma reação instintiva.

Ela mordeu, usando toda a força dos músculos mastigatórios para fechar o maxilar com violência. Era como se estivesse dizendo: eu podia ter feito isso, era o que eu queria fazer, mas não fiz.

Até que enfim, a reação direta, incisiva, visceral, partindo daquela beleza clássica e contida! Até então, tudo era controlado

pelo narcisismo, pelo exibicionismo, e apesar da exibição de energia, apesar da audácia, havia ali algo de estranhamente inerte. Não sei se Consuela ainda se lembra daquela mordida, aquela mordida vivificante que a libertou de sua atitude de auto-vigilância e iniciou-a no sonho sinistro, mas eu nunca vou me esquecer. A verdade do amor em sua íntegra. A garota instintiva irrompendo não apenas do invólucro de sua vaidade, mas também do cativado de seu lar cubano aconchegante. Foi assim que teve início de verdade seu domínio sobre mim — o domínio em que eu a iniciei através do meu domínio. Eu sou o responsável pelo domínio dela sobre mim.

Sabe, acho que em mim Consuela percebeu a existência de uma versão adquirível do refinamento de sua família, daquele passado aristocrático irreversivelmente perdido que é mais ou menos um mito para ela. Um homem do mundo. Uma autoridade em matéria de cultura.

O professor dela. A maioria das pessoas fica horrorizada com a diferença enorme de idade, mas é justamente isso que atrai Consuela. A estranheza erótica é a única coisa que as pessoas em geral registram, e registram como repugnância, como uma farsa repugnante. Mas a idade que tenho é da maior importância para Consuela. Essas garotas que andam com velhos não o fazem apesar da idade — elas são atraídas pela idade, fazem o que fazem *por causa* da idade. Por quê? No caso de Consuela, porque a enorme diferença de idade lhe dá permissão de submeter-se, creio eu. Minha idade e meu status lhe dão uma justificativa racional para entregar-se, e entregar-se na cama não é uma sensação desagradável. Mas, ao mesmo tempo, entregar-se de modo íntimo a um homem muito, mas muito mais velho, dá a esse tipo de garota uma autoridade que ela não consegue obter numa relação sexual com um homem mais moço. Ela obtém tanto os prazeres da submissão quanto os prazeres do domínio. Se um rapaz se submete ao poder dela, que significado tem isso, sendo ela uma criatura tão obviamente desejável? Mas fazer com que um homem do mundo se submeta a ela apenas por causa da força de sua juventude e sua beleza? Capturar o interesse total, tornar-se a paixão absorvente de um homem que lhe é inacessível em todas as outras esferas, penetrar num mundo que ela

admira e que estaria fechado para ela não fosse essa via de acesso — isso é poder, e é o poder que ela deseja. A troca de domínios não é feita de modo seqüencial, e sim contínua. E não é bem uma troca; é mais um entrelaçamento. E aí está a fonte não apenas da minha obsessão por ela, mas também da contra-obsessão dela por mim.

Pelo menos foi como entendi a coisa na época, o que pouco me ajudou a compreender o que ela estava tentando fazer e por que eu estava me envolvendo cada vez mais.

Por mais que você saiba, por mais que você pense, por mais que você planeje, projete e conspire, você não é superior ao sexo. O sexo é um jogo muito arriscado. Um homem não teria dois terços dos problemas que tem se não se metesse em aventuras para conseguir foder. É o sexo que perturba nossas vidas naturalmente ordenadas. Sei disso melhor do que qualquer um. Todas as vaidades, sem exceção, voltam para zombar de você. Leia o *Don Juan* de Byron.

Mas o que é que você faz se você está com sessenta e dois anos e acha que nunca mais vai conseguir se apossar de uma coisa tão perfeita?

O que é que você faz se você está com sessenta e dois anos e a vontade de tomar tudo aquilo que ainda pode ser tomado continua mais forte do que nunca? O que é que você faz se você está com sessenta e dois anos e se dá conta de que todos aqueles órgãos até agora invisíveis (rins, pulmões, veias, artérias, cérebro, intestinos, próstata, coração) estão começando a se manifestar da maneira mais assustadora, ao mesmo tempo em que o órgão que protagonizou a maior parte da sua vida está fadado a murchar, até se tornar insignificante?

Não me entenda mal. Não estou dizendo que, através de uma Consuela, você consegue se iludir e ficar achando que tem uma última oportunidade de ser jovem. Pelo contrário, a distância que separa você da juventude fica mais evidente do que nunca. Na energia dela, no seu entusiasmo, sua ignorância juvenil, sua *sapiência* juvenil, a diferença é enfatizada a cada momento. Você nunca tem a menor dúvida de que quem tem vinte e quatro anos é

ela. Só mesmo um idiota pode achar que voltou a ser jovem. Se você se sentisse jovem, seria fácil.

Mas, longe de se sentir jovem, o que você sente é o contraste doloroso entre o futuro ilimitado dela e os limites do seu futuro, você sente mais até do que já costuma sentir a dor da perda de todos os seus dons que já foram embora. E como jogar beisebol com um grupo de rapazes de vinte e poucos anos. Você não se sente jovem por estar jogando com eles. Você nota a diferença a cada segundo do jogo. Mas pelo menos você não está sentado, de fora, assistindo.

O que acontece é o seguinte: você sente da maneira mais dolorosa o quanto envelheceu, só que de uma maneira nova.

Você pode imaginar o que é a velhice? É claro que não. Eu não podia. Nunca consegui. Não fazia idéia do que era. Não tinha nem mesmo uma imagem falsa — não tinha imagem nenhuma. E ninguém quer outra coisa. Ninguém quer encarar a velhice antes de ser obrigado a encará-la. Como é que tudo vai terminar? Em relação a isso, ser obtuso é *de rigueur*.

Por motivos óbvios, é impossível imaginar uma etapa de vida posterior àquela em que estamos.

Às vezes já chegamos na metade da fase seguinte quando nos damos conta de que já estamos nela. Além disso, as primeiras etapas da velhice têm lá suas vantagens. Mesmo assim, as intermediárias são ameaçadoras para muita gente. Mas e a etapa final? Curioso — é a primeira vez 11a vida que você consegue ficar completamente de fora da situação que você está vivendo. Observar a decadência do próprio corpo de um ponto de vista externo (para quem tem a sorte que eu tive) permite que a gente se sinta, graças à vitalidade que continua a ter, a uma distância razoável dessa decadência — às vezes dá até para sentir-se orgulhosamente independente dela. Sem dúvida, vão aumentando cada vez mais os sinais que nos levam a tirar aquela conclusão desagradável, mas assim mesmo a gente continua de fora. E a fúria dessa objetividade é brutal.

É importante traçar uma distinção entre o morrer e a morte. O morrer não é um processo ininterrupto. Se a gente tem saúde e se sente bem, é um processo invisível. O final que é uma certeza nem

sempre se anuncia de maneira espalhafatosa. Não, você não consegue entender. A única coisa que você entende a respeito dos velhos quando você não é velho é que eles foram marcados pelo tempo. Mas compreender isso só tem o efeito de fixá-los no tempo deles, e assim você não compreende nada. Para aqueles que ainda não são velhos, ser velho significa *ter sido*. Porém ser velho significa também que, apesar e além de ter sido, você continua sendo. Esse ter sido ainda está cheio de vida. Você continua sendo, e a consciência de continuar sendo é tão avassaladora quanto a consciência de ter sido.

Eis uma maneira de encarar a velhice: é a época da vida em que a consciência de que a sua vida está em jogo é apenas um fato cotidiano. E impossível não saber o fim que o aguarda em breve. O silêncio em que você vai mergulhar para sempre. Fora isso, tudo é tal como antes.

Fora isso, você continua sendo imortal enquanto vive.

Até não muito tempo atrás, existia uma maneira pré-fabricada de ser velho, tal como havia uma maneira pré-fabricada de ser jovem. Hoje em dia nenhuma das duas funciona mais. Houve um grande conflito a respeito do que é permissível — e uma grande revolução. Não obstante, será que um homem de setenta anos de idade ainda deve continuar a envolver-se com o aspecto carnal da comédia humana? Ser desavergonhadamente um velho nada monástico, ainda suscetível às excitações humanas? Não é essa condição que outrora era simbolizada pelo cachimbo e a cadeira de balanço. Talvez ainda seja uma espécie de afronta para muita gente você não se pautar pelo antigo relógio da vida. Tenho consciência de que não posso contar com o respeito virtuoso dos outros adultos. Mas o que é que eu posso fazer quando constato que, pelo menos no meu caso, nada, *nada* se aquieta, por mais que a gente envelheça?

Depois daquela mordida, ela passou a vir à minha casa com a maior sem-cerimônia. Desde o momento em que percebeu como era fácil assumir o controle da situação, não se tratava mais de sair à noite e depois dar uma trepada.

Ela me telefonava e perguntava: "Posso ficar umas horas aí?", sabendo que eu jamais diria não, sabendo que todas as vezes ela me faria dizer "olha só você" como se ela própria fosse um Picasso, era só despir-se e postar-se à minha frente. Eu, seu professor de Crítica Prática, o esteta dos programas de domingo na tevê educativa, a maior autoridade da tevê nova-iorquina em matéria do que há de melhor no momento para se ver, ouvir e ler — eu a havia elevado à categoria de grande obra de arte, com toda a influência mágica de uma grande obra de arte. Não a artista, e sim a própria obra. Não havia nada que ela pudesse não entender — bastava-lhe estar ali, à vista, e era só olhar para mim que ela compreendia sua importância. Não se exigia dela, como não se exige de um concerto para violino nem da lua, que ela tivesse uma concepção de si própria. Era aí que eu entrava: eu era a autoconsciência de Consuela.

Eu era o gato olhando para o peixinho no aquário. Só que quem tinha dentes era o peixe.

O ciúme. *Esse veneno*. E gratuito. Ciúme até mesmo quando ela me diz que vai patinar no gelo com o irmão dela de dezoito anos. Será ele o homem que vai roubá-la de mim? Nesses amores obsessivos, você deixa de ser a pessoa autoconfiante de sempre, quando você está no torvelinho da paixão e quando a garota tem pouco mais de um terço da sua idade. Eu me sinto ansioso se não telefonar para ela todos os dias, e assim que ligo para ela fico ansioso.

Antigamente, quando uma mulher exigia de mim que lhe telefonasse o tempo todo, e não parava de me ligar, eu inevitavelmente me livrava dela — e agora era eu que exigia que ela ligasse, que exigia a dose diária via telefone. Por que é que fico elogiando-a quando falo com ela? Por que não paro de dizer que ela é perfeita? Por que tenho sempre a sensação de que estou dizendo a coisa errada para essa garota? Não consigo imaginar como ela me vê, como ela vê coisa nenhuma, e minha confusão me faz dizer coisas que me parecem falsas ou exageradas, por isso ponho o fone no gancho cheio de um ressentimento mudo voltado para ela. Mas quando, com muita autodisciplina, consigo passar o dia inteiro, o

que é raro, sem falar com ela, sem ligar para ela, sem elogiá-la, sem parecer falso, sem ficar ressentido pelo que ela faz comigo sem saber que o faz, é pior ainda.

Não consigo parar de fazer o que quer que estiver fazendo, e tudo que faço me deixa contrariado. Com ela, não sinto a autoridade que é necessária para a minha estabilidade, e, no entanto, o que a atraiu em mim foi justamente essa autoridade.

Nas noites em que Consuela não está comigo, me deformo de tanto pensar onde ela pode estar e o que pode estar fazendo. Mas mesmo depois de passar a noite em sua companhia, depois que ela vai para casa não consigo dormir. A experiência de ter estado com ela é forte demais. Fico sentado na cama, e no meio da noite grito: "Consuela Castillo, me deixe em paz!". Chega, digo a mim mesmo. Levante-se, troque as roupas de cama, tome mais um banho, livre-se do cheiro dela, *e depois livre-se dela*. É preciso. Sua vida virou uma campanha incessante por causa dela. Cadê a sensação de realização, de posse? Se ela é sua, por que é que você não consegue tê-la? Você não consegue ter o que você quer mesmo depois de obter o que você quer. Você não consegue ter paz, é impossível ter paz, por causa da diferença de idade e o que há de inevitavelmente doloroso nela. Por causa da diferença de idade, eu tenho o prazer, mas nunca perco o anseio. Isso nunca aconteceu antes? Não. Nunca tive sessenta e dois anos. Eu não estava mais naquela fase da minha vida em que me julgava capaz de fazer tudo. No entanto, ainda me lembrava bem dessa fase. Você vê uma mulher bonita. Você vê essa mulher de longe. Você chega-se a ela e pergunta: "Quem é você?". Você vai jantar com ela. E assim por diante. *Aquela* fase, em que você não se preocupa com nada. Você entra no ônibus. Há uma criatura tão linda que todo mundo tem medo de se sentar ao lado dela. O lugar ao lado da garota mais bonita do mundo — está vazio. Então você vai e se senta ali. Mas agora esse tempo passou, e nunca mais você vai ter tranquilidade, vai ter paz. Eu ficava preocupado por ela andar de um lado para outro com aquela blusa. Ela tira a jaqueta, e eis a blusa. Tira a blusa, e eis a perfeição. Um rapaz um dia vai encontrá-la e levá-la embora. Vai levá-la de mim, que despertei seus sentidos, que lhe dei

sua estatura, que fui o catalisador que tornou possível sua emancipação, que a preparou para ele.

Como é que sei que um rapaz vai levá-la embora? Porque eu já fui o rapaz que o teria feito.

Quando eu era mais jovem, não era suscetível.

Os outros ficavam com ciúme mais cedo, mas eu conseguia me proteger disso. Deixava que a mulher fizesse o que quisesse, confiante de que eu conseguiria vencer graças ao domínio sexual.

Mas o ciúme, naturalmente, é a armadilha que leva ao contrato. Os homens reagem ao ciúme dizendo: "Essa não vai ser de ninguém. Vai ser só minha — vou me casar com ela. Vou capturá-

la dessa maneira. Através das convenções". O casamento cura o ciúme. E por isso que muitos homens se casam. Porque não se sentem seguros com aquela outra pessoa, fazem com que ela assine o contrato: *Prometo não etc.*

Como é que posso capturar Consuela? É uma idéia moralmente humilhante, mas não há como escapar dela. Com certeza não vou conseguir prendê-la prometendo casamento, mas de que outra maneira se pode prender uma mulher jovem com a idade em que estou? O que mais posso oferecer a ela numa sociedade em que o sexo virou um mercado livre, que flui como leite e mel? E é assim que começa a pornografia. A pornografia do ciúme. A pornografia da auto-destruição. Estou fascinado, estou cativado, no entanto estou cativado *do lado de fora* da mol-dura. Por que é que estou do lado de fora? Por causa da idade. Da ferida da idade. A pornografia, em sua forma clássica, funciona por cerca de cinco ou dez minutos, e depois se transforma em comédia. Mas nesta pornografia as imagens são extremamente dolorosas. A pornografia comum é uma estetização do ciúme.

Ela elimina o tormento. Mas "estetização" por quê? Por que não "anestesia"? Bom, talvez as duas coisas. É uma representação, a pornografia comum. É uma forma de arte degradada. Não é apenas faz-de-conta, é uma coisa abertamente insincera. A gente deseja a garota do filme pornô, mas não sente ciúme do sujeito que a está comendo porque ele age como substituto da gente. É extraordinário — para você ver o poder da arte, mesmo degradada. O tal sujeito

atua como substituto, a nosso serviço; com isso a pontada do ciúme se transforma numa sensação agradável. Como a gente é cúmplice invisível do ato, a pornografia comum elimina o tormento, enquanto a minha não deixa o tormento sair. Na minha pornografia, você se identifica não com o homem saciado, o que está transando, e sim com o que *não* está transando, o que está perdendo, o que perdeu.

Um rapaz um dia vai encontrá-la e levá-la embora. Eu vejo esse rapaz. Eu o conheço. Sei do que ele é capaz porque esse rapaz sou eu com vinte e cinco anos, ainda sem mulher e filho; eu em estado bruto, antes de fazer o que todo mundo faz. Eu o vejo olhando para ela, a atravessar a praça ampla — a *dominar* a praça — do Lincoln Center. Ele está invisível, atrás de um pilar, olhando para ela tal como eu a olhei naquela noite em que a levei para assistir a um concerto de Beethoven pela primeira vez na vida dela. Consuela está de botas, botas de couro de cano comprido, e um vestidinho curto, bem cortado, uma garota arrasadora a céu aberto, numa noite quente de outono, desavergonhadamente caminhando pelas ruas do mundo para todo mundo cobiçar e admirar — e está sorrindo. Está feliz. Essa mulher arrasadora está vindo encontrar-se comigo. Só que não sou eu no filme pornográfico. E ele. O ele que antes era eu, mas não é mais. Vendo esse rapaz vendo essa garota, sei até nos menores detalhes o que vai acontecer em seguida, e sabendo o que vai acontecer, imaginando o que vai acontecer, é impossível pensar em termos daquilo que você encara racionalmente como o seu interesse próprio. E impossível pensar que nem todo mundo se sente dessa maneira a respeito dessa garota porque nem todo mundo está obcecado por essa garota. Na verdade, você não consegue imaginá-la indo a lugar nenhum. Não consegue imaginá-la na rua, numa loja, numa festa, numa praia, sem que aquele sujeito surja das sombras.

O tormento pornográfico: ver alguém transando, e esse alguém é quem você foi no passado.

Quando você finalmente perde uma garota como Consuela, isso acontece com você em todos os lugares, todos os lugares em que você esteve com ela. Quando ela vai embora, é estranho, você se lembra dela lá, vê aquele espaço vazio sem você, mas com ela tal como ela estava com você, só que com o rapaz de vinte e cinco anos

que você não é mais. Você a imagina dominando o ambiente, com aquele vestidinho curto bem cortado. Vindo em direção a você. Afrodite.

Então ela passa por você e vai embora, e a pornografia escapa do seu controle.

Indago (mas o que adianta ficar sabendo?) à respeito dos namorados dela, peço que me diga com quantos ela foi para a cama antes de me conhecer, e que idade tinha quando começou, e se já transou com outra garota ou com dois rapazes ao mesmo tempo (ou com um cavalo, ou um papagaio, ou um macaco), e foi então que ela me disse que só havia tido cinco namorados.

Por mais atraente, bem vestida e deliciosa que fosse, ela tinha tido um número relativamente pequeno de namorados para uma garota de hoje. A influência repressora de sua família cubana rica e conservadora (isto é, se ela estiver dizendo a verdade). E o último namorado era um colega dela, um boboca que nem sabia comê-la direito, que só se concentrava no seu próprio orgasmo. Aquela velha história idiota de sempre.

Um homem que não era apreciador de mulheres.

Aliás, a moralidade dela não era coerente.

Lembro-me de que naquela época o poeta George O'Hearn, um homem que foi casado com a mesma mulher a vida toda, tinha uma namorada no bairro de Consuela, e ele estava lá, no centro da cidade, tomando café-da-manhã com a namorada num café, e Consuela o viu e ficou indignada. Reconheceu-o com base na foto que aparece na contracapa do livro que ele lançara pouco antes, que estava na minha mesa-de-cabeceira, e ela sabia que eu o conhecia.

Consuela me visitou naquela noite. "Eu vi o seu amigo. Ele estava com uma garota às oito da manhã, num restaurante, e estava beijando ela — ele é casado." Em relação a tais coisas, ela era capaz de pronunciar todos os lugares-comuns previsíveis, embora agisse a contrapelo de todas as convenções ao ter um caso com um homem trinta e oito anos mais velho do que ela.

Isso era inevitável, porque por dentro se sentia insegura e perdida boa parte do tempo; no entanto, algo de especial estava acontecendo com ela, uma coisa grande, imprevista, provisória, que

Ihe alimentava a vaidade e a autoconfiança, e que — por mais emocionante que fosse —, ao que tudo indicava (e ao contrário do que acontecia comigo), não a estava virando do avesso.

Consuela me disse, durante um dos meus interrogatórios, que teve um namorado no tempo do colegial que sentia um desejo fortíssimo de vê-la menstruar. Sempre que ela começava a menstruar, tinha de telefonar para ele; o namorado vinha correndo, ela ficava em pé à sua frente e ele ficava vendo o sangue a lhe escorrer pelas coxas, espalhando-se no chão.

"Você fazia isso pra ele?", perguntei.

"Fazia."

"E a sua família, a sua família tradicional? Você tinha quinze anos, não podia ficar na rua depois das oito mesmo no verão, e ainda assim você fazia isso? A sua avó era duquesa", insisti, "e não largava o terço, e, no entanto, você fazia isso?"

"Eu não estava mais com quinze anos. Estava com dezesseis."

"Dezesseis. Entendi. Isso explica tudo. E você fazia isso sempre?"

"Sempre que ficava menstruada. Todo mês", ela respondeu.

"Quem era esse garoto? Você não disse que nenhum garoto podia entrar no seu quarto?"

"Quem era ele? Quem é ele?"

Um rapaz de boa família. Cubano, também.

Carlos Alonso. Um menino todo certinho, bem-educado, diz ela, que vinha pegá-la em casa de terno e gravata, nunca buzina à porta da casa dela, que entrava e falava com os pais dela, um garoto discreto, de uma boa família que levava muito à sério sua situação social. Tal como ocorre na família de Consuela, a figura do pai é cercada de respeito, todos são muito instruídos, todos são perfeitamente bilíngües, estudam nas melhores escolas, freqüentam os melhores clubes, lêem *El Diáριο* e o *Bergen Record*, adoram Reagan, adoram Bush, detestam Kennedy, cubanos ricos de Nova Jersey que estão à direita de Luís xiv, e Carlos telefona para ela e lhe diz: não menstrue sem mim.

Imagine a cena. Depois da escola, no banheiro de uma casa de subúrbio no condado de Bergen, os dois absortos no enigma

daquele sangramento como se fossem Adão e Eva. Porque Carlos também está fascinado. Ele também sabe que ela é uma obra de arte, aquela mulher entre poucas que é uma obra de arte, de arte clássica, beleza em sua forma clássica, porém viva, viva, e qual a reação estética à beleza viva, hein, meus alunos? Desejo. Sim, Carlos é um espelho para ela. Os homens sempre foram espelhos para ela. Querem até vê-la menstruar.

Ela é a magia feminina da qual nenhum homem escapa. Envoltura culturalmente em seu passado cubano decoroso, porém sua vaidade inspira aquelas liberdades. Ela permite aquelas liberdades porque se olha no espelho e diz: "Outra pessoa tem que ver isso também".

"Me telefona", disse eu, "quando você for menstruar. Quero que você venha *aqui*. Quero ver *também*."

Também. Para você ver como o ciúme é descarado, como o desejo é febril — e foi assim que aconteceu uma coisa quase desastrosa.

Porque ao mesmo tempo, naquele ano, eu estava tendo um caso com uma mulher muito atraente, muito forte, responsável, sem nenhuma vulnerabilidade debilitante, nenhum vício, nenhuma loucura, uma inteligência penetrante, confiável sob todos os aspectos, despida de qualquer ironia e incapaz de ser espirituosa, porém uma amante sensual, eficiente e atenta. Carolyn Lyons. Muitos anos antes, em meados dos anos 60, ela também fora minha aluna. Nas décadas seguintes, porém, nós não havíamos nos procurado, e assim, quando nos encontramos por acaso na rua, quando Carolyn estava indo para o trabalho, nos abraçamos, um abraço bem apertado, como se fosse um evento catastrófico, uma guerra mundial (e não o fato de ela haver se mudado para a Califórnia para estudar direito), que nos tivesse separado por vinte e quatro anos. Nós dois ficamos nos elogiando mutuamente, como estávamos conservados, relembramos às gargalhadas a loucura de uma noite na minha sala na faculdade, quando ela tinha dezenove anos, fizemos inúmeros comentários ternos sobre o passado, e ali mesmo combinamos jantar juntos no dia seguinte.

Carolyn ainda estava bonita, com traços fortes e radiantes, embora a pele abaixo dos olhos cinza-claros estivesse fina e

enrugada, menos, creio eu, por culpa da insônia crônica de que ela sofria do que pelo efeito combinado de todos aqueles desapontamentos que não são raros nas biografias de mulheres profissionalmente bem-sucedidas já na faixa dos quarenta, que na maioria das vezes comem no jantar o que é entregue à porta de seus apartamentos em Manhattan dentro de um saco plástico trazido por um imigrante. E seu corpo agora ocupava mais espaço do que antes. Dois divórcios, nenhum filho, um emprego exigente, que pagava muito bem e exigia que ela viajasse ao estrangeiro com frequência — o efeito de tudo isso fora o acréscimo de uns quinze quilos ao seu peso, e assim, quando fomos para a cama, ela sussurrou: "Eu não sou mais a mesma", levando-me a retrucar: "E você acha que eu sou?" E nada mais foi dito sobre o assunto.

Quando era aluna de graduação, Carolyn tinha como companheira de quarto, uma das locomotivas da faculdade, uma líder carismática dos anos 60, uma espécie de Abbie Hoffman de saias chamada Janie Wyatt, uma garota de Manhasset que escreveu para mim uma encantadora monografia de final de curso intitulada "Cem maneiras de aprontar na biblioteca". Cito a frase de abertura: "A felação na biblioteca é a própria essência, a transgressão santificada, a missa negra no campus". Janie pesava menos de cinqüenta quilos, tinha um metro e meio de altura, no máximo, uma lourinha que dava a impressão de que você poderia levantá-la com facilidade e jogá-la de um lado para o outro, e era a rainha da sacanagem da universidade.

Naquele tempo, Carolyn tinha uma admiração profunda por Janie. Carolyn me dizia: "Ela tem tantos casos! Ao mesmo tempo. Você vai no apartamento de um aluno de pós-graduação, ou de um instrutor jovem, e encontra as calcinhas da Janie secando nas torneiras do chuveiro". Se um aluno tinha vontade de fazer sexo, Carolyn me dizia, se estava andando pelo campus e de repente tinha vontade de fazer sexo, ele ligava para Janie. E se ela queria também, lá iam os dois. Um garoto estava andando e parava de repente, dizendo: "Acho que vou ligar para a Janie", e aí os dois não apareciam na aula. Boa parte do corpo docente condenava aquele comportamento sexual escandaloso, achando que era sinal de

burrice. Até mesmo alguns dos garotos — uma hora diziam que ela era uma puta, e daí a pouco estavam na cama com ela.

Mas ela não era burra nem era uma puta. Janie era uma pessoa que sabia o que estava fazendo.

Ela se plantava à sua frente, pequenina daquele jeito, as pernas ligeiramente afastadas, o rosto bem sardento, cabelo louro curto, de cara lavada, fora o batom bem vermelho, e um sorriso escancarado, que confessava: é assim que eu sou, é isso que eu faço, e se você não gosta, paciência.

Sob que aspecto Janie me deixava mais atônito?

Sob muitos aspectos — bem no início da revolução que ocorreu nas universidades, havia muitas coisas que a distinguiam como uma espécie nova e notável de criatura. Ela me deixou atônito, curiosamente, ao fazer algo que pode não parecer nada radical hoje em dia, quando as mulheres se tornaram muito mais livres, algo que talvez não fosse nada em comparação com sua atitude pública escandalosa e desafiante. De tudo que ela fez, o que mais me deixou atônito foi conquistar o homem mais tímido do campus, nosso poeta. Naquele tempo, as relações amorosas entre professores e alunos causavam espanto não apenas por constituírem uma novidade, mas também por ocorrerem abertamente, e elas causaram muitos divórcios, além do meu. O poeta era um homem que não possuía os talentos que os outros têm quando se trata de defender seus interesses no mundo.

Todo o seu egoísmo era canalizado para a linguagem. Ele terminou morrendo de alcoolismo, relativamente jovem; porém, sozinho num país permissivo como o nosso, só mesmo a bebida para acabar com um sujeito como ele.

Casado, dois filhos, extremamente tímido, menos quando estava diante de sua platéia deslumbrada, falando sobre poesia. Arrancar das sombras aquele homem era inimaginável. Menos para Janie. Numa festa. Muitos alunos, de ambos os sexos, queriam se aproximar dele. As meninas inteligentes eram todas meio apaixonadas por aquele homem romântico, distanciado da vida, mas ele parecia não confiar em ninguém. Até que Janie se aproximou dele na festa, pegou-o pela mão e disse: "Vamos dançar", e pronto,

a partir daí o poeta estava atrelado a ela. Ao que parecia, ele confiou em Janie logo de saída. A pequenina Janie Wyatt: somos todos iguais, somos todos livres, podemos aprontar o que quisermos.

Janie e Carolyn, com mais umas três ou quatro outras rebeldes de classe alta, formavam um grupo que se intitulava As Escrachadas. Eu nunca vira nada igual a essas meninas, e não apenas porque elas se cobriam de andrajos como ciganas e andavam descalças. Elas detestavam a inocência. Não suportavam o controle. Não tinham medo de chamar a atenção, e não tinham medo de ser clandestinas.

Rebelar-se contra sua condição era tudo para elas. Essas garotas e suas seguidoras talvez tenham formado, em termos históricos, a primeira onda de moças americanas totalmente comprometidas com seu próprio desejo. Nada de retórica, nada de ideologia, apenas o campo de jogo do prazer abrindo-se para os corajosos. A coragem foi se firmando à medida que elas se davam conta das possibilidades que tinham a sua frente, quando entenderam que não estavam mais sendo controladas, que não estavam mais submissas ao antigo sistema, nem a qualquer outro — quando perceberam que podiam fazer o que quisessem.

Foi uma revolução improvisada de início, a revolução dos anos 60; a vanguarda universitária era minúscula, metade de um por cento, talvez um e meio por cento, mas isso não importava, porque a facção vibrante da sociedade logo foi atrás dela. A cultura é sempre conduzida por sua ponta mais estreita, e no caso das garotas desse campus a liderança era o grupo das Escrachadas de Janie, as pioneiras de uma mudança sexual completamente espontânea. Vinte anos antes, no tempo em que eu era estudante, os campi eram perfeitamente administrados. As normas dos dormitórios. A supervisão inquestionável. A autoridade emanava de uma fonte kafkiana distante — "a administração" —, e a linguagem da administração parecia saída de santo Agostinho. A gente tentava driblar todo esse controle, mas até mais ou menos 1964 praticamente todo mundo que era vigiado respeitava a lei, eram todos membros honrados daquele grupo que Hawthorne denominava "os que gostam de limites". Então ocorreu a explosão

contida por tanto tempo, o ataque irreverente aos padrões de normalidade e ao consenso cultural do pós-guerra. Tudo que era inadmissível irrompeu de súbito, e a transformação irreversível da juventude teve início.

Carolyn jamais obteve a notoriedade de Janie, nem tampouco a desejou. Participava dos protestos, das provocações, da insolência divertida, mas com uma autodisciplina bem dela, e jamais levou sua insubordinação a ponto de pôr em risco seu futuro. Não me surpreende ver Carolyn tal como é agora, na meia-idade — totalmente integrada ao mundo empresarial, conformadamente careta. Escandalizar em nome da causa da liberdade sexual nunca foi a vocação de Carolyn. Nem isso, nem a rebeldia absoluta. Mas Janie — permita-me essa digressão por um momento —, Janie foi à sua maneira uma espécie de Simón Bolívar para as Consuela Castillo do mundo. Sim, uma grande líder revolucionária como o sul-americano Bolívar, cujos exércitos destruíram o poder da Espanha colonialista — uma rebelde que não tinha medo de lutar contra forças superiores, a libertadora que enfrentou a moralidade reinante no campus e terminou por destruir sua autoridade.

Hoje, a liberdade sexual das moças bem-nascidas que são minhas alunas é como se fosse, para elas, garantida pela Declaração de Independência, um direito que não lhes exige muita coragem para dele se valerem, e que está em perfeita harmonia com a busca da felicidade tal como foi concebida pelos fundadores da nação na Filadélfia, em 1776. Na verdade, a desinibição total de que se aproveitam agora as Consuela e as Miranda, sem sequer se dar conta do que estão fazendo, deriva da audácia das desavergonhadas e subversivas Janie Wyatt dos anos 60, e da vitória extraordinária que elas conquistaram pela força de um comportamento atroz. A dimensão grosseira da vida americana que já fora retratada nos filmes de gângster — foi isso que Janie trouxe para o campus, porque era essa a intensidade necessária para derrubar os defensores das normas. Foi assim que elas enfrentaram o poder — usando a linguagem suja delas, e não a dos poderosos.

Janie nasceu na cidade, mas foi criada nos subúrbios, em Long Island, em Manhasset. Sua mãe professora ia trabalhar todos os dias

em Queens, onde a família morava antes de se mudar para Manhasset, e onde ficava a escola em que ela ainda lecionava na décima série. O pai ia para o trabalho na direção oposta, para Great Neck, a três quilômetros de casa, onde era sócio da firma de advocacia do pai de Carolyn. Foi assim que as meninas se conheceram. Aquela casa vazia no subúrbio excita todos os nervos sexuais de Janie. Ela entra na puberdade no momento em que a música está mudando, e é por isso que põe o volume no máximo. A esperteza de Janie foi perceber, quando foi para o subúrbio, a vantagem de morar lá. Quando menina, na cidade, jamais era livre, jamais vivia solta como viviam os garotos. Mas lá em Manhasset ela encontrou sua fronteira. Havia vizinhos, também, mas eles não ficavam tão próximos quanto na cidade. Janie chegava da escola e as ruas estavam vazias. Eram como as cidadezinhas do Velho Oeste. Não havia ninguém por perto.

Todos tinham saído. Assim, enquanto os mora-dores não voltavam de trem, ela agitava seu pequeno mundo. Trinta anos depois, uma Janie Wyatt reaparece em forma degenerada como Amy Fisher, entregando-se submissa ao mecânico de automóveis por conta própria; mas Janie era inteligente e era uma agitadora nata — insubmissa, descarada, uma surfista esperta deslizando sobre as ondas da transformação social. Os subúrbios, onde as meninas, longe dos perigos da cidade, não precisavam ser vigiadas constantemente, onde os pais não ficavam o tempo todo preocupados, os subúrbios foram a escola suíça de Janie em território americano. Os subúrbios criaram o espaço em que floresceu aquela educação a serviço do proibido. O afrouxamento da vigilância, o espaço cada vez maior concedido a toda aquela garotada que recebera do dr. Spock as armas da desobediência — e o florescimento foi completo.

Até que escapou de todo e qualquer controle.

Foi essa transformação o tema da monografia de Janie. Foi essa a história que ela contou. Os Subúrbios. A Pílula. A Pílula que pôs a mulher em pé de igualdade com o homem. A Música. Little Richard agitando tudo. A Batida do Pélvis. O Carro. A garotada toda junta, rodando no Carro.

A Prosperidade. A Casa Vazia durante o dia. O Divórcio. Os adultos com a cabeça em outro lugar. A Maconha. As Drogas. O dr. Spock. Foi tudo isso que resultou na Universidade Senhor das Moscas, o nome dado pelas Escrachadas à nossa faculdade. A célula revolucionária de Janie não colocava bombas em lugar nenhum. Janie não era Bernardine Dohrn nem Kathy Boudin.

Também não se interessava pelas Betty Friedan do momento. As Escrachadas não tinham nada contra a discussão social ou política, mas isso era o outro lado da década. Havia naquela turbulência duas tendências: de um lado, a ideologia da libertação individual, que garantia ao indivíduo os direitos orgiásticos em oposição aos interesses tradicionais da comunidade; por outro lado havia também, muitas vezes associada à primeira, uma consciência comum a respeito dos direitos civis e contrária à guerra, a desobediência cujo prestígio moral vinha de Thoreau. E, como essas duas correntes se interligavam, era difícil desacreditar a orgia.

Porém a célula de Janie tinha a ver com prazer, não com política. E essas células de prazer existiam não apenas no nosso campus, mas também em todo o país; eram milhares de rapazes e moças que nem sempre cheiravam muito bem, com camisetas coloridas *tié-dye*, entregando-se juntos a atividades imprudentes.

Twist and shout, work it on out — era esse, e não "A Internacional", o hino desses jovens. Uma música lasciva, direta, fundo musical para trepadas. Fundo musical para felações, o bebop do povo. E claro que a música sempre foi sexualmente útil, dentro das limitações impostas pelo momento. Até mesmo Glenn Miller, no tempo em que as canções precisavam passar por um romantismo barato para chegar ao sexo, lubrificava a situação na medida do possível.

Depois o jovem Sinatra. Depois o saxofone melífluo. Mas que limitações se impunham às Escrachadas? Elas usavam a música tal como usavam a maconha, como um combustível, como o emblema de sua rebelião, uma incitação ao vandalismo erótico. Na minha adolescência, na época das bandas de swing, tudo que havia para criar um clima era a bebida. Já para elas havia todo um arsenal de anti-inibidores potentíssimos.

Ser professor dessas garotas teve um efeito pedagógico sobre mim: ver como elas se vestiam, ver como jogavam para o lado as boas maneiras e punham para fora o que tinham de mais cru, ouvir a música delas com elas, fumar com elas ouvindo Janis Joplin, sua Bessie Smith branca, sua Judy Garland bagunceira e desbocada, ouvir com elas Jimi Hendrix, seu Charlie Parker da guitarra, ficar desbundado com elas e ouvir Hendrix tocando guitarra ao contrário, invertendo tudo, retardando o ritmo, acelerando o ritmo, e Janie cantando seu mantra lisérgico, "Hendrix e sexo, Hendrix e sexo", e Carolyn recitando o dela, "Um homem bonito de voz bonita" — ver a arrogância, o apetite, a excitação daquelas Janie que não tinham o terror biológico da ereção, que não tinham medo da transformação fálica do homem.

As Janie Wyatt dos anos 60 sabiam como agir com homens em estado de ereção. Elas próprias estavam em ereção, e por isso sabiam como lidar com eles. O impulso aventureiro masculino, a iniciativa masculina, não era um gesto rebelde a exigir denúncia e julgamento, e sim um sinal sexual ao qual se podia reagir positivamente ou não. Controlar o impulso masculino e acusá-lo?

Não era esse o sistema ideológico que lhes fora instilado. Elas eram lúdicas demais para aceitar a doutrinação da animosidade e do ressentimento. A educação delas privilegiara os instintos. Não estavam interessadas em substituir as velhas inibições, proibições e instruções morais por novas formas de vigilância, novos sistemas de controle, um novo conjunto de crenças ortodoxas. Elas sabiam onde estava o prazer e sabiam se entregar ao desejo sem medo. Sem medo do impulso agressivo, no meio da tempestade transformadora — e, pela primeira vez em território americano, desde que as mulheres peregrinas da colônia de Plymouth foram enclausuradas por um governo eclesiástico para protegê-las das corrupções da carne e da pecaminosidade dos homens, uma geração que tirava conclusões a partir de suas bocetas a respeito da natureza da experiência e das delícias do mundo.

O bolívar não é a moeda da Venezuela? Pois bem, quando for eleita a primeira mulher à presidência dos Estados Unidos, eu

gostaria que o dólar fosse substituído pelo Wyatt. Janie merece. Ela democratizou o direito ao prazer.

Um parêntese. O posto comercial inglês estabelecido em Merry Mount que tanto indignava os puritanos de Plymouth — você já ouviu falar nele? Uma colônia que vivia do comércio de peles, menor que Plymouth, uns cinqüenta quilômetros a noroeste de Plymouth.

Onde hoje fica Quincy, Massachusetts. Homens bebendo, vendendo armas aos índios, fazendo amizade com os índios. Confraternizando com o inimigo, copulando com as índias, que tradicionalmente ficavam na posição do cachorrinho para serem possuídas por detrás.

Um antro de paganismo em plena Massachusetts puritana, onde a Bíblia era a lei. Dançavam em volta de um mastro usando máscaras de bichos, um culto realizado todos os meses. Hawthorne escreveu um conto com base nesse mastro: o governador Endicott manda uma milícia puritana chefiada por Miles Standish para derrubar o tal mastro, um pinheiro enfeitado com bandeiras e fitas coloridas, galhadas de alces e rosas, com mais de vinte metros de altura. "A alegria e a melancolia disputavam um império" — foi assim que Hawthorne resumiu a situação.

Durante algum tempo, Merry Mount foi governada por um especulador, um advogado, um personagem privilegiado e carismático chamado Thomas Morton. Ele é uma espécie de criatura silvestre, um personagem saído de *Como quiseres*, um demônio selvagem de *Sonho de uma noite de verão*. Shakespeare é contemporâneo de Morton; nasceu por volta de onze anos antes dele. Shakespeare é o rock-'n'-roll de Morton. Os puritanos de Plymouth o prenderam, depois os puritanos de Salem o prenderam — puseram-no no pelourinho, lhe impuseram multas, jogaram-no na prisão. Ele acabou se exilando no Maine, onde morreu com sessenta e muitos anos. Mas Morton não resistia à tentação de provocá-los. Ele exercia um fascínio obscuro sobre os puritanos. Porque quem não é absolutamente religioso acaba virando um Morton. Os puritanos tinham pavor de que suas filhas fossem levadas e corrompidas pelo alegre miscigenador de Merry Mount. Um branco, um índio branco, atraindo donzelas? Era mais sinistro ainda do que

peles-vermelhas furtando donzelas. Morton ia transformar as filhas deles em Escrachadas. Era essa a principal preocupação deles, isso e o fato de que Morton vendia armas de fogo aos índios. Os puritanos eram obcecados com a nova geração. Porque, se eles perdessem a nova geração, aquele experimento inédito de intolerância ditatorial fracassaria. A velha história americana: salvar os jovens do sexo. Só que é sempre tarde demais.

Tarde demais, porque eles já nasceram.

Duas vezes Morton foi enviado à Inglaterra para ser julgado por desobediência, mas a classe dominante inglesa e a Igreja Anglicana não estavam interessadas nos separatistas da Nova Inglaterra. Nas duas vezes, o tribunal inglês julgou o processo improcedente, e Morton voltou para a Nova Inglaterra. Os ingleses pensavam: Morton tem razão — nós também não gostaríamos de tê-lo como vizinho, mas ele não está obrigando ninguém a fazer nada, e esses puritanos de merda são uns malucos.

No seu livro *Of Plymouth Plantation*, o governador William Bradford tem muito a dizer sobre as iniquidades de Merry' Mount, aquela "prodigalidade desmedida", aquele "excesso extravagante". "Eles se entregavam a uma grande licenciosidade e levavam uma vida dissoluta, chafurdando em tudo que há de profano." Refere-se aos confederados de Morton como "bacantes insensatos". Para ele, Morton é "o Mestre-sala da Anarquia", o mestre de "uma Escola de Ateísmo". O governador Bradford é um ideólogo poderoso. No século XVII, a religiosidade sabia escrever direitinho. Tanto quanto a irreligiosidade. Morton publicou um livro também, *The new English Canaan*, baseado nas observações que fez, fascinado, da sociedade indígena — mas um livro obsceno, segundo Bradford, porque fala também dos puritanos: "dão grãs mostras de religião, porém não de humanidade". Morton é direto. Não suprime nada. Tivemos que esperar trezentos anos para voltar a ouvir a voz de Thomas Morton nos Estados Unidos, sem censura, em Henry Miller. O choque entre Plymouth e Merry Mount, entre Bradford e Morton, entre ordem e desordem — o prenuncio colonial da convulsão nacional que viria a explodir trezentos e trinta e tantos anos depois, quando finalmente nasceu a América de Morton, com miscigenação e tudo.

Não, os anos 60 não foram uma aberração. Janie Wyatt não foi uma aberração. Foi uma mortonista natural, no conflito que vem se desenrolando desde o início. Na imensidão inculta da América, a ordem há de reinar. Os puritanos eram os agentes da ordem e da virtude piedosa e da razão certa, e o outro lado era a desordem. Mas por que ordem e desordem? Por que Morton não é o grande teólogo da ausência de regras? Por que Morton não é visto corretamente como o fundador da liberdade pessoal? Na teocracia puritana, todos tinham liberdade de fazer o bem; na Merry Mount de Morton, todos tinham liberdade — e ponto final.

E houve muitos outros Morton. Aventureiros mercantis sem a ideologia da santidade, gente que pouco se importava se estava incluída entre os eleitos ou não. Vieram com Bradford no *Mayflower*, emigraram depois em outros navios, mas ninguém os menciona no Dia de Ação de Graças, porque eles não suportavam aquelas comunidades de santos e crentes em que nenhum desvio era permitido. Nossos primeiros heróis americanos foram os opressores de Morton: Endicott, Bradford, Miles Standish. Merry Mount foi expurgada da versão oficial por ser a história não de uma utopia de virtude, e sim de uma utopia de sinceridade. No entanto, era o rosto de Morton que devia estar esculpido lá no monte Rushmore. Isso vai acontecer também, no mesmo dia em que o dólar passar a se chamar Wyatt.

A minha Merry Mount? Eu e os anos 60? Bom, levei a sério a desordem daquela época relativamente breve, e tomei ao pé da letra a palavra do momento, libertação. Foi então que me separei da minha mulher. Para ser exato, ela me pegou em flagrante com as Escrachadas e me expulsou de casa. Ora, havia outros professores na minha universidade que usavam cabelo comprido e roupas psieodélicas, mas para eles aquilo era só uma espécie de férias. Esse tipo de professor era uma mistura de voyeur com turista. De vez em quando eles se aventuravam um pouco mais, mas foram poucos os que ultrapassaram a trincheira e penetraram no campo de batalha. Eu, porém, assim que me dei conta do que significava aquela desordem, decidi extrair do momento uma justificativa para mim, desfazer os compromissos anteriores e os atuais e não fazer aquilo

como uma atividade secundária, não me colocar, como faziam muitos da minha idade, acima ou abaixo dos acontecimentos, ou simplesmente usá-los como afrodisíaco, mas seguir a lógica da revolução até sua conclusão, e sem me tomar uma de suas vítimas.

Isso não foi fácil. Só porque não existe nenhum memorial em homenagem àqueles que pereceram no meio da confusão, não se deve concluir que não houve fatalidades. Não ocorreu nenhuma carnificina, mas perdas e danos não faltaram. Não foi uma revolução toda certinha, transcorrendo de modo digno no plano da teoria.

Foi uma bagunça infantil, absurda, descontrolada e radical, toda a sociedade envolvida num tremendo quebra-quebra. Se bem que havia um lado cômico também. Uma revolução que ao mesmo tempo parecia o dia que se segue a uma revolução — um grande idílio. As pessoas tiravam a cueca e andavam por aí rindo. Muitas vezes era apenas uma farsa, uma farsa pueril, porém uma farsa pueril com implicações ex-traordinariamente profundas; em muitos casos não era nada mais do que uma afirmação de poder adolescente, a maior e mais poderosa geração do país a entrar na adolescência, com todos os hormônios a mil, ao mesmo tempo. O impacto, no entanto, foi revolucionário. As coisas mudaram para sempre.

O ceticismo, a descrença, o bom senso em questões culturais e políticas que normalmente nos impede de mergulhar em movimentos de massa, tudo isso atuava em mim como um escudo eficiente. Jamais desbundei tanto quanto as outras pessoas, nem jamais foi essa a minha intenção. Para mim, o importante era despir a revolução de sua parafernália imediata, seus aparatos patológicos, suas baboseiras retóricas e aquela dinamite farmacológica que levava pessoas a se jogarem das janelas — deixar de lado o que havia de pior e aproveitar a idéia, dizer a mim mesmo: que grande oportunidade, que oportunidade de fazer minha própria revolução! Não há sentido em me conter só porque, por mero acaso, eu nasci neste ano e não naquele.

Pessoas que tinham quinze, vinte anos menos do que eu, os beneficiários privilegiados da revolução, podiam se dar ao luxo de vivê-la de modo inconsciente. Havia uma tremenda festa rolando,

um paraíso imundo de desordem, e sem pensar nem ter de pensar elas mergulhavam, normalmente aceitando todas as trivialidades e todo o lixo. Mas eu tinha de pensar. Eu estava ainda na flor da idade, e o país todo estava passando por aquele momento extraordinário.

Será que posso fazer parte deste repúdio enlouquecido, bagunçado e barulhento, desta destruição generalizada do passado inibidor?

Será que consigo dominar a disciplina da liberdade, e não me entregar à imprudência da liberdade? Como transformar a liberdade num sistema?

Paguei um preço alto para poder responder a essas perguntas. Tenho um filho de quarenta e dois anos que me odeia. Não vamos entrar nesse assunto. A questão é que a turba não veio abrir a porta da minha prisão. A turba exaltada estava lá, mas o fato é que eu tive que abrir a porta por conta própria. Porque também eu era submisso e fundamentalmente inibido, muito embora, apesar de casado, saísse de casa de fininho para comer quem eu conseguisse ganhar. Aquela espécie de libertação dos anos 60 era o que eu tinha em mente desde o começo, mas no começo, no *meu* começo, não havia nenhum apoio comuna! a um projeto como aquele, nenhuma torrente social que viesse me arrastar no seu embalo. Só havia obstáculos, entre eles minha própria natureza domesticada, minhas origens provincianas, todas as idéias de seriedade que haviam sido incutidas em mim, das quais eu não podia me livrar sozinho. Toda a trajetória da minha educação e minha formação tivera o efeito de me fazer cair na ilusão de que seria possível para mim assumir uma vida doméstica para a qual eu não tinha nenhuma paciência. O homem de família, consciencioso, casado, com 1 filho — e então a revolução tem início. Tudo aquilo explode, e me vejo cercado de garotas, e o que é que eu devia fazer — continuar casado, tendo casos adúlteros, pensando: é assim que é, é dessa maneira tolhida que se deve viver?

Não nasci na floresta, não fui criado por animais selvagens, não descobri a liberdade de modo natural. Não nasci sabendo nada disso. Também eu não tinha autoridade suficiente para fazer às

claras o que queria fazer. O homem que está sentado à sua frente não é mais o homem que se casou em 1956. Para adquirir uma consciência confiante de minha própria autonomia, teria sido necessário receber uma orientação que simplesmente não existia, pelo menos no meu pequeno mundo; e foi assim que casar e ter um filho me parecia, em 1956, a coisa natural a se fazer, mesmo no meu caso.

No tempo em que eu era menino, nenhum homem tinha liberdade na esfera sexual. Nela, todo homem era um gatuno. Um ladrão de sexo.

A gente "tirava um sarro". Sexo furtivo. A gente adulava, implorava, elogiava, insistia — o sexo implicava uma luta, contra os valores ou até mesmo contra a vontade da garota. Segundo as regras, o homem tinha que impor sua vontade a ela. Era assim que ensinavam as garotas a preservar o espetáculo de sua virtude. A idéia de uma garota normal se oferecendo, sem exigir um sem-número de chateações, a quebrar o código e cometer o ato sexual me teria deixado confuso. Porque ninguém, nem homem nem mulher, fazia idéia de que existissem direitos sexuais inatos. Isso era uma idéia inconcebível.

Talvez, se ela gostasse de você, ela topasse lhe bater uma punheta — o que, na prática, não passava de uma forma de automasturbação com a mão da garota no meio; mas a idéia de que uma garota toparia fazer alguma coisa com você sem todo aquele ritual de assédio psicológico, sem uma exortação que exigisse uma tenacidade implacável e monomaniaca — bom, isso era simplesmente impensável. Para conseguir ser chupado, então, sem dúvida era necessário um esforço sobre-humano. Em quatro anos de faculdade, só consegui ser chupado uma única vez. Era o máximo que se podia obter.

Numa cidadezinha bem caipira nos montes Catskill, onde meus pais tinham um pequeno hotel e onde entrei na adolescência nos anos 40, só se podia ter uma relação sexual consensual com uma prostituta ou então com a garota que se namorava desde menino e que todos ima-ginavam que fosse acabar se casando com você.

E o preço a pagar era, na maioria das vezes, acabar se casando com ela, mesmo.

Os meus pais? Eles eram pais. Eu recebi uma educação sentimental, sim, falando sério.

Quando meu pai, instigado por minha mãe, finalmente resolveu conversar comigo sobre sexo, eu já estava com dezesseis anos, foi em 1946, e fiquei enojado ao me dar conta de que ele não sabia o que me dizer, aquela criatura delicada nascida num cortiço no Lower East Side de Manhattan em 1898. Basicamente, o que ele queria me passar era a típica mensagem de um bom pai judeu daquela geração: "Você é um pêssigo, uma ameixa, você pode estragar sua vida...". É claro que ele não sabia que eu já estava com uma doença venérea, que eu pegara da garota vadia da cidade que dava para todo mundo. Pois eram assim os pais naquela época remota.

Veja bem, o homem heterossexual que vai se casar é como o seminarista que vai virar padre: ele faz um voto de castidade, só que aparentemente só se dá conta disso três, quatro ou cinco anos depois. A natureza do casamento normal não é menos sufocante para um heterossexual viril — dadas as preferências sexuais de um heterossexual viril — do que para um gay ou uma lésbica. Se bem que agora até mesmo os gays querem se casar. Casar na igreja. Diante de duzentas, trezentas testemunhas. Espere só para ver o que vai acontecer com o desejo que os levou a se tornarem gays. Eu esperava mais dessa gente, mas pelo visto também eles não têm senso de realidade. Pensando bem, deve ser por causa da AIDS. A Queda e a Ascensão da Camisa-de-Vênus: essa é a história sexual da segunda metade do século XX. A camisinha voltou. E, junto com ela, tudo aquilo que foi destruído nos anos 60. Qual é o homem que vai dizer que realmente acha tão bom transar com camisinha quanto transar sem?

Qual é a graça? E por isso que o aparelho digestivo, na nossa época, passou a disputar a supremacia como órgão sexual com os outros orifícios. A necessidade lancinante de uma mucosa. Para se livrar da camisinha, o jeito é arranjar um parceiro constante, e por isso eles se casam. Os gays militantes querem se casar e querem ser aceitos abertamente pelo Exército.

As duas instituições que eu odiava. E pelo mesmo motivo: a arregimentação.

A última pessoa que levou essas questões a sério foi John Milton, trezentos e cinquenta anos atrás. Você já leu os panfletos dele sobre o divórcio? Na época dele, Milton ganhou muitos inimigos por causa desses textos. Estão aqui, no meio dos meus livros, com as margens cheias de anotações feitas nos anos 60. "Teria nosso Salvador aberto para nós esta porta perigosa e fortuita do matrimônio para que ela se fechasse sobre nós como se fora o portão da morte [...]?"

Não, os homens não sabem nada — ou então agem conscientemente como se não soubessem nada — a respeito do lado duro e trágico daquilo que estão assumindo. Na melhor das hipóteses, pensam com estoicismo: é, eu sei que mais cedo ou mais tarde vou ter que abrir mão do sexo nesse casamento, mas em troca vou conseguir outras coisas, mais valiosas. Mas será que eles se dão conta da renúncia que estão aceitando?

Ser casto, viver sem sexo — bom, como é que a gente vai aceitar as derrotas, as concessões, as frustrações? ganhando mais dinheiro, ganhando o máximo de dinheiro possível? Fazendo tantos filhos quantos for possível? Isso ajuda, mas não chega aos pés da outra coisa. Porque a outra coisa se fundamenta na sua existência física, na carne que nasce e na carne que morre. Porque é só quando você fode que tudo aquilo de que você não gosta na vida, tudo aquilo que derrota você na vida, é vingado da maneira mais pura, ainda que efêmera. É só nesse momento que você está vivo do modo mais limpo, que você é você mesmo do modo mais limpo. Não é o sexo que é corrupção — é o resto. Sexo não é só atrito e diversão superficial. E também a maneira como nos vingamos da morte. Não se esqueça da morte. Não se esqueça da morte jamais. É verdade, também o sexo tem um poder limitado.

Eu sei muito bem quais são os limites desse poder. Mas me diga uma coisa: existe poder maior?

Enfim, voltemos a Carolyn Lyons, quase vinte e cinco anos e quinze quilos depois. No passado, eu adorava seu tamanho, mas em pouco tempo aprendi a gostar do tamanho novo, toda aquela

monumentalidade na base sustentando um torso esguio. Deixei que ela me inspirasse como se eu fosse Gastou Lachai-se. Seu traseiro largo, suas coxas pesadas me falavam de tudo que havia de feminino nela, compactado como num fardo. E quando ela se mexia debaixo de mim, a sutileza de sua excitação me inspirava outra comparação pastoral: era como semear um campo que se movesse lentamente. Carolyn, a flor estudante, eu polinizava; Carolyn, aos quarenta e cinco anos de idade, era preciso arar. A disparidade de escala entre a metade superior, sinuosa como outrora, e a inferior, agora tão substancial, repetia uma tensão fascinante que havia no modo como eu a percebia. Para mim, ela era um ser híbrido, que combinava a pioneira inteligente, trêmula, ousada, que levantava a mão a toda hora em sala de aula, a linda dissidente em traje cigano, a amiga mais sensata de Janie Wyatt, que sabia todas as respostas em 1965, e a executiva autoconfiante que havia se tornado na meia-idade, que tinha potencial para dominar qualquer um.

Era de se esperar que, com a passagem do tempo, e à medida que a paixão tórrida alimentada pelo tabu da relação professor-aluna cessasse de atizar os prazeres permitidos do presente, nossos encontros fossem perdendo seu atrativo nostálgico. Porém um ano já se passara e isso não havia acontecido. Graças à facilidade, à tranquilidade, à confiança física inerentes à retomada de uma velha parceria, e graças ao realismo de Carolyn — o senso de proporção que as indignidades da vida adulta, como era de se esperar, haviam imposto às expectativas românticas de uma menina de classe alta muito bem-dotada — eu ob-tinha recompensas que era impossível extrair de Consuela, por mais que me refestelasse em seus seios. Nossas noites harmoniosas e sensatas na cama — programadas via celular, correndo de um lugar para outro, para quando Carolyn pousasse no aeroporto Kennedy vindo de uma de suas viagens de trabalho — eram agora meu único ponto de contato com a minha autoconfiança pré-Consuela. Eu nunca precisara tanto da saciedade previsível que Carolyn me proporcionava, agora que ela fora testada como mulher e sobrevivera estoicamente. Nós dois obtínhamos exatamente o que queríamos. Era uma joint venture, nossa parceria

sexual, em que as duas partes lucravam, fortemente marcada pela eficiência executiva de Carolyn.

Prazer e equilíbrio combinavam-se.

Então veio a noite em que Consuela retirou o tampão e ficou em pé no meu banheiro, um joelho inclinado em direção ao outro, sangrando, como o são Sebastião de Mantegna, um fio de sangue escorrendo pelas coxas enquanto eu olhava. Foi emocionante? Fiquei deliciado?

Mesmerizado? Sem dúvida, porém sentime menino outra vez. Eu havia decidido exigir o máximo dela, e quando ela cedeu, desavergonhadamente, acabei intimidando a mim mesmo. Tinha a impressão de que não restava nada a fazer — para não ser totalmente humilhado por aquela naturalidade exótica dela — senão ajoelhar-me e lambe suas coxas até deixá-las limpas. O que ela permitiu que acontecesse sem fazer nenhum comentário.

Infantilizando-me mais ainda. A personalidade absurda de quem se é. A estupidez de ser você mesmo. A comédia inevitável de ser alguém.

Cada novo excesso me enfraquece mais ainda — mas o que pode fazer um homem insaciável?

A expressão no rosto dela? Eu estava à seus pés.

Eu estava no chão. Meu rosto estava apertado contra sua carne, como se fosse um bebê mamando, de modo que não me era possível ver o rosto dela. Mas é como eu já disse: acho que ela não estava intimidada. Não havia nenhuma emoção nova e avassaladora para Consuela enfrentar. Depois que passamos pelas preliminares e nos tornamos amantes, ela parecia capaz de assimilar com facilidade tudo aquilo que sua nudez provocasse em mim. Para ela, não fazia sentido um homem casado como George O'Heam beijar uma garota inteiramente vestida num lugar público às oito da manhã — isso era o caos, para Consuela. Mas aquilo? Aquilo era apenas uma diversão inédita. Era uma coisa natural, o destino físico que ela assumia sem nenhum problema. Sem dúvida, a atenção que lhe dava aquela autoridade cultural que estava de joelhos à seus pés teria o efeito de fazê-la sentir-se importante. Consuela passara a vida inteira atraindo rapazes, sendo amada pela família, adorada pelo pai, de modo que o

autocontrole, a tranqüilidade, uma espécie de equanimidade de estátua, era a forma que sua teatralidade assumia de modo instintivo. Por algum motivo, Consuela estava livre daqueles constrangimentos a que praticamente todo mundo está sujeito.

Isso foi numa noite de quinta-feira. Na sexta à noite, Carol veio direto do aeroporto aqui para a minha casa, e na manhã de sábado eu estava sentado à mesa, já tomando o café-da-manhã, quando ela entrou na cozinha com passos largos, vindo do chuveiro, usando o meu roupão, segurando um tampão ensangüentado semi-envolto em papel higiênico. Primeiro ela me mostrou o tampão, depois jogou-o em cima de mim. "Você anda trepando com outras mulheres.

Me conta a verdade", disse Carolyn, "e depois eu vou embora. Não gosto disso. Já tive dois maridos que trepavam com outras mulheres.

Não gostei, e continuo não gostando. Ainda mais com você. A gente conseguiu ter essa ligação — e aí você faz isso. Você tem tudo como você quer — a gente trepa sem estar num esquema matrimonial e sem envolvimento romântico — e aí você me faz uma coisa dessas. Não tem muitas como eu, não, David. Eu me interesso pela mesma coisa que você. Eu compreendo as coisas. Hedonismo harmonioso. Eu sou uma só em um milhão, seu idiota — então como é que é que você me faz uma coisa dessas?" Ela falava não com aquela raiva de esposa fortalecida por um direito adquirido, e sim como uma cortesã famosa, amparada por uma superioridade erótica inquestionável. E estava coberta de razão: a maioria das pessoas leva para a cama o que há de pior na sua biografia; ela só levava o melhor. Não, Carolyn não estava zangada; estava humilhada e arrasada. Mais uma vez, sua sexualidade abundante havia sido considerada insuficiente por um homem, esse ser insaciável em que não se pode confiar. Disse ela: "Eu não vou brigar com você. Quero que você me diga a verdade e depois você nunca mais vai me ver".

Tentei permanecer o mais tranqüilo possível, manifestando apenas uma curiosidade não muito forte, ao perguntar: "Onde é que você achou isso?". O tampão estava agora na mesa da cozinha, entre a manteigueira e o bule de chá. "No banheiro. No lixo." "Pois

bem, não sei de quem é nem como foi parar lá." "Por que você não põe dentro do seu *hagel* e come?", sugeriu Carolyn.

Limitei-me a dizer: "Eu comeria com o maior prazer, se isso deixasse você satisfeita. Mas não sei de quem é. Acho que eu devia primeiro descobrir de quem é antes de comer". "Eu não suporto isso, David. Eu fico uma fera." "Tenho uma idéia.

Uma hipótese. O meu amigo George", expliquei, "tem a chave do meu apartamento. Ele ganhou o Pulitzer, ele faz leituras de poesia, dá aula na New School, conhece mulheres, garotas, ele come todo mundo que aparece na frente dele, e como naturalmente não pode levar essas garotas para a casa dele, por causa da mulher e dos filhos, e como encontrar um quarto de hotel em Nova York às vezes é impossível, e como, além disso, ele vive duro, e como as mulheres são casadas, muitas delas, e ele não pode ir pra casa *delas*" — até agora, todas as palavras que eu dissera eram verdadeiras —, "ele às vezes vem com uma mulher pra cá."

Isso não era verdade. Era a mesma mentira durável que me havia salvado a pele em outras ocasiões, ao longo dos anos, em que foi descoberto algum objeto incriminativo pertencente a outra mulher — se bem que nunca antes um objeto tão primordial —, deixado por negligência ou de propósito no meu apartamento. A mentira durável do libertino típico.

Nada de que eu possa me orgulhar.

"Quer dizer", disse Carolyn, "que o George trepa com todas essas mulheres na sua cama." "Não com todas. Com algumas, sim. Ele usa a cama do quarto de hóspedes. Ele é meu amigo. O casamento dele não é nenhuma maravilha.

Quando vejo a vida que ele leva, me lembro do tempo em que eu era casado. O George só se sente puro quando está transgredindo. O lado obediente dele lhe dá engulhos. Como é que eu posso dizer não?" "Você é meticuloso demais para entrar numa dessas, David. Organizado demais. Não acredito em nenhuma palavra que você está dizendo. Tudo na sua vida é tão certinho, tudo é tão pensado, bem pesado..."

"Mais motivo ainda pra você acreditar..."

"Alguém esteve aqui, David." "Ninguém", argumentei. "Comigo, não. Eu realmente não sei de quem é esse tampão." Era uma situação tensa, feroz, mas mentindo descaradamente consegui sobreviver, e por sorte ela não me abandonou quando eu mais precisava dela.

Carolyn só foi embora depois, quando eu pedi.

Perdão, tenho que atender o telefone. Preciso atender. Perdão...

Desculpe a demora. Acabou que não era o telefonema que eu estava esperando. Desculpe eu deixar você sozinho desse jeito, mas era o meu filho. Ele me telefonou para dizer que ainda se sente muito insultado por tudo que eu disse no nosso último encontro, e para saber se eu tinha recebido a carta furiosa que ele me mandou.

Sabe, eu já esperava que não ia ser fácil a minha relação com ele, até imaginava que ele ia começar a me odiar antes mesmo que eu desse motivo. Eu sabia que cair fora seria difícil, e que não daria para pular o muro se não estivesse sozinho. Se tivesse levado meu filho comigo, se isso fosse possível, não faria sentido, porque ele estava com oito anos e eu não poderia ter levado a vida que queria levar. Tive que trair meu filho, e não fui perdoado por isso, e nunca vou ser.

No ano passado ele se tornou adúltero aos quarenta e dois anos de idade; desde então, deu de aparecer aqui em casa sem avisar. Onze horas, meia-noite, uma, até duas da madrugada, ele toca o interfone. "Sou eu. Abre a porta, me deixa entrar!" Ele briga com a mulher, sai de casa batendo a porta, pega o carro e, quando dá por si, está aqui. Depois que ele ficou adulto, a gente passava anos sem se ver; às vezes eram meses sem nem mesmo trocar um telefonema.

Você pode imaginar a minha surpresa quando ele apareceu aqui à meia-noite pela primeira vez. O que é que você veio fazer aqui?, eu pergunto. Ele está numa enrascada. Está em crise. Está sofrendo. Por quê? Porque arranjou uma namorada. Uma moça de vinte e seis anos que recentemente começou a trabalhar para ele.

Ele é dono de uma pequena companhia que restaura obras de arte. Era o que a mãe dele fazia até se aposentar: ela era restauradora. Ele entrou no campo da mãe depois que concluiu o

doutorado na New York University, começou a trabalhar com ela, e agora a firma vai muito bem, com dezoito empregados trabalhando num loft no SoHo. Muito trabalho para galerias, colecionadores particulares, leiloeiros, consultores da Sothebys, e por aí vai. Kenny é um homem grandalhão, bonito, se veste de modo impecável, fala com muita autoridade, escreve com inteligência, fala francês e alemão fluentemente — no mundo da arte, sem dúvida alguma ele causa uma tremenda impressão. Mas em mim, não. Minhas deficiências estão na raiz do sofrimento dele. E só ele chegar perto de mim que a ferida que há dentro dele começa a sangrar. No trabalho, é um sujeito ativo, saudável, seguro, sem nenhuma deficiência, mas basta eu lhe dirigir a palavra que tudo que há de forte nele fica paralisado. E basta eu ficar calado enquanto ele fala para abalar tudo que faz dele uma pessoa eficiente. Eu sou o pai que ele não consegue derrotar, o pai na presença de quem seus poderes são subjugados. Por quê? Talvez por eu ter sido um pai ausente. Um pai ausente e uma figura apavorante. Ausente e carregado de significados. Eu traí meu filho. Isso por si só já é motivo para que não possa haver uma relação tranqüila entre nós. Não há nada na nossa história pessoal que bloqueie aquele instinto filial que nos leva a achar que o pai é o responsável por todas as nossas limitações.

Sou o pai Karamazov de Kenny, a força vil e monstruosa pela qual ele, um santo de amor, um homem que tem de se comportar bem o tempo todo, se sente injustiçado, e que lhe inspira sentimentos parricidas, como se ele fosse todos os irmãos Karamazov concentrados num só. Os pais desempenham um papel lendário na cabeça dos filhos, e descobri que a lenda que me foi atribuída é de caráter dostoiévskiano no final dos anos 70, quando recebi pelo correio uma cópia de um trabalho que Kenny escreveu quando estava no segundo ano em Princeton, um trabalho nota-dez sobre *Os irmãos Karamazov*.

Não foi difícil perceber que a relevância do livro para ele era uma fantasia exagerada de sua própria situação. Kenny era um menino superexcitável, para quem tudo que lia tinha um significado pessoal que apagava tudo o mais que dizia respeito à literatura.

Nessa época, a única coisa em que ele pensava era o distanciamento entre nós dois, e o tema de seu trabalho não poderia ter sido outra coisa que não o pai. Um libertino depravado. Um velho solitário e libidinoso. Um velho que andava com meninas.

Um grande bufão que transformou sua casa num harém de mulheres de vida duvidosa. Um pai que, como você deve se lembrar, abandona o primeiro filho, ignora todos os filhos, "pois um filho", escreve Dostoievski, "teria atrapalhado suas orgias". Você não leu *Os irmãos Karamazov*? Mas você tem que ler, mesmo que seja só para ver o retrato divertido daquele pai vergonhoso, perdulário, mau.

Sempre que Kenny me procurava, em desespero, na adolescência, era sempre por causa do mesmo problema. Continua sendo: alguma coisa ameaçou sua auto-imagem de pessoa absolutamente correta. De uma maneira ou de outra, eu o estimulava a relativizar essa idéia, temperá-la um pouco, mas bastava que eu desse a entender tal coisa para ele ter um acesso de fúria, me dar as costas e correr de volta para a mãe. Lembro-me de que uma vez lhe perguntei — ele estava com treze anos, tinha entrado para o secundário e começava a dar sinal de que já era algo mais que uma criança — se ele queria passar o verão comigo numa casa que eu havia alugado nos montes Catskill, não muito longe do hotel de meus pais. Era uma tarde de maio, e estávamos assistindo a uma partida de beisebol.

Mais um daqueles domingos tensos que passávamos juntos. Aquele convite desconcertou Kenny de tal modo que ele foi obrigado a ir correndo até o banheiro do Shea Stadium para vomitar. Antigamente, no Velho Mundo, os pais iniciavam os filhos na vida sexual levando-os a um puteiro, e foi como se eu tivesse proposto isso. Ele vomitou porque, se passasse o verão comigo, talvez encontrasse uma das minhas garotas. Talvez duas. Talvez mais. Porque, na cabeça dele, a *minha casa* era um puteiro. No entanto, aquele acesso de vômito significava não apenas que eu lhe dava nojo, mas também, mais ainda, que aquele nojo lhe dava nojo. Por quê?

Porque ele queria aquilo desesperadamente, porque, até mesmo tendo um pai que lhe inspira raiva e frustração, os momentos que

ele passa na companhia dele são importantíssimos, porque ele anseia tremendamente pela figura do pai.

Isso foi no tempo em que ele ainda não havia cauterizado a ferida se transformando num moralista.

No último ano de faculdade Kenny suspeitou, com razão, que havia engravidado uma colega.

De início, ficou tão alarmado que não conseguiu contar para a mãe, e por isso me procurou. Eu lhe garanti que, se de fato a moça estivesse grávida, ele não teria que se casar com ela.

Afinal, não estávamos em 1901. Se a moça estava decidida a ter o filho, como ela já estava dizendo, então a escolha era dela, não dele. Eu era a favor do direito de escolha, mas não achava que ela devia impor a escolha dela a Kenny. Insisti que ele devia dizer à garota que, aos vinte e um anos de idade, recém-formado, ele não queria um filho, não podia sustentar um filho, não tinha nenhuma intenção de se tornar responsável por um filho. Se, aos vinte e um anos de idade, ela queria assumir aquela responsabilidade sozinha, era uma decisão que ela teria que tomar por conta própria. Ofereci a Kenny dinheiro para pagar o aborto. Disse que eu estava do lado dele, e insisti para que não cedesse. "Mas e se ela não quiser mudar de idéia?", ele me perguntou. "E se ela se recusar terminantemente?" Respondi que, se ela não caísse na realidade, teria de arcar com as conseqüências. Afirmei que ninguém podia obrigá-lo a fazer o que ele não queria fazer.

Disselhe que eu gostaria que algum homem com autoridade me tivesse dito isso quando eu estava prestes a cometer aquele exato erro.

Insisti: "Quando a gente vive num país como o nosso, com uma Constituição e uma Declaração de Independência que dão tanta ênfase à questão da emancipação, que garantem a liberdade individual, quando a gente vive num sistema que é indiferente ao modo como você age desde que você não esteja infringindo nenhuma lei, quase todo o sofrimento que a gente acaba tendo é culpa nossa. Seria diferente se você estivesse vivendo na Europa ocupada pelos nazistas ou na Europa comunista ou na China de Mao Tsé-tung. Lá eles fabricam o sofrimento pra você; você não precisa

fazer nada de errado pra não ter vontade de sair da cama de manhã. Mas aqui, onde não há totalitarismo, um homem como você tem que se virar pra arranjar um motivo pra sofrer. Você, ainda por cima, é inteligente, bonito, teve instrução, sabe falar bem — você foi *feito* pra dar certo num país como este. O único tirano que pode pegar você aqui são as convenções, e elas realmente podem fazer um estrago. Leia Tocqueville, se você ainda não leu. Ele não está ultrapassado, principalmente quando fala em 'homens obrigados a passar pela mesma peneira'. A questão é que você não deve achar que tem de virar beatnik ou boêmio ou hippie num passe de mágica pra escapar das garras das convenções. Pra conseguir isso, não é preciso adotar um comportamento exagerado, nem se vestir de modo estrambólico, coisas que não combinam com o seu temperamento e com a educação que você teve. Nada disso. A única coisa que você precisa fazer, Ken, é encontrar a sua força. Você tem essa força, eu sei que você tem — ela só está imobilizada porque você está se vendo numa situação totalmente nova. Se você quer viver de modo inteligente imune à chantagem dos slogans e das regras que as pessoas seguem automaticamente, é só você encontrar a sua própria..." Et cetera, et cetera. A Declaração de Independência. A Carta dos Direitos. A Oração de Gettysburg. A Proclamação de Emancipação. A Décima Quarta Emenda.

Todas as três emendas da Guerra da Secessão.

Eu falei sobre tudo. Peguei o Tocqueville para mostrar a ele. Pensei: ele está com vinte e um anos, finalmente podemos conversar. Banquei o Polônio de *Hamlet*. O que eu estava dizendo a Kenny, afinal, não era nada de tão extravagante, pois isso foi em 1979. E também não teria sido tão extravagante se alguém tivesse tentado enfiar isso na *minha* cabeça quando eu precisava ouvir essas coisas. Uma nação concebida em liberdade — é só uma questão de senso comum americano. Mas, quando terminei, sabe o que ele fez? Começou a enumerar para mim as qualidades da moça. Eu perguntei: "E as *suas* qualidades?" Mas ele parecia não me ouvir, ele simplesmente começou a dizer outra vez como ela era inteligente, como ela era bonita, e engraçada, e como a família dela era fantástica, e dois meses depois casou-se com ela.

Conheço todas as objeções que um rapaz puro e moralista é capaz de levantar contra as afirmações de soberania pessoal. Conheço todos os rótulos admiráveis que são dados às pessoas que não afirmam sua soberania. Pois bem, o problema de Kenny é que ele precisa ser admirável, custe o que custar. Ele morre de medo de ouvir uma mulher lhe dizer que ele não é admirável. "Egoísta" é a palavra que mais lhe inspira pavor. Seu egoísta filho-da-puta. Ele tem pavor de ser acusado disso, e por isso ele acusa os outros de egoísmo. Pois é, Kenny sempre age de modo admirável, qualquer que seja a situação, e foi por esse motivo que quando o filho mais velho dele, Todd, entrou no colegial e a minha nora disse que eles precisavam ter mais filhos, ele se tornou pai mais três vezes nos seis anos seguintes. Justamente quando ele já estava de saco cheio da mulher. Como Kenny é um sujeito admirável, ele não pode largar a mulher para ficar com a namorada, não pode largar a namorada para ficar com a mulher, e, naturalmente, não pode largar os filhos pequenos. E largar a mãe dele, Deus nos livre. A única pessoa que Kenny pode largar sou eu. Mas ele cresceu ouvindo uma lista de queixas a meu respeito, e assim, depois que me divorciei, nos anos seguintes, toda vez que eu estava com ele era necessário defender minha posição — no jardim zoológico, no cinema, no estádio de beisebol, eu tinha que demonstrar que não sou o que a mãe dele diz que sou.

Desisti porque sou, sim, o que ela diz. Meu filho é o que sua mãe fez dele, e quando chegou o momento de Kenny entrar para a faculdade desisti de ficar disputando alguém em quem eu causava engulhos. Desisti porque não estava disposto a afetar aquela carência feminina contra a qual Kenny não tem defesas. Aquela carência feminina patética da qual meu filho se tornou totalmente dependente. Durante aqueles anos em que ele viveu sozinho com a mãe, cultivando esse vício arcaico — o qual, aliás, no tempo em que a mulher era dependente, transformava os melhores homens em escravos —, eu e ele sempre passávamos juntos duas semanas no verão, no hotelzinho dos meus pais.

Para mim, era um alívio, porque meus pais assumiam o comando. Eles estavam sempre morrendo de saudade de atividades

familiares, e por causa da nossa história comum eu e Kenny nem tentávamos mais nos aproximar. Mas depois que os avós morreram, depois que ele entrou na pós-graduação, já casado, já com um filho... E, no entanto, ele sempre me telefonava quando nascia mais um filho. Muito simpático da parte dele, levando-se em conta seus sentimentos em relação a mim. Sei que perdi, sei disso há muito tempo, é claro. Mas Kenny perdeu também. As conseqüências de eu ser quem sou têm efeitos prolongados. Essas catástrofes familiares são dinásticas.

E, no entanto, de repente, uma vez por mês, uma vez a cada seis semanas, ele vem me procurar para se esvaziar de tudo que o está envenenando. Com os olhos cheios de medo, o coração cheio de raiva, a voz exprimindo cansaço; até mesmo as roupas elegantes dele já não lhe caem bem. A esposa está infeliz e zangada por causa da namorada, a namorada se queixa e se ressentida da esposa, e os filhos têm medo e choram no meio da noite. Quanto ao sexo conjugal, um dever horrendo que ele cumpre estoicamente, nem mesmo isso Kenny tem conseguido fazer. Multiplicam-se as discussões, os problemas intestinais, os panos quentes, as ameaças, as contra-ameaças. Mas quando pergunto: "Então por que é que você não vai embora?", ele me diz que, se fosse embora, sua família seria destruída. Ninguém sobreviveria, todos entrariam em crise, o sofrimento geral seria demais. Não, todo mundo tem que continuar grudado em todo mundo.

O que fica implícito é que Kenny é um homem muito mais honrado do que o pai, que o abandonou aos oito anos de idade. A vida dele tem um significado que a minha não tem. Esse é o trunfo dele. E aí que ele domina e é superior a mim.

"Kenny", eu digo, "por que é que você não encara seu pai finalmente como uma realidade?"

Você precisa encarar a pica do seu pai. Essa é a realidade do pai. A gente mente pras crianças sobre essas coisas. Não se pode ser franco com uma criança a respeito da pica do pai. Que muitos pais não conseguem se segurar num casamento — isso é uma coisa que a gente tem mesmo que esconder dos pequeninos. Mas você já

é homem feito. Você já está sabendo das coisas. Você conhece todos esses artistas.

Conhece todos esses marchands. Não é possível que não saiba como é que os adultos vivem a vida deles. Será que isso ainda é o maior escândalo imaginável?"

A gente só faz trocar acusações, ainda que não da maneira tradicional. Fora das páginas de Dostoievski, a história tradicional é justamente o contrário: o pai é a autoridade repressora, o filho é incorrigível, e o castigo flui de cima para baixo.

No entanto, ele continua vindo aqui, e sempre que ele toca a campainha eu o deixo entrar.

"Quantos anos tem a sua namorada?", pergunto.

"E ela está tendo um caso com um homem casado que tem quarenta e dois anos, que tem quatro filhos e que é o patrão dela? Então ela também não é nenhum modelo de virtude. O

único modelo de virtude é você. Você e a sua mãe." Só você ouvindo Kenny falar sobre essa garota. Ela é química, mas também é formada em história da arte. E toca oboé, ainda por cima.

Que maravilha, digo a ele. Até mesmo em matéria de adultério você é melhor do que eu.

Aliás, ele nem usa a palavra "adultério". O adultério dele é diferente do das outras pessoas.

O grau de compromisso é tão elevado que nem se pode chamar de adultério. E este o meu problema: eu não me comprometo. Os meus adultérios não foram sérios o bastante para ele.

Pois bem, nisso ele tem razão. Fiz questão de que eles não fossem sérios. Mas, para ele, o adultério é uma maneira de recrutar uma nova esposa. Kenny foi conhecer a família dela. Era o que ele estava me dizendo agora mesmo, que ele pegou o avião e foi com a namorada ontem conhecer a família dela. "Você foi até a Flórida", perguntei a ele, "foi e voltou no mesmo dia pra conhecer os pais dela? Mas isso é adultério. O que é que os pais dela têm a ver com isso?" Ele me disse que no início, no aeroporto, os pais dela foram muito frios, muito desconfiados, mas quando todo mundo se sentou em volta da mesa para jantar eles já estavam dizendo que o adoravam. Como se ele fosse filho deles. Todo mundo adora todo

mundo. Valeu à pena a viagem. "E você conheceu a irmã da sua namorada e os filhinhos lindos dela?", perguntei.

"Conheceu o irmão dela e os filhinhos lindos dele?" Ah, Kenny vai trocar esse xilindró de delegacia que é o casamento atual dele por uma penitenciária federal de segurança máxima. Mais uma vez, está indo direto para a gaiola. Eu lhe digo: "Kenny, você quer que eu lhe dê autorização e aprovação? Pois bem, eu lhe dou de bom grado autorização e aprovação". Mas isso para ele não basta. Não é o suficiente ele ter o único pai em todo esse país enorme que aprova o que ele está fazendo, que é capaz até de ajudá-lo a juntar os trapos com mais um rabo-de-saia que tem uma família maravilhosa na Flórida.

Além disso, é preciso que eu reconheça a superioridade dele. "E tem também o oboé", acrescentei. "Não é incrível? Aposto que nas horas vagas ela escreve poesia. Aposto que os pais dela escrevem também." Credenciais, credenciais, credenciais. Tem homem que não consegue trepar se a mulher não estiver com um chicote na mão, em cima dele. Tem homem que não consegue trepar se a mulher não estiver com uniforme de camareira. Uns só conseguem trepar com anãs, outros só com criminosas, outros só com cabras. Meu filho só consegue trepar se a mulher tiver as credenciais morais necessárias. Eu digo a ele: isso é uma tara como outra qualquer, não é melhor nem pior que as outras. Você tinha mais era que assumir isso e não ficar se achando tão especial.

Tome aí. A carta que ele temia que tivesse se extraviado. A data é a noite da semana passada em que ele me visitou. Como se nesse último ano que passamos trocando insultos eu já não tivesse recebido dez outras iguais a essa. "Você é cem vezes pior do que eu pensava." Isso aí é só o começo. Isso é só um aperitivo. Depois vem isto. Deixa que eu leio para você. "Você insiste. E

incrível. As coisas que você me disse. Você tem necessidade de se afirmar o tempo todo, de provar que a sua opção de vida foi correta e a minha foi um ato de covardia, um ato grotesco, um erro. Eu venho procurar você completamente consternado, e você me faz uma agressão psicológica dessas. Os anos 60 — então tudo que ele é hoje é porque levou Janis Joplin a sério.

Sem Janis Joplin ele não teria se tornado, aos setenta anos de idade, o velho mais patético que se pode imaginar. Aquele cabelo branco comprido, a papada de peru disfarçada pelo foulard — quando é que o senhor vai começar a passar ruge nas faces, Herr von Aschenbach?

Você faz idéia da cara que tem? Faz idéia? Toda aquela dedicação às Coisas Elevadas.

Defendendo a causa do belo na TV educativa.

Lutando sozinho em defesa dos padrões culturais numa sociedade de massa. Mas e os padrões da decência? É claro que você não teve coragem de permanecer na academia e se tornar um homem sério; você nunca foi sério, nem por um minuto em toda a sua vida. Onde estará Janie Wyatt agora? Quantos casamentos fracassados?

Quantas crises nervosas? Em que hospital psiquiátrico ela estará internada há não sei quantos anos? Essas garotas que estão na faculdade não deviam se proteger de você? Você é um argumento vivo em favor da necessidade de protegê-las. Eu tenho duas filhas, suas netas, e se eu pensasse que as minhas filhas iam estudar numa faculdade em que o professor era um homem como meu pai..."

E por aí vai... até que... deixa eu ver... ah, sim, aqui ele é mais forte. "Meus filhos estão assustados, gritando, porque os pais deles estão discutindo e o pai deles está tão zangado que vai embora da casa. Você sabe como eu me sinto ao ver meus filhos, quando chego em casa à noite?

Você sabe o que é ouvir seus filhos chorando?

Mas *como* você poderia saber? E eu protegia você. Sim, *eu* protegia *você*. Eu tentava não acreditar que minha mãe tinha razão. Eu defendia você, brigava por você. Eu tinha que fazer isso, porque você era meu pai. Na minha cabeça, eu tentava encontrar desculpas para você, tentava compreendê-lo. Mas *os anos 60*?

Aquela explosão de infantilidade, aquela regressão coletiva, vulgar e desmiolada, é isso que explica tudo e desculpa tudo? Será que você não consegue encontrar um álibi melhor? Será que seduzir alunas indefesas, colocar os interesses da sua própria sexualidade à frente de todas as outras pessoas — será que isso é mesmo

necessário? Não, o que é necessário é permanecer num casamento difícil e criar um filho e enfrentar as responsabilidades da vida adulta. Todos aqueles anos, eu pensava que minha mãe estava exagerando. Mas não. Mal sabia eu, até hoje à noite, o que ela foi obrigada a aturar. Você a fez sofrer tanto, e para quê? Os fardos que você impôs a ela — e a *mim*, ainda menino, a obrigação de ser tudo neste mundo para minha mãe —, e para quê? Para você poder ser 'livre'? Eu não suporto você. Nunca suportei."

Mês que vem ele volta para dizer que não me suporta. E no mês seguinte também. E no *outro* mês também. No final das contas, não perdi meu filho. O pai dele acabou finalmente se tornando um recurso valioso. "Sou eu. Abre a porta, me deixa entrar!" Kenny não consegue ver a situação em que está com auto-ironia, mas acho que ele compreende mais do que dá a entender.

Então ele não compreende nada? Não é possível.

Burro ele não é. Não é possível que esteja até hoje traumatizado pela infância sofrida. Ainda está, sim? E, pode ser. Você provavelmente tem razão. Ele vai ficar fervendo por causa disso o resto da vida. Mais uma entre tantas ironias: um homem de quarenta e dois anos de idade, ainda dependente da existência de um menino de treze, ainda atormentado por isso. Talvez tudo continue tal como era no dia daquela partida de beisebol. Ele morre de vontade de pular fora.

Morre de vontade de fugir da mãe, de ficar com o pai, mas a única coisa que consegue fazer é vomitar as tripas.

Meu caso com Consuela durou pouco mais de um ano e meio. Só voltamos a sair para jantar fora ou ir ao teatro umas poucas vezes. Ela tinha medo da imprensa, medo de parar na Page Six, e por mim tudo bem, porque sempre que eu a via tinha vontade de comê-la na mesma hora, sem ter que assistir a uma merda de uma peça antes.

"Você sabe como é a imprensa, sabe o que eles fazem com as pessoas, se eu for lá com você..."

"Tudo bem, não se preocupe", eu concordava, atencioso, "a gente fica em casa." Ela acabava dormindo aqui, e tomávamos o café-da-manhã juntos. Nós nos víamos uma ou duas vezes por

semana, mesmo depois do incidente do tampão, Carolyn jamais ficou sabendo da existência de Consuela. Ainda assim, eu nunca me sentia tranqüilo com ela; nunca conseguia parar de pensar nos cinco rapazes com quem ela havia trepado antes de mim, dois dos quais, depois fiquei sabendo, eram irmãos — um foi amante dela aos dezoito anos, o outro quando ela estava com vinte; irmãos cubanos, filhos de uma família rica do condado de Bergen, os Villareal, e mais uma causa para sofrimento. Se não fosse a influência tranqüilizadora de Carolyn e das noites maravilhosas que passávamos juntos, não sei o que teria sido de mim.

A agitação de possuir Consuela — que revezava com a agitação de não possuir Consuela — só terminou quando ela concluiu o mestrado e deu uma festa em Nova Jersey, na casa dos pais. É

claro que foi bom para nós dois o caso acabar, mas não estava nos meus planos que acabasse, e depois fiquei arrasado. Passei quase três anos entrando e saindo da depressão. Por mais atormentado que eu estivesse com ela, fiquei cem vezes mais atormentado por tê-la perdido.

Foi um período terrível, que não terminava nunca. George O'Hearn foi fantástico. Era ele que ficava conversando comigo durante as muitas noites em que minha depressão estava insuportável. Além disso, eu tinha o piano, e foi ele que me salvou.

Já comentei que, ao longo dos anos, comprei muitas partituras, literatura para piano, e assim eu tocava o tempo todo, quando havia terminado meu trabalho. Toquei todas as trinta e duas sonatas de Beethoven no decorrer daqueles anos, nota por nota, para tirar Consuela da minha cabeça. Ninguém deveria ser obrigado a ouvir uma gravação dessas minhas interpretações, uma gravação, aliás, que não existe. Algumas passagens eu tocava no andamento correto, mas a maioria delas, não, porém eu seguia em frente assim mesmo. Uma maluquice, mas foi assim. Quem toca música para teclado tem a sensação de que está re-produzindo o que os compositores fizeram, de modo que é como entrar na cabeça deles, até certo ponto. Não na parte mais misteriosa, onde a música tem origem, mas assim mesmo você não está apenas absorvendo uma experiência estética de modo passivo. Você, à sua maneira

desajeitada, de algum modo está produzindo essa experiência, e foi assim que tentei me refugiar da perda de Consuela. Toquei as sonatas de Mozart. Toquei a música para piano de Bach. Toquei essas músicas e as conheço bem, o que não é a mesma coisa que dizer que sei tocá-las bem. Toquei peças inglesas renascentistas de Byrd e outros compositores da época. Toquei Purcell. Toquei Scarlatti. Tenho todas as sonatas de Scarlatti — são quinhentas e cinqüenta. Não vou dizer que toquei todas, mas toquei uma boa parte delas. A música para piano de Haydn. Agora eu a conheço de cor e salteado.

Schumann. Schubert. E tudo isso, veja lá, com um mínimo de formação musical. Mas foi uma época terrível, uma época estéril, e as opções eram estudar Beethoven e entrar na cabeça dele ou então ficar dentro da minha própria cabeça, revivendo todas as cenas de Consuela de que eu me lembrava — revivendo o pior de tudo, a temeridade que foi não ir à comemoração do mestrado dela.

Mas, você entende, é que jamais consegui me dar conta de que ela era uma pessoa comum.

Essa garota que tira o tampão para mim — então ela não quer mais saber de mim só porque não fui à comemoração do mestrado dela? Uma coisa tão poderosa terminar assim, sem mais nem menos — isso para mim é inacreditável. O modo abrupto como tudo termina, eu fico revivendo isso, pensando que a explicação é que Consuela não queria que a coisa continuasse. Por quê?

Porque ela não sentia desejo por mim, jamais sentiu, estava só fazendo uma experiência comigo, só testando o poder de seus seios. Mas Consuela não estava tendo o que ela queria. E o que ela queria, quem lhe dava eram os irmãos Villareal. Claro. Eles estavam todos na festa, reunidos em torno dela, insistentes, morenos, belos, musculosos, educados, jovens, e ela se deu conta: o que é que eu estou fazendo com esse velho? Ou seja, eu tinha razão desde o início — e, portanto, foi bom tudo ter terminado.

Ela foi até onde queria ir. Se eu tivesse insistido em tocar em frente, só ia conseguir me torturar ainda mais. A coisa mais inteligente que fiz foi não ir à festa. Porque eu estava cedendo, cedendo sem me dar conta do que estava fazendo. O anseio jamais

passava, nem mesmo no tempo em que ela era minha. A emoção básica, como já disse, era o anseio. Continua sendo anseio. Não há como me livrar desse anseio, da sensação de que sou sempre um suplicante. É isso: eu sinto anseio quando estou com ela, e também quando estou sem ela. Então, quem foi que terminou o caso? Fui eu, ao não ir à festa, ou ela, aproveitando o fato de que não fui à festa?

Era essa a discussão infinita que não saía da minha cabeça, e era por isso que, para não ficar o tempo todo pensando na perda de Consuela — para não ficar dramatizando de modo falso aquele único acontecimento, a festa, como a chave de tudo que eu fizera errado —, que tantas vezes não havia outro jeito senão me levantar no meio da noite e ficar tocando piano até o dia nascer.

O que aconteceu foi que ela me convidou para ir a Nova Jersey, para comemorar o mestrado dela, e fui obrigado a dizer que ia; mas quando estava atravessando a ponte pensei: os pais dela vão estar lá, os avós, os parentes cubanos, todos os velhos amigos de infância vão estar lá, aqueles irmãos vão estar lá, e eu vou ser apresentado a todos como o professor que aparece naquele programa de televisão. E seria simplesmente ridículo, depois de um ano e meio, eu ter que fingir que era apenas um mentor simpático para aquela moça, principalmente na presença daqueles putos dos Villareal. Não, eu não tinha mais idade para essas coisas, e por isso parei na ponte, já chegando a Nova Jersey, e telefonei para ela, para dizer que meu carro havia pifado e por isso eu não poderia ir. Uma mentira óbvia — meu carro na época era um Porsche que ainda não tinha dois anos — e assim, naquela mesma noite, lá de Nova Jersey, ela me mandou um fax, usando o aparelho dc fax dos pais dela, uma carta que não foi a mais explosiva que já recebi na minha vida, mas assim mesmo eu jamais poderia imaginar Consuela incontrolável daquele jeito.

O fato, porém, é que jamais consegui imaginar Consuela, de jeito nenhum. Que outras coisas eu não saberia a respeito dela por estar cego, cego de tanta obsessão? Ela gritava comigo na carta: "Você está sempre bancando o velho sábio que sabe tudo". Gritava: "Vi você hoje mesmo na televisão, fazendo o papel daquele que sempre sabe tudo, sabe o que é bom e o que não é bom em matéria de cultura, sabe o que as pessoas devem ler e o que elas não devem

ler, entende tudo sobre música e arte, e então, para comemorar esse momento importante da minha vida, eu dou uma festa, quero dar uma festa maravilhosa, quero que você esteja comigo, você, que é tudo para mim, e você não vem". E olhe que eu já havia mandado um presente para ela, e flores também, mas ela estava furiosa, indignada...

"Doutor Sabe-Tudo, a grande autoridade sobre todos assuntos, tão arrogante, ensinando a todo mundo o que pensar e o que fazer! *Me dá asco!*"

Foi assim que terminou a carta. Nunca antes, nem mesmo de brincadeira, Consuela havia se dirigido a mim em espanhol. Uma expressão comum, *me dá asco*.

Isso tudo foi há seis anos e meio. O mais estranho foi que três meses depois recebi um cartãopostal dela, vindo de algum país do Terceiro Mundo com um hotel de cinco estrelas — Belize, Honduras, um lugar assim —, um cartãopostal totalmente simpático. Depois, seis meses se passaram e ela me telefonou. Estava se candidatando a um emprego na área de publicidade, o tipo de emprego, disse ela, que eu não gostaria que ela aceitasse, mas será que eu escreveria uma carta de recomendação para ela assim mesmo? Como ex-professor dela. Escrevi a carta. Depois recebi um cartãopostal (um nu de Modigliani, do MOMA), dizendo que ela conseguiu o emprego e que estava muito feliz.

Depois disso, nada. Uma noite encontrei o nome dela no novo catálogo telefônico de Manhattan, com o endereço de um apartamento no Upper East Side, que certamente o pai comprou para ela. Mas voltar não era uma boa idéia, e resolvi não tentar.

Entre outras coisas, porque George não me deixava. George O'Hearn, embora fosse quinze anos mais moço do que eu, era meu confessor e conselheiro para as coisas deste mundo. Foi meu amigo mais próximo durante o ano e meio em que estive com Consuela, e foi só depois que tudo terminou que ele me disse o quanto estava preocupado, o quanto me vigiava à medida que eu ia abrindo mão de meu realismo, meu pragmatismo, meu ceticismo, não pensando em outra coisa que não a possibilidade de perdê-la.

Foi ele que não me deixou responder ao cartão postal, o que eu estava morrendo de vontade de fazer, por imaginar que estava sendo convidado a fazê-lo por aquela cintura fina e cilíndrica, aquelas cadeiras largas, aquelas coxas de-licadamente curvas, aquele fogo ardente que assinala os pêlos da encruzilhada do púbis — por aquele nu que é a marca registrada de Modigliani, aquela garota acessível e longilínea que ele pintava ritualmente, e que Consuela escolhera para me enviar, tão impudicamente, pelo correio. Um nu cujos seios, fartos, caindo um pouco para os lados, poderiam muito bem ter sido copiados dos dela. Um nu representado de olhos fechados, protegido, tal como Consuela, apenas por seu próprio poder erótico, ao mesmo tempo, tal como Consuela, essencial e elegante.

Uma mulher nua de pele dourada, inexplicavelmente adormecida sobre um abismo negro veludoso, o qual, no estado de espírito em que me encontrava, associei ao túmulo. Uma linha longa e ondulada, lá está ela, deitada, à sua espera, imóvel como a morte.

George não queria nem mesmo que eu escrevesse a carta de recomendação. "Com essa garota você sempre vai ser indefeso. Você nunca vai poder dar as cartas. Tem alguma coisa nela", disse George, "que enlouquece você, que sempre vai enlouquecer você. Se não cortar essa ligação de uma vez por todas, essa coisa vai acabar destruindo você. Com ela, você não está mais satisfazendo uma necessidade natural. Isso é patologia, na forma mais pura. Olha", disseme ele, "encare a coisa como um crítico, do ponto de vista profissional. Você violou a lei do distanciamento estético. Você sentimentalizou a experiência estética proporcionada por essa garota — você personalizou, sentimentalizou a experiência, perdeu o distanciamento que é essencial pra você poder fruir. Você sabe quando foi que isso aconteceu? Foi naquela noite em que ela tirou o tampão. O distanciamento estético necessário desabou não quando você ficou vendo o sangue escorrer — até aí tudo bem, tudo ótimo —, mas quando você não conseguiu se conter e se ajoelhou diante dela. Mas por que diabo você foi fazer isso? O que é que está por trás dessa comédia, uma garota cubana pegar um sujeito como

você, o professor do desejo, e fazer você beijar a lona? Beber o sangue dela?

Eu diria que foi aí que você abriu mão de uma posição crítica independente, Dave. Diz ela: você tem que me adorar, adorar o mistério da deusa que sangra; e você vai e obedece. Você topa tudo. Você lambe o sangue. Consome. Digere o sangue. *Ela penetra você.* Depois disso, qual vai ser a próxima, hein, David? Beber a urina dela?

Daqui a quanto tempo você vai estar implorando pelas fezes dela? Não sou contra isso por não ser higiênico. Nem por ser nojento. Sou contra porque isso é paixão, é amor. A única obsessão que todo mundo quer ter: o 'amor'. As pessoas pensam que quando se apaixonam elas se completam? A união platônica das almas? Pois eu não concordo. Eu acho que você está completo antes de se apaixonar. E o efeito do amor é fracionar você. Antes você está inteiro, depois você racha ao meio. Ela era um corpo estranho que havia se introduzido na sua integridade. E que você passou um ano e meio tentando incorporar. Mas você só vai conseguir ficar inteiro depois que expelir esse corpo estranho. Ou bem você se livra dele ou bem você o incorpora, distorcendo a si próprio. E foi isso que você fez, e foi por isso que você enlouqueceu.

É difícil concordar com essas palavras, e não apenas por causa das tendências mito-poéticas de George; é simplesmente difícil atribuir tamanho potencial desastroso a uma pessoa aparentemente tão pouco intimidadora quanto Consuela, essa moça de boa família bem criada e protegida. Mas George não arredava pé. "O compromisso é uma desgraça, é o seu inimigo.

Joseph Conrad: aquele que forma um vínculo está perdido. E um absurdo você estar aí com a cara que está. Você já provou. Não basta? A gente só faz mesmo é provar, de tudo que existe, é ou não é? E só o que a vida nos permite, é só isso que nós conhecemos da vida.

Só uma prova. Mais nada."

George tinha razão, é claro, e estava apenas repetindo o que eu já sabia. Aquele que forma um vínculo está mesmo perdido, o compromisso é mesmo meu inimigo, e assim sendo recorri ao que

Casanova denominava de "o remédio dos estudantes": a masturbação. Eu me imaginava sentado ao piano, com ela nua em pé ao meu lado. Uma vez representamos ao vivo essa exata fantasia, de modo que eu estava ao mesmo tempo lembrando e imaginando. Eu lhe pedira que tirasse as roupas e me deixasse ficar olhando para ela, tocando ao mesmo tempo a sonata em dó menor de Mozart, e ela fez o que pedi. Não sei se toquei melhor do que costumava tocar, mas a questão não era essa. Numa outra fantasia recorrente, eu digo a ela: "Isto aqui é um metrônomo. A luzinha pisca e ao mesmo tempo faz um barulho periódico. Só isso. Você ajusta o andamento tal como você quer. Não são só amadores como eu, mas até mesmo os profissionais, até mesmo os grandes concertistas, têm o problema de correr demais".

Mais uma vez, imagino Consuela em pé ao lado do piano, as roupas caídas a seus pés, tal como na noite em que, inteiramente vestido, toquei a sonata em dó menor, o movimento lento, uma serenata à nudez dela. (Às vezes ela me aparecia em sonhos identificada apenas como "K. 457", como se fosse uma espiã.) "Isto é um metrônomo de quartzo", explico. "Não é aquela coisa triangular que você talvez já tenha visto, com um pêndulo, um pêndulo com um peso na ponta, e uma coluna de números. Os números são os mesmos que aparecem no pêndulo", e quando ela se aproxima para examinar o aparelho, os seios dela cobrem minha boca e abafam por um momento a pedagogia — a pedagogia que é meu maior poder sobre Consuela. Meu único poder.

"São números padronizados", explico. "Se você ajustar para sessenta, as batidas vão corresponder aos segundos. Isso mesmo, como as batidas de um coração. Deixa eu sentir as batidas do seu coração com a ponta da língua."

Ela deixa que eu faça isso, tal como deixa acontecer tudo que acontece entre nós — sem comentário, quase sem cumplicidade. Eu acrescento: "Aliás, antes de inventarem esse aparelho, por volta de 1812 — quer dizer, aquele antigo —, não havia números de andamento nas partituras. O que eles diziam nos tratados gerais sobre andamento era que se devia tomar o pulso como allegro. Diziam: 'Tome seu pulso e use-o como andamento'. Deixa eu tomar

seu pulso com a cabeça do meu pau. Senta no meu pau, Consuela, e vamos brincar com o tempo. Ah, não é um allegro muito rápido, não, não é? Não. Pois bem, nenhuma peça de Mozart tem números de andamento, e por quê, por quê? Como você se lembra, quando Mozart morreu...". Mas neste momento atinjo o orgasmo, a fantasia pedagógica termina, e pelo menos por um momento não estou febril de desejo. É Yeats, não é?

*"Consome meu coração; febril de desejo /
E acorrentado a um animal agonizante /
Já não sabe o que é."*

Yeats. Isso mesmo. "Aprisionado pela música sensual", e por aí vai.

Eu tocava Beethoven e me masturbava. Tocava Mozart e me masturbava. Tocava Haydn, Schumann, Schubert, e me masturbava com a imagem dela na cabeça. Porque não conseguia esquecer os peitos, os peitos maduros, os mamilos, esquecer o jeito dela de cobrir meu pau com os peitos, e me acariciar assim. Mais um detalhe. Um último detalhe, e depois eu paro. Esses detalhes estão ficando meio técnicos, mas este é importante. Era este o detalhe que fazia de Consuela uma obra-prima de *volupté*. Ela é uma das poucas mulheres que já conheci que gozam fazendo a vulva pulsar para fora, uma coisa involuntária, como se fosse o corpo macio, íntegro, borbulhante, de um molusco. O que me pegou de surpresa da primeira vez. Você sente isso, e tem impressão de que é uma fauna de outro mundo, um ser marítimo. Aparentada à ostra, ao polvo, à lula, uma criatura que vive nas profundezas, de milênios atrás. Normalmente você vê a vagina e pode abri-la com as mãos, mas no caso de Consuela ela se abria em flor, a boceta emergia de seu esconderijo ela própria. Os lábios internos são expelidos para fora, inchados, é muito excitante, aquela forma untuosa, inchada, é estimulante para o tato e excitante de se ver. O segredo exposto num êxtase. Schiele daria o braço direito para poder pintar aquilo. Picasso o transformaria num violão.

Você quase goza só de vê-la gozar. Consuela olhava para o outro lado quando isso acontecia com ela. Os olhos dela reviravam,

você só via o branco dos olhos, e isso também era uma visão e tanto. Toda ela era uma visão e tanto. Por mais que eu sofresse por ciúme, humilhação, insegurança incessante, eu sempre me orgulhava quando fazia Consuela gozar. Às vezes você nem se preocupa se a mulher goza ou não: a coisa simplesmente acontece, a mulher parece fazer o orgasmo acontecer sozinha, não é responsabilidade do homem. Com outras mulheres, isso não é tão importante; já basta a situação em si, a excitação da situação, isso não tem importância. Mas com Consuela a responsabilidade era claramente minha, e era sempre, sempre, uma coisa que me dava orgulho.

Tenho um filho de quarenta e dois anos de idade que é ridículo — que é ridículo *porque* é meu filho, preso naquele casamento porque eu pulei fora do meu, por causa da importância que isso teve para ele, e porque ele transformou sua própria vida num protesto contra a minha. O ridículo é o preço que ele paga por ter se tornado tão Telêmaco quando ainda era tão pequeno, o heróico defensor da mãe abandonada.

No entanto, durante meus três anos de depressão intermitente eu fui mil vezes mais ridículo do que Kenny. O que é que quero dizer com ridículo? O que é ridículo? E abrir mão da própria liberdade voluntariamente — essa é a definição do ridículo. Se a sua liberdade é arrancada à força, nem é preciso dizer que você não é ridículo, só é ridículo para aquele que arrancou sua liberdade. Mas todo aquele que dá sua liberdade de graça, que está morrendo de vontade de dar sua própria liberdade, penetra no reino do ridículo que traz à mente a peça mais famosa de Ionesco, e que é uma fonte de comédia em toda a literatura. A pessoa que é livre pode ser louca, burra, repugnante, infeliz justamente por ser livre, mas não é ridícula. Ela tem uma dimensão enquanto ser. Eu já era ridículo quando estava com Consuela. Mas e nos anos em que fui prisioneiro do monótono melodrama da perda? Meu filho, cujo desprezo por mim o transformou num exemplo para mim, decidido a ser responsável onde eu era relapso, incapaz de se libertar de qualquer pessoa, principalmente de mim — meu filho pode até nem querer outra coisa, mas eu ando por aí dizendo para todos que não caio

nessa, e mesmo assim o corpo estranho se introduz. O ciúme se introduz. O apego se introduz. O eterno problema do apego. Não, nem mesmo uma foda pode permanecer totalmente pura e protegida. E é nisso que eu fracasso. Eu, o grande propagandista da foda, não consigo me sair melhor do que Kenny. E claro que não existe a espécie de pureza com que Kenny sonha, mas também não existe a pureza com que eu sonho.

Quando dois cachorros trepam, parece haver pureza. Eis ali, pensamos, uma foda pura, entre animais. Mas, se pudéssemos conversar com eles, provavelmente iríamos acabar constatando que até mesmo entre os cães existem, em forma canina, essas distorções malucas do anseio, do enrabichamento, da possessividade, até mesmo do amor.

Essa necessidade. Essa confusão. Será que não pára nunca? Depois de algum tempo, eu já nem sei mais qual é o objeto desse anseio desesperado. Os peitos dela? A alma? A juventude? A simplicidade mental dela? Talvez seja algo pior do que isso — talvez agora, que estou chegando perto da morte, eu esteja secretamente ansiando por não ser livre.

O tempo passa. O tempo passa. Tenho outras namoradas. Namoradas que são alunas. Antigas namoradas que aparecem, vinte, trinta anos depois. Algumas já passaram por vários divórcios, e algumas se dedicaram tanto a suas carreiras que nem tiveram oportunidade de se casar. As que ainda estão sozinhas me telefonam para se queixar dos encontros marcados com desconhecidos. Elas odeiam esses encontros, acham os relacionamentos impossíveis, o sexo um risco de vida. Os homens são narcisistas, desprovidos de senso de humor, malucos, obsessivos, prepotentes, grosseiros, ou então são lindos, viris e implacavelmente infiéis, ou então são indefesos, ou são impotentes, ou são apenas burríssimos. As que estão na faixa dos vinte não têm esses problemas porque ainda recorrem às amigas do tempo da faculdade, pois a escola, é claro, é o maior fator de socialização, mas as mulheres um pouco mais velhas, quando chegam aos trinta e tantos anos, estão tão ocupadas com o trabalho que muitas delas, segundo me dizem, apelam para casamenteiros profissionais na tentativa de encontrar um homem. E

a uma certa idade param de conhecer pessoas novas. Disseme uma das desiluidas: "Quem são essas pessoas novas quando a gente finalmente conhece uma delas? São as mesmas pessoas antigas com máscaras. Elas não têm nada de novo. São pessoas".

Os casamenteiros cobram por um ano de filiação, e garantem um certo número de encontros durante esse período. Alguns cobram duzentos dólares, outros cobram dois mil dólares, e falaram-me de um em particular, especializado em "pessoas de qualidade", que promove encontros — até vinte e cinco num período de dois anos — por nada menos do que vinte e um mil dólares. Achei que tinha entendido mal quando me disseram isso, mas não, o preço é mesmo vinte e um mil dólares. E muito duro para uma mulher ter que se submeter a uma transação como essa na tentativa de encontrar um homem para se casar com ela e lhe dar filhos; não admira que elas apareçam tarde da noite no apartamento de seu velho ex-professor e às vezes, de tão solitárias que estão, passem a noite com ele.

Recentemente uma delas esteve aqui tentando se recuperar do trauma de ter sido abandonada no meio de uma refeição no primeiro encontro com um homem que, segundo ela, era "um tipo chegado a férias de alto risco, um superaventureiro desses que caçam leões e praticam surfe radical". "A barra está pesada, David", comentou ela. "O problema não são os encontros, é *tentar* arrumar um encontro. Aceitei estoicamente o casamenteiro", acrescentou, "mas nem isso dá certo."

Elena, a bondosa Elena Hrabovsky, que ficou grisalha prematuramente, talvez por culpa desses encontros arranjados. Disselhe eu: "Deve ser uma coisa muito tensa, os homens desconhecidos, os silêncios, até mesmo a conversa", e ela me perguntou: "Você acha que tem sentido uma pessoa bem-sucedida como eu passar por uma coisa dessas?". Elena é oftalmologista, uma mulher que veio de baixo, que emergiu da classe operária graças a um esforço sobre-humano. "A vida passa cada rasteira na gente", disseme ela, "que você acaba ficando sempre na defensiva, até que um dia você diz: ah, chega. É uma pena, mas você não tem mais gás. Alguns desses homens são mais atraentes do que a média. Instruídos. A maioria ganha bem. E eu nunca sinto atração por esse

tipo de homem", diz ela. "Por que será que eu acho esses caras tão chatos? Talvez porque eu seja uma chata", disse ela. "Eles vêm me pegar de BMW. Com música clássica tocando. Me levam nuns restauantezinhos muito legais, e eu fico o tempo todo pensando: Ah, meu Deus, por favor, me leve logo pra casa. Eu quero filhos, eu quero família, eu quero um lar", disse Elena, "mas embora eu tenha resistência física e emocional pra passar seis, sete, oito horas em pé na sala de operação, eu não agüento mais essa humilhação. Tem uns que ficam bem impressionados comigo, pelo menos isso."

"E têm mais é que ficar, mesmo. Você é uma especialista em retinas. Você é cirurgiã oftalmologista. Graças a você, as pessoas não ficam cegas."

"Eu sei. Estou falando de rejeição clara", disse ela. "Isso eu não tenho estrutura pra agüentar."

"Ninguém tem", disse eu, mas meu argumento não adiantou muito.

"Eu já tentei e tentei", prosseguiu ela, quase chorando, "não é, David? Dezenove encontros?"

"Meu Deus", concordei, "sem dúvida você tentou."

Naquela noite Elena me deu muito trabalho.

Ficou até o dia nascer, quando saiu afobada para se aprontar lá mesmo no hospital. Nem eu nem ela conseguimos dormir quase nada, porque fiquei o tempo todo lhe passando um sermão sobre a necessidade de desistir da idéia de formar um casal, enquanto ela ficou o tempo todo escutando, tal como a aluna aplicada e séria que era quando a conheci, tomando nota de tudo que eu dizia em sala de aula. Mas se a ajudei ou não, não sei. Elena é inteligente, competentíssima, mas para ela o desejo de ter um filho é instintivo. F, isso, a idéia desencadeia o instinto da propagação, e isso é que é o patético da história. Mas continua sendo instintivo: sem pensar, você dá o próximo passo.

Uma coisa tão primitiva, numa pessoa tão sofisticada. Mas foi assim que ela concebeu a vida adulta há muitos, muitos anos, muito antes de se tornar adulta, muito antes de se apaixonar a sério pelas doenças da retina.

O que mais eu disse a ela? Por que você pergunta? Você também está precisando ouvir meu sermão sobre a infantilidade do desejo de formar um casal? É claro que é uma infantilidade. A vida em família é infantil, hoje mais do que nunca, quando o ethos é criado acima de tudo pelas crianças. É pior ainda quando não há filhos. Porque aí o adulto infantil substitui a criança. A vida em casal e a vida em família ressaltam o lado infantil de todas as pessoas envolvidas. Por que é que eles têm de dormir noite após noite na mesma cama? Por que é que precisam telefonar um para o outro cinco vezes por dia? Por que é que têm que estar sempre um com o outro? Aquela deferência forçada certamente é uma coisa infantil. Aquela deferência antinatural. Numa dessas revistas, li outro dia um artigo sobre um casal famoso, ligado à mídia, eles estão casados há trinta e quatro anos, como era maravilhoso eles terem aprendido a suportar um ao outro. Orgulhoso, o marido disse ao repórter: "Eu e minha mulher costumamos dizer que o sinal de um bom casamento é ter a língua cheia de marcas de dentes".

Quando estou com pessoas assim, me pergunto: por que é que elas estão se punindo? Trinta e quatro anos. É admirável o grau de rigor maso-quista dessas pessoas.

Tenho um amigo em Austin, um escritor de muito sucesso. Casou-se jovem em meados dos anos 50, depois se divorciou no início dos anos 70. Casou-se com uma mulher decente, com quem teve três filhos decentes — e resolveu pular fora. E não saiu num momento de histeria ou de insensatez, não. Foi uma questão de direitos humanos. Liberdade ou morte. Pois bem, depois do divórcio foi morar sozinho, e em liberdade ficou extremamente infeliz. Assim, logo em seguida se casou de novo, dessa vez com uma mulher com quem não planejava ter filhos, uma mulher que já tinha um filho na faculdade.

Uma vida matrimonial *sem* filhos. Pois bem, o sexo acabou, naturalmente, dois anos depois, e, no entanto, esse homem tinha sido um adúltero contumaz durante todo o primeiro casamento, e escrevia muito sobre sexo. Sozinho ele poderia começar a aproveitar abertamente tudo aquilo que era obrigado a fazer escondido no tempo em que era casado. E, no entanto, quando se vê livre das

amarras matrimoniais, ele na mesma hora se sente infeliz e acha que vai ficar infeliz pelo resto da vida. Está livre, em pleno gozo de sua liberdade, e não faz idéia de onde está. A única coisa que consegue fazer é voltar ao estado que antes lhe parecia insuportável, muito embora agora não esteja mais sob o efeito do imperativo lógico de querer se casar para ter filhos, formar uma família, et cetera e tal. A delícia da clandestinidade? Não é de se desprezar. O melhor que se pode dizer do casamento é que ele é um estimulante infalível para as emoções dos subterfúgios sensuais. Mas meu amigo tinha necessidade de uma coisa mais básica para a sua segurança do que o drama cotidiano do adúltero, que é ter de atravessar um rio de mentiras. Não foi para recuperar esse prazer que ele voltou a se casar, muito embora tenha retomado os prazeres antigos logo que voltou à condição de marido. O problema, em parte, é que a condição do homem emancipado nunca teve um porta-voz social nem um sistema educativo. É uma condição que não tem status social porque as pessoas não querem que tenha.

No entanto, as circunstâncias desse sujeito tinham tudo para que ele levasse suas prerrogativas até as últimas conseqüências, mesmo que fosse só por uma questão de dignidade. Mas ceder, ceder, ceder? Conciliar, conciliar, conciliar? Sonhando pular fora todo dia? Não, isso não é uma maneira digna de ser homem. Nem — disse eu a Elena — de ser mulher.

Se consegui convencê-la? Não sei. Acho que não.

E você, eu convenci? Mas por quê, por que você está rindo? Qual é a graça? Meu didatismo? Vá lá: todo mundo tem um lado ridículo. Mas o que é que eu posso fazer? Eu sou crítico, sou professor — o didatismo é o meu destino. Argumentos e contra-argumentos — é assim que se faz a história. Ou bem você impõe suas idéias ou bem aceita as idéias que lhe são impostas. Queira ou não queira, o dilema é esse. Sempre existem forças em oposição, e assim, a menos que você goste muito de se subordinar, está sempre em guerra.

Veja bem, eu não sou um homem desses nossos tempos. Isso está na cara. Isso você ouve na minha voz. Atingi minha meta usando um instrumento grosseiro. Ataquei a golpes de martelo a

vida doméstica e aqueles que a protegem. E também a vida de Kenny. Ninguém deve se espantar se continuo martelando, e se a minha insistência me transforma numa figura cômica, uma espécie de ateu da aldeia, para você, que é um homem dos nossos tempos, que não precisou brigar por nada do que estou dizendo.

Bom, vou esperar o riso terminar e vou continuar minha aula. Porque se o prazer, a experiência e a idade não são mais assuntos de interesse... ah, ainda são? Então pense de mim o que você quiser, mas espere até eu terminar.

Foi agora no Natal. O Natal de 1999. Sonhei com Consuela naquela noite. Eu estava sozinho, e sonhei que estava acontecendo alguma coisa com Consuela, e resolvi telefonar para ela. Mas quando consultei a lista telefônica não encontrei mais seu nome lá, e porque George não me permitia voltar àquela agitação que podia até acabar comigo, eu não havia anotado o endereço no Upper East Side que tinha encontrado no catálogo anos antes, logo depois que ela conseguiu arranjar seu primeiro emprego. Pois bem, uma semana depois, na noite de ano-novo, eu estava sozinho na minha sala, sem nenhuma garota, sozinho por opção, tocando piano, porque tinha decidido ignorar a comemoração do milênio. Desde que você não esteja em estado de anseio, a solidão às vezes é um prazer e tanto, e era esse prazer que eu estava planejando para aquela noite. Minha secretária eletrônica estava ligada, e mesmo em dias normais não costumo atender quando o telefone toca: em vez disso, fico ouvindo para saber quem é. Naquela noite em particular, eu estava decidido a não ouvir ninguém que viesse me falar sobre "a virada do milênio", e assim, quando o telefone toca, eu continuo tocando tranqüilamente até que me dou conta de que é a voz dela que estou ouvindo. "Alô? David? Sou eu.

Consuela. Faz muito tempo que a gente não se fala, é estranho estar telefonando pra você, mas quero te dizer uma coisa. E quero que você fique sabendo por mim, antes que outra pessoa conte a você. Ou antes que você fique sabendo e leve um susto. Eu vou telefonar de novo. Mas vou deixar com você o número do meu celular."

Fiquei ouvindo a mensagem, petrificado. Não atendi o telefone, e quando resolvi atender já era tarde, aí pensei: ah, meu Deus, alguma coisa aconteceu com ela, sim. Foi por causa da morte de George que fiquei pensando no pior. É, George morreu. Você não leu o obituário no *Times*? George O'Hearn morreu há cinco meses.

Perdi meu amigo homem mais próximo. Agora não tenho mais nenhum amigo homem. Foi uma grande perda, aquela relação de camaradagem com George. Tenho colegas, é claro, pessoas que encontro no trabalho e com quem converso de passagem, mas as vidas dessas pessoas se baseiam em premissas tão opostas às premissas da minha vida que trocar idéias é muito difícil para nós. Não temos uma linguagem em comum para falar sobre a vida pessoal. George representava para mim toda a comunidade masculina, talvez porque o grupo de homens de que fazemos parte seja muito pequeno. E um único companheiro de armas basta: um homem não precisa que toda a sociedade esteja do seu lado. Quase todos os outros homens que conheço — principalmente se eles já me viram com uma das minhas namoradas jovens — ou me julgam em silêncio ou me pregam sermões abertamente. Sou "um homem limitado", dizem eles — eles, que não são limitados. E os pregadores ficam indignados quando não concordo que seus argumentos sejam verdadeiros.

Dizem que eu sou "autocomplacente" — eles, que não são autocomplacentes. Os torturados, é claro, de mim só querem distância. Sem dúvida, nenhum homem casado jamais se abre comigo. Com eles não há nenhuma afinidade. Talvez eles troquem confidências uns com os outros, se bem que tenho lá minhas dúvidas — não sei até onde vai a solidariedade masculina hoje em dia. O heroísmo deles não se limita a suportar estoicamente suas renúncias cotidianas, porém exige também que exibam uma imagem falsa de suas vidas, do modo mais enfático. Suas vidas verdadeiras, as vidas ocultas, só aparecem para seus terapeutas. Não estou dizendo que todos eles estejam contra mim e queiram ver minha caveira por eu levar a vida que levo, mas creio que não há dúvida de que não sou universalmente admirado. Agora que George morreu, só encontro solidariedade em mulheres como Elena, que já foram minhas namoradas.

Elas não podem me oferecer o que George me dava, mas ao que parece eu não exijo demais da tolerância delas.

A idade dele? George estava com cinqüenta e cinco. Derrame. Teve um derrame. Eu estava presente quando a coisa aconteceu. Eu e mais oitocentas pessoas. Foi no auditório da Hebraica da 92a Street em setembro. Uma noite de sábado, em setembro. Ele ia fazer uma leitura de poemas. Era eu que o estava apresentando no palco. Ele estava sentado numa cadeira nos bastidores, gostando da minha apresentação, concordando com a cabeça. Com aquele seu terno apertado de agente funerário, ele espichava as pernas compridas e magras — George, aquele homem flexível, de terno, era como um cabide de arame, aquele irlandês moreno de nariz adunco. Pelo visto, teve o derrame naquele exato momento, sentado com seus seis livros de poesia no colo, esperando a hora em que seria chamado, com aquele terno preto lúgubre, e deixaria a platéia siderada. Pois quando as pessoas começaram a aplaudir e ele fez menção de se levantar, seu corpo despencou da cadeira, que caiu por cima dele. Sua obra ficou toda espalhada pelo chão. Os médicos achavam que ele nem ia conseguir sair do hospital. Mas ele agüentou firme, inconsciente, por uma semana, quando então a família o levou para morrer em casa.

Em casa, também ficou inconsciente a maior parte do tempo. O lado esquerdo paralisado. As cordas vocais paralisadas. Um bom pedaço de seu cérebro simplesmente fora para o espaço. O

filho dele, Tom, é médico, e foi ele que administrou a morte do pai, o que levou mais nove dias. O filho tirou os tubos todos, o cateter, desligou tudo. Sempre que George abria os olhos eles o recostavam na cama e lhe davam água para beber, gelo para chupar. Tentavam cercá-lo de todos os confortos possíveis, enquanto ele agonizava num ritmo vagaroso, torturante.

Todas as tardes, ao final do meu dia, eu ia até Pelham visitá-lo. George havia removido a família para Pelham a fim de que, durante todos aqueles anos em que lecionava na New School, pudesse ter liberdade em Manhattan. Às vezes havia até cinco ou seis carros estacionados quando eu chegava lá. Os filhos se revezavam, de vez em quando levando um ou outro neto.

Havia uma enfermeira e, já perto do final, uma especialista em pacientes terminais. Kate, a mulher de George, estava lá o tempo todo, naturalmente. Eu ia até o quarto, onde haviam instalado uma cama de hospital, e pegava na mão dele, a mão do lado em que ele ainda sentia alguma coisa, e ficava quinze, vinte minutos sentado à seu lado, mas ele estava sempre fora do ar. Respirando fundo. Gemendo. A perna boa vez por outra estremecia um pouco, mas era só isso. Eu passava a mão no cabelo dele, pegava-lhe no rosto, apertava-lhe os dedos, mas nada.

Ficava ali na esperança de que talvez ele voltasse a si e me reconhecesse; depois eu ia para casa. Então, uma tarde, cheguei lá e fui informado de que finalmente ele estava acordado. Pode ir, pode ir, me disseram.

Haviam recostado George nos travesseiros, e a cama estava um pouco levantada. A filha dele, Betty, dava-lhe gelo. Quebrava pequenos estilhaços de gelo com os dentes e os inseria na boca do pai. George tentava mastigá-los no lado da boca que ainda funcionava. Parecia já quase morto, magérrimo, porém os olhos estavam abertos, e ele se concentrava o quanto ainda lhe era possível concentrar-se no ato de mastigar gelo. Kate estava parada à porta olhando para ele, uma mulher imponente, de cabelo branco,

quase tão alta quanto George, porém mais volu-mosa do que da última vez que eu a vira, e com um ar muito mais cansado. Era rechonchuda, mas atraente, irônica, rija, e irradiava uma espécie de cordialidade teimosa — assim era Kate, já beirando a velhice. Uma mulher que jamais fugia da realidade, que agora parecia completamente exausta, como se houvesse combatido em sua última batalha e tivesse sido derrotada.

Tom trouxe um pano úmido do banheiro. "Quer se limpar, pai?", disse ele. "Será que ele entende?", perguntei a Tom. "Ele ainda entende alguma coisa?" "Tem horas", respondeu Tom, "que ele parece entender. Mas depois passa."

"Há quanto tempo ele está acordado?" "Mais ou menos meia hora. Vai. Fala com ele, David. Ele parece que curte ouvir vozes."

Curtir? Uma palavra estranha. Mas Tom, em qualquer situação, é sempre o médico jovial.

Aproximei-me do lado de George que não estava paralisado enquanto Tom limpava seu rosto com o pano úmido. George tirou o pano do filho — para espanto geral, estendeu a mão boa, agarrou o pano e o enfiou na boca. "Ele está muito seco", alguém observou. George enfiou a ponta do pano na boca e começou a chupá-la. Quando tirou, havia algo grudado nela. Parecia um pedaço do palato mole. Betty sufocou um grito quando viu aquilo, e a especialista em pacientes terminais, que também estava no quarto, pôs a mão nas costas de Betty, dizendo: "Não é nada. A boca dele está muito seca, é só um pouco de carne ressecada".

A boca de George estava torta, aberta, aquela boca sofrida dos moribundos, porém seus olhos estavam fixos, parecia mesmo haver algo por trás deles, algo de George que ainda resistia.

Como aquela parede quebrada que permanece em pé depois de uma explosão. Com a mesma força irritada com que arrancara o pano de Tom, ele afastou o lençol que o cobria e começou a puxar o fecho de velcro de sua fralda, tentando arrancá-la, exibindo aqueles palitos melancólicos que outrora tinham sido suas pernas. O filamento de tungstênio quebrado dentro de uma lâmpada queimada — era isso que as pernas dele pareciam. Tudo nele, tudo que era de carne e osso, me fazia pensar em seres inanimados.

"Não, não", disse Tom, "deixa, pai. Está bem assim." Mas George não parava. Continuava puxando, irritado, tentando em vão arrancar a fralda. Não conseguindo, levantou a mão e, meio que rosnando, apontou para Betty. "O quê?", ela indagou. "Não entendi. O que é que você quer?"

O quê, paizinho?" Os ruídos que George emitia eram indecifráveis, mas seus gestos deixavam claro que ele queria que a filha se aproximasse tanto quanto possível. Quando Betty obedeceu, ele estendeu o braço, colocou-o nas costas dela e puxou-a para a frente para poder beijá-la na boca. "Ah, sim, papai", disse ela, "você é o melhor pai do mundo, sim, o melhor de todos." O

que causava espanto era aquela força toda brotar de dentro de George depois de tantos dias que ele passara deitado, inerte e descarnado, sobrevivendo sabe-se lá como, aparentemente nas últimas — a força considerável com que puxara Betty para junto de si e agora tentava falar. Talvez, pensei, eles não deveriam deixá-lo morrer. E se ainda restar mais dele do que todo mundo pensa? E se for isso que ele está querendo demonstrar? E se em vez de estar se despedindo de todos, ele estiver dizendo: "Não me deixem morrer. Façam tudo que vocês puderem para me salvar"?

Então George apontou para mim. "Oi, George", disse eu. "Meu amigo. Sou eu, o David, George."

E quando me aproximei dele, ele me agarrou tal como havia agarrado Betty e beijou a mim na boca. Não senti cheiro de cadáver, nem fedor doentio, nenhum odor desagradável: apenas um hálito quente, sem cheiro, o puro perfume do ser, e dois lábios ressequidos. Era a primeira vez que George e eu nos beijávamos. Mais uma vez, ele grunhiu, agora apontando para Tom. Para Tom e depois para seus próprios pés, que estavam descobertos sobre a cama. Quando Tom, pensando que George quisesse que suas pernas fossem cobertas, começou a ajeitar os lençóis, George começou a gemer mais alto, apontando de novo para os pés. "Ele quer que você segure", disse Betty. "Um deles ele nem sente", disse Tom. "Segura o outro", ela insistiu.

"Está bem, pai, entendi — entendi." E Tom começou a acariciar pacientemente o pé que seu pai ainda sentia.

Em seguida, George apontou para a porta, onde Kate estava parada, assistindo a tudo. "Ele quer você, mãe", disse Betty. Afastei-me e Kate se colocou no lugar onde eu estava, ao lado da cama, e George estendeu o braço para ela, o braço que ainda funcionava, puxando-a para si, e beijou-a de modo tão enfático quanto beijara a Betty e a mim. Kate beijou-o também. Então beijaram-se outra vez, agora um beijo prolongado, realmente apaixonado. Kate chegou mesmo a fechar os olhos. Ela é uma pessoa absolutamente livre de sentimentalismo, uma pessoa bem pé-na-terra, e eu nunca a vira agir daquele jeito, como uma menina.

Enquanto isso, a mão boa de George havia passado das costas de Kate para seu braço direito, e ele começou a mexer no botão do punho da blusa. Estava tentando desabotoá-lo.

"George", Kate sussurrou baixinho. Parecia achar graça. "Georgie, Georgie..." "Ajuda ele, mãe. Ele quer desabotoar." Sorrindo ao ouvir tais instruções da filha emocionada, Kate cedeu e abriu o botão, mas a essa altura George já estava mexendo na outra manga, no botão, e assim ela também o desabotoou. E o tempo todo ele a beijava. Kate acariciou o rosto destruído, aquele rosto terrivelmente solitário e cavernoso, beijando-lhe os lábios cada vez que ele os oferecia, e em seguida a mão de George procurou os botões da frente da blusa, tentando desabotoá-los.

O plano dele era evidente: estava tentando despi-la. Despir aquela mulher que, como eu bem sabia, e como seus filhos certamente sabiam, ele não tocava na cama havia anos. Que ele raramente tocava em qualquer circunstância.

"Deixa, mãe", disse Betty, e Kate mais uma vez obedeceu à filha. Ela própria ajudou George a desabotoar a blusa. Dessa vez, quando se beijaram, a única mão boa de George estava pegando no tecido do sutiã largo de Kate. Porém, de repente, tudo terminou. A força esvaiu-se dele sem mais nem menos, e George jamais chegou a tocar nos seios caídos da mulher. Ainda levou mais doze horas para morrer, mas quando se deixou cair sobre os travesseiros, a boca entreaberta, os olhos fechados, ofegante como um corredor que desaba no final da corrida, todos nós sabíamos que tínhamos

acabado de presenciar o último ato extraordinário da vida de George.

Depois, quando fui até a porta para sair, Kate veio comigo para a varanda, e então me acompanhou até o carro. Segurando minhas mãos, me agradeceu por ter vindo. Respondi: "Foi bom estar presente e assistir a tudo aquilo".

"É, foi mesmo um espanto, não foi?", disse Kate.

Em seguida, com seu sorriso cansado, acrescentou: "Sei lá quem ele pensou que eu fosse".

Assim, George havia morrido apenas cinco meses antes, e quando Consuela telefonou e deixou aquela mensagem — "quero te dizer uma coisa. E quero que você fique sabendo por mim, antes que outra pessoa conte a você" — bom, como eu já disse, ouvi aquela mensagem pensando que agora alguma coisa havia acontecido com ela. Uma coisa desse tipo, um sonho premonitório seguido de sua realização, já é desconcertante quando acontece num sonho, quanto mais na vida real. Eu não sabia o que fazer. Seria o caso de ligar para ela? Fiquei quinze minutos pensando. Não liguei porque estava com medo. Por que será que ela me telefonou? Por que motivo? Minha vida está tranqüila e sob controle outra vez. Será que vou conseguir resistir a Consuela e sua passividade agressiva? Não tenho mais sessenta e dois anos — já estou com setenta. Será que nessa idade vou conseguir suportar aquela insegurança doentia? Será que tenho coragem de voltar àquele transe frenético? Será que isso vai ser bom para a minha longevidade?

Lembrei os três anos que se seguiram à perda de Consuela, aquele tempo em que, mesmo quando me levantava à noite para ir ao banheiro, eu só conseguia pensar nela: até mesmo às quatro da madrugada, diante da privada, quase dormindo, aquela fração de David Kepesh que estava acordada começava a murmurar o nome dela.

Normalmente, quando um velho mija no meio da noite, a cabeça dele está completamente vazia.

Se ele consegue pensar em alguma coisa, é só em voltar para a cama. Mas comigo, naquela época, não era assim. "Consuela,

Consuela, Consuela", cada vez que me levantava para ir ao banheiro. E ela havia conseguido fazer isso comigo, veja bem, sem usar palavras, sem premeditação, sem astúcia, sem um pingo de malícia, e sem se preocupar com causas e efeitos. Como um grande atleta, ou uma escultura idealizada, ou um animal que a gente vê de repente na floresta, como Michael Jordan, como um Maillol, como uma coruja, um lince, ela conseguira tudo isso através da simplicidade de seu esplendor físico. Não havia o menor vestígio de sadismo em Consuela. Nem mesmo o sadismo da indiferença, que muitas vezes acompanha a perfeição naquele grau. Ela era careta demais para ser cruel, bondosa demais.

Mas imagine só como ela não poderia ter feito gato-sapato de mim se não fosse uma garota tão bem-educada que jamais se permitiria explorar até os limites a força amazônica de seus dotes físicos; imagine se ela tivesse também uma consciência amazônica e compreendesse, de modo maquiavélico, o impacto que tinha. Por sorte, Consuela, como a maioria das pessoas, não tinha o hábito de pensar as coisas até as últimas conseqüências, e, embora ela tivesse conseguido fazer acontecer tudo o que houvera entre nós, jamais compreendeu tudo o que havia acontecido. Se tivesse compreendido, e se, além disso, tivesse a menor tendência a gostar de atormentar um homem alucinado de paixão, eu teria sido devastado, inteiramente posto a pique por minha própria Baleia Branca.

E agora ela me telefonava outra vez. Não, de jeito nenhum! Nunca mais, aquele ataque à minha paz de espírito!

Mas então pensei: ela está me procurando, ela precisa de mim, e não como amante, não como professor, não para retomar nossa novela erótica com mais um episódio. Assim, liguei para seu celular e menti, dizendo que tinha saído para comprar uma coisa e havia acabado de chegar em casa, e ela disse: "Eu estou no carro. Eu estava na frente do seu prédio quando gravei a mensagem". Perguntei: "O que é que você está fazendo, andando de carro por Nova York na noite de ano-novo?". "Eu nem sei o que estou fazendo", respondeu ela. "Você está chorando, Consuela?" "Não,

ainda não." Então perguntei: "Você tocou a campainha?". E ela: "Não, não toquei, porque não tive coragem".

"Você pode tocar a campainha sempre. Você sabe disso. O que foi que aconteceu?"

"Estou precisando de você agora."

"Então vem pra cá."

"Você tem tempo?"

"Eu sempre tenho tempo pra você. Vem."

"É uma coisa importante. Estou indo agora mesmo."

Pus o fone no gancho. Eu não sabia o que fazer.

Cerca de vinte minutos depois, um carro parou, e assim que abri a porta para ela me dei conta de que alguma coisa séria havia acontecido.

Porque ela estava de chapéu, um chapéu que parecia um barrete de turco. O que não era o tipo de coisa que ela usava. Consuela tem cabelo bem negro, lustroso, sempre muito bem cuidado, sempre lavado, escovado, penteado; ia ao cabeleireiro uma vez a cada quinze dias. Porém agora estava com aquele barrete na cabeça.

Estava também com um casaco elegante, um casaco de lã persa preta, com cinto, que chegava quase até o chão, e quando ela abriu o cinto vi por baixo do casaco a blusa de seda decotada, deixando à mostra o espaço entre os seios — lindos. Assim, abracei-a, e ela me abraçou, deixando que eu a ajudasse a tirar o casaco, e eu disse: "O seu chapéu? O barrete?", e ela disse: "Melhor você não fazer isso. A surpresa vai ser muito grande". Perguntei: "Por quê?" E ela explicou: "Porque estou muito doente".

Fomos para a sala, e lá abracei-a outra vez, e ela apertou seu corpo contra o meu, e mais uma vez senti os peitos, aqueles peitos lindos, e por cima do ombro vi a bunda linda. Eu vejo aquele corpo lindo. Agora ela está na faixa dos trinta, está com trinta e dois anos, e não está menos bonita, e sim mais, e o rosto, que parece de algum modo um pouco mais alongado, está muito mais feminino — enquanto isso ela me diz: "Eu não tenho mais cabelo. Em outubro fiquei sabendo que estava com câncer. Estou com câncer de mama". E eu: "E terrível, é horrível, como é que você se sente, como é que

se pode enfrentar uma coisa dessas?". A quimioterapia havia começado no início de novembro, e em pouco tempo ela perdera o cabelo. Ela disse: "Eu preciso contar toda a história", e nos sentamos, e eu disse: "Me conta tudo". "Bom, a minha tia, a irmã da minha mãe, já teve câncer de mama, e foi tratada, e perdeu um seio. De modo que eu já sabia que tem esse perigo na minha família. Eu sempre soube disso, e sempre tive medo", e o tempo todo, enquanto ela falava, eu pensava: você, com os peitos mais maravilhosos do mundo. E ela: "Um dia eu estava no chuveiro e senti uma coisa na axila, entendi que era uma coisa séria. Fui ao médico e ele disse que provavelmente não era nada, que era pra eu não me preocupar, e aí fui a um segundo médico e a uma terceira médica, você sabe como é, e a terceira médica disse que era pra eu me preocupar, sim". "E você entrou em pânico?", perguntei. "Você ficou em pânico, minha amiga belíssima?" Eu estava tão abalado que quem estava entrando em pânico era eu. "Fiquei, sim", respondeu, "pânico total." "Foi à noite?" "Foi, eu fiquei andando de um lado pro outro no apartamento. Fiquei completamente maluca."

Comecei a chorar ao ouvir isso, e nos abraçamos outra vez, e perguntei: "Por que é que você não me telefonou? Por que é que você não me ligou nessa noite?". E ela: "Não tive coragem". E eu: "Você pensou em telefonar pra quem?" E ela: "Pra minha mãe, é claro. Mas eu sabia que ela também ia ficar em pânico, porque eu sou filha dela, a única filha dela, porque ela é muito emotiva, e porque todo mundo morreu. David, todo mundo morreu".

"Quem é que morreu?"

"Meu pai morreu."

"Como?"

"Desastre de avião. Ele estava naquele avião que ia a Paris. Numa viagem de negócios."

"Não!"

"Foi, sim."

"E o avô que você gostava tanto?"

"Morreu. Faz seis anos. Foi a primeira perda. Coração."

"E a sua avó, a dos terços? A avó que era duquesa?"

"Morreu também. Depois dele. Ela estava velha e morreu."

"Mas o seu irmão mais moço...?"

"Não, não, meu irmão está bem. Mas eu não podia ligar pra ele, pra falar sobre isso. Ele não ia conseguir segurar. Foi então que pensei em você. Mas eu não sabia se você estava sozinho."

"Isso não tem nada a ver. Me promete uma coisa. Se você começar a entrar em pânico no meio da noite, de dia, qualquer hora, telefona pra mim. Me chama que eu vou. Toma", disse eu, "escreve aqui o seu endereço. Todos os seus telefones, trabalho, casa, tudo." E eu estava pensando: ela está morrendo diante dos meus olhos, também ela está morrendo agora. Bastou que a instabilidade entrasse na vida tranqüila daquela família cubana com a morte previsível de um avô adorado para que rapidamente tivesse início uma sucessão de desgraças, culminando com o câncer.

Perguntei: "Você está com medo neste momento?". E ela: "Muito. Muito medo. Eu fico bem uns dois minutos, pensando em outra coisa, e de repente me dá aquele frio no estômago e não consigo acreditar no que está acontecendo.

E uma montanha-russa, e não para nunca. Só pára se o *câncer* parar. Tenho sessenta por cento de chance de sobreviver, quarenta de morrer". E então começou a dizer que a vida vale a pena viver, e como ela tinha pena da mãe, mais que de todo mundo — todas aquelas banalidades inevitáveis. Eu queria fazer tantas coisas, eu tinha tantos planos, e assim por diante.

Começou a me dizer como pareciam ridículas todas as pequenas ansiedades que ela sentia poucos meses antes, as preocupações com o trabalho, os amigos, as roupas, e como isso agora a fazia dar às coisas a verdadeira importância que elas têm, e pensei: não, não há nada que faça a gente dar às coisas a verdadeira importância que elas têm.

Eu olhava para Consuela, escutava o que ela dizia, e quando não consegui me conter mais perguntei: "Você se incomoda se eu pegar nos seus seios?". Ela respondeu: "Não, pode pegar".

"Você não se incomoda *mesmo*?" "Não. Agora, beijar você eu não quero, não. Porque não quero nada sexual. Mas eu sei o quanto você gosta dos meus seios, então pode pegar neles." Assim, toquei nos seios dela — e com mãos trêmulas. E, naturalmente, de pau

duro. Perguntei: "E o esquerdo ou o direito?", e ela respondeu: "E o direito". Então pus a mão no seio direito. Existe uma combinação de erotismo com ternura que derrete a pessoa e ao mesmo tempo excita, e era isso o que estava acontecendo. Você fica de pau duro e derrete, as duas coisas ao mesmo tempo. Pois então, estamos nós dois sentados, eu pegando no seio dela, nós dois conversando, e então perguntei: "Você não se incomoda?". E

ela: "Eu quero até mais de você. Porque sei que você adora meus seios". E eu: "O que é que você quer?". "Quero que você apalpe o meu câncer."

E eu: "Está bem. Isso eu faço. Mas depois, isso a gente faz depois".

Era cedo demais. Eu não estava preparado para isso. Assim, ficamos conversando, e ela começou a chorar, e tentei confortá-la, e de repente ela parou de chorar e ficou cheia de energia, muito decidida. E me disse: "David, na verdade procurei você pra fazer um único pedido, fazer uma pergunta só". E eu: "O que é?". E ela: "Depois de você, não tive nenhum namorado nem amante que amasse meu corpo tanto quanto você amou".

"Você teve namorados?"

Lá ia eu outra vez. Esqueça os namorados. Mas eu não conseguia. "Você teve, Consuela?"

"Tive, sim, mas não muitos."

"Você transou com vários homens, regularmente?"

"Não. Regularmente, não."

"E o seu trabalho, como era? Ninguém lá se apaixonou por você?" "Todos eles se apaixonaram por mim." "Compreendo perfeitamente. Mas então", insisti, "eram todos gays? Você não conheceu nenhum que não fosse gay?" "Conheci, sim, conheço, mas com eles não é legal." "Por que é que não é legal?" "Eles só sabem se masturbar em cima do meu corpo."

"Isso é lamentável. É uma burrice. E uma loucura."

"Mas você amava o meu corpo. E eu me orgulhava dele."

"Mas você já se orgulhava dele antes."

"Sim e não. Você conheceu o meu corpo quando ele estava no auge. Por isso quero que você o veja agora, antes de ele ser

estragado pelo que os médicos vão fazer."

"Não diz isso, tira isso da cabeça. Ninguém vai estragar você. O que é que os médicos dizem que vão fazer?" E ela: "Já fiz quimioterapia. Por isso que eu não tiro o chapéu".

"É claro. Mas com você eu suporto qualquer coisa. Pode fazer o que você quiser." E ela: "Não, não quero mostrar a você. Porque acontece uma coisa estranha com o cabelo da gente. Depois da quimioterapia, ele começa a sair aos punhados. E começa a nascer um cabelo que parece cabelo de bebê. E muito estranho". E eu: "Os pêlos pubianos também desaparecem?". "Não", respondeu ela, "não, esses ficam. O que também é estranho." E eu: "Você perguntou à médica?". "Perguntei", disse ela, "mas ela não soube explicar. A única coisa que ela disse foi: 'Está aí uma boa pergunta'".

Olha os meus braços." Os braços dela são longos, esguios, a pele branca, branca, e os pêlos finos dos braços, tão bonitos, continuavam lá. "Olha", disse ela, "nos meus braços ainda tem pêlo, mas a minha cabeça ficou lisa." "Ora", disse eu, "já conheci homens carecas, porque é que eu não posso ver uma mulher careca?" E ela: "Não. Não quero que você veja".

Então ela disse: "David, posso te pedir um grande favor?" "Claro. Qualquer coisa." "Você podia se despedir dos meus seios?" Eu: "Minha querida, minha queridíssima, eles não vão destruir o seu corpo, não". "Bom, eu tenho sorte de ter tanto peito, mas eles vão ter que tirar mais ou menos um terço. Minha médica está tentando tudo pra que a cirurgia seja mínima.

Ela é humana. Ela é maravilhosa. Não é uma carniceira. Não é uma máquina desprovida de sentimentos. Primeiro ela está tentando diminuir o câncer com a química. Aí, quando eles opera-rem, eles vão tirar o mínimo possível." "Mas eles podem restaurar, refazer o que tirarem, não é?"

"É, eles podem botar silicone. Mas eu não sei se vou querer. Porque isso aqui é o meu corpo, e o silicone não vai ser. Não vai ser nada." "E como é que você quer que eu me despeça? O que é que você quer? O que é que você está me pedindo, Consuela?" E finalmente ela me disse.

Peguei minha câmara, uma Leica com zoom, e ela ficou em pé. Fechamos as cortinas, acendemos todas as luzes, encontrei a música exata de Schubert e pus para tocar, e ela não exatamente dançou, foi mais uma espécie de movimento exótico, oriental, quando começou a se despir. Muito elegante, e muito vulnerável.

Fiquei sentado no sofá, e ela em pé, tirando as roupas. E a maneira como ela tirava cada peça que jogava no chão era mesmerizante. Mata Hari. A espiã se despindo para o oficial. E o tempo todo, totalmente vulnerável. Primeiro tirou a blusa. Depois os sapatos. Extraordinário, tirar os sapatos nessa hora. Depois tirou o sutiã.

E foi como se um homem ao se despir tivesse esquecido de tirar as meias, o que lhe dá um aspecto ligeiramente ridículo. Uma mulher de saia com os seios nus, para mim, não é erótico.

A saia de algum modo atrapalha. Seios nus e calças formam uma imagem muito erótica, mas se for uma saia não funciona. Melhor ficar de sutiã se estiver de saia, porque saia e seios nus é para uma mulher que vai dar de mamar.

Assim, ela se despiu para mim. Foi tirando tudo até ficar só de calcinha. Disse: "Você podia tocar meus seios?". "E essa a foto que você quer, eu pegando neles?" "Não, não. Primeiro pega neles." Obedeci. Então ela disse: "Quero umas fotos de frente para a câmara, e de perfil, e depois por baixo".

Tirei cerca de trinta fotos dela. Ela escolheu as poses, e queria tudo. Com as mãos por baixo, levantando-os. Apertando-os. Vistos da esquerda, da direita, fotografados quando ela se debruçava. Por fim, tirou a calcinha, e vi que os pêlos pubianos continuavam tal como sempre foram, como já os descrevi: lisos, lustrosos. Asiáticos. De repente pareceu ficar excitada por estar tirando a calcinha e eu a olhá-la, inteiramente nua. Aconteceu de repente. Dava para ver pelos mamilos que ela estava excitada.

Se bem que, a essa altura, eu não estava mais.

Assim mesmo, perguntei-lhe: "Você quer passar a noite aqui? Quer transar comigo?" Ela: "Não. Não quero transar com você. Mas quero que você me abrace". Eu estava totalmente vestido, tal como estou agora. E ela sentou-se no sofá e eu a abracei, apertando-a, e

ela pegou meu pulso e colocou minha mão em sua axila para que eu apalpassse o câncer. Parecia uma pedra.

Uma pedra na axila. Duas pedrinhas, uma maior do que a outra, o que queria dizer que havia uma metástase originando-se no seio. Mas não dava para sentir nada se eu pegasse no seio.

Perguntei: "Por que é que eu não consigo apalpar no seio?". E ela: "Meus seios são muito grandes. Tem tanto tecido que a gente não sente. Está lá no fundo do seio".

Eu não teria conseguido fazer amor com ela, nem mesmo eu, que havia lambido seu sangue.

Depois de tantos anos pensando nela, já teria sido difícil mesmo ao vê-la em circunstâncias normais, e não aquelas, terríveis e grotescas.

Não, eu não conseguiria fazer amor com ela, e, no entanto, não conseguia parar de pensar nisso.

Porque eles são tão bonitos, os seios dela. Não canso de repetir. Era tão cruel, tão degradante, aqueles seios, os seios dela — eu ficava só pensando: eles não podem ser destruídos! Como já disse, durante todos aqueles anos em que ficamos separados eu me masturbava pensando nela, sem interrupção. Eu ia para a cama com outras mulheres e pensava nela, nos seios dela, na sensação de enterrar meu rosto entre eles.

Pensava na sua textura macia e lisa, pensava em sentir seu peso, aquele peso suave, e isso enquanto minha boca beijava outra pessoa. Mas naquele momento entendi que a vida dela não era mais sexual. O que estava em jogo era outra coisa.

Assim, eu disse: "Quer que eu vá com você pro hospital? Eu vou, se você quiser. Eu faço questão de ir. Você está praticamente sozinha". Ela falou que ia pensar. Disse: "Muito obrigada por se oferecer, mas ainda não sei. Não sei se vou querer ver você logo depois que eu for operada".

Ela foi embora por volta de uma e meia; havia chegado em torno das oito. Não perguntou o que eu ia fazer com as fotografias que me pedira para tirar. Não me pediu que lhe mandasse as cópias. Ainda não mandei revelar. Estou curioso para vê-las. Vou ampliá-las. Vou mandar as cópias para ela, é claro. Mas preciso encontrar uma

pessoa em quem eu confie para fazer a revelação. Há muitos anos, eu, que gosto de fotografia, devia ter aprendido a revelar, mas nunca aprendi. Seria útil.

Ela deve ir para o hospital a qualquer momento.

Estou aguardando um contato dela a qualquer hora, qualquer dia. Desde aquele encontro há três semanas, não tive mais notícia dela. Será que ela vai me procurar? O que você acha? Ela me pediu para não entrar em contato com ela.

Não quer mais nada de mim — foi o que ela disse antes de ir embora. Estou praticamente de plantão ao lado do telefone, com medo de ele tocar e eu não estar aqui.

Desde que ela veio aqui, tenho telefonado para pessoas que conheço, médicos que conheço, para me informar sobre o tratamento do câncer de mama. Porque eu sempre soube que nesse tipo de coisa primeiro se faz a cirurgia e depois a quimioterapia. Estava preocupado com isso, no dia em que ela veio aqui — eu pensava o tempo todo: tem alguma coisa no caso dela que não estou conseguindo entender. Depois fiquei sabendo que fazer químio antes da operação não é uma coisa totalmente inaudita, que está até se tornando o tratamento padrão quando o câncer de mama é localizado e está avançado, mas a pergunta é: será que esse tratamento é correto para o caso dela? O que ela quis dizer quando falou em sessenta por cento de chance de sobrevivência? Por que só isso? Foi alguém que disse isso a ela ou foi ela que leu em algum lugar, ou então, num momento de pânico, inventou esse número? Ou será que estão usando essa história de sobrevivência para lidar com a vaidade dela?

Talvez seja apenas uma reação ao choque — uma reação bem típica, aliás —, mas não consigo parar de pensar que tem alguma coisa na história dela, ou que ela não me contou ou que não contaram a ela... Enfim, a história é essa, tal como fiquei sabendo através dela, e depois eu não soube mais nada.

Ela foi embora por volta de uma e meia da manhã, depois que o ano-novo chegou em Chicago. Nós tomamos um chá. Tomamos um copo de vinho. Porque ela me pediu, liguei a televisão e vimos o

replay do ano-novo começando na Austrália e atravessando a Ásia e a Europa. Ela estava ligeiramente sentimental.

Contando histórias. Sobre a infância dela. O pai levando-a à ópera, desde que ela era pequena.

Contou uma história sobre um florista. "Fui comprar flores na Madison Avenue com minha mãe no sábado", disse ela, "e o florista disse: 'Que lindo o seu chapéu', e eu disse: 'O chapéu tem uma função', e ele compreendeu, ficou vermelho e pediu desculpas e me deu uma dúzia de rosas de graça. Pra você ver como as pessoas reagem a um ser humano que está sofrendo.

Elas não sabem o que fazer. Ninguém sabe o que dizer nem o que fazer. Por isso eu tenho muita gratidão por você", explicou-me.

Como é que eu me sentia? A maior dor que senti naquela noite foi ao pensar nela sozinha em casa, entrando em pânico, na cama. Entrando em pânico por causa da idéia da morte. E o que vai acontecer agora? O que é que você acha? Eu acho que ela não vai me pedir que lhe faça companhia no hospital. Ela gostou de eu me oferecer, mas quando chegar a hora vai para o hospital com a mãe. É possível que ela tenha entrado em parafuso no ano-novo simplesmente porque estava se sentindo infeliz demais, assustada demais, para ir à festa para a qual a tinham convidado, e também estava infeliz e assustada demais para ficar sozinha. Acho que, quando entrar em pânico, Consuela não vai me telefonar. Ela queria que eu me oferecesse, mas não vai me ligar, não.

A menos que eu esteja enganado. A menos que daqui a dois 011 três meses ela venha me procurar dizendo que quer ir para a cama comigo. Comigo, e não com um homem mais moço, porque estou velho e estou longe da perfeição. Comigo, porque, embora ainda não esteja mumificado, o cadáver em decomposição em mim não está tão bem disfarçado como está nos homens que freqüentam a minha academia, que deram um jeito de nascer depois que Roosevelt assumiu a presidência.

E será que vou conseguir? Em toda a minha vida, nunca fiquei com uma mulher que tivesse passado por esse tipo de mutilação. O único caso foi o de uma que conheci alguns anos atrás; a caminho do meu apartamento ela disse: "Eu preciso contar a você — eu fiz

uma operação e só tenho um seio. Então não quero que você fique chocado". Ora, por mais durão que você se considere, se for realmente sincero você tem que admitir que ver uma mulher com um seio só não é uma coisa muito convidativa, é ou não é?

Consegui dar a impressão de que estava um pouco surpreso, mas não por ela só ter um seio, e acho que não traí o nervosismo que sentia enquanto tentava acalmá-la. "Ah, o que é isso; nós não vamos pra cama. Nós somos apenas bons amigos, e acho que devemos continuar a ser bons amigos." Uma vez transei com uma mulher que tinha uma mancha escura, cor de vinho, entre os seios, subindo um pouco pelos seios, uma marca de nascença enorme. Essa mulher era também alta. Um metro e noventa e cinco. A única mulher com quem tive que ficar na ponta dos pés e espichar o pescoço para beijar. Peguei um torcicolo só de beijá-la.

Quando fomos para a cama, ela começou a se despir tirando a saia e a calcinha, coisa que as mulheres normalmente não fazem. Elas costumam tirar primeiro a blusa, primeiro se despem da cintura para cima. Mas essa ficou de suéter e sutiã. Perguntei: "Você não vai tirar o sutiã e o suéter?". "Vou, mas não quero que você leve um susto." Acrescentou: "Eu tenho um defeito". Sorri, tentando levar a coisa na esportiva. "Então me diz, qual é o defeito?" E ela: "Bom, é uma coisa nos meus seios que vai assustar você". "Ah, não se preocupe. Me mostra." E ela me mostrou. E eu comecei a exagerar. Beije o sinal. Peguei nele. Brinquei com ele. Estava sendo educado. Fazendo com que ela achasse graça na coisa. Dizendo que eu adorava aquilo. Essas coisas não são fáceis de se encarar com tranqüilidade. Mas espera-se do homem que assuma o comando, que não entre em parafuso, que saiba enfrentar a situação com jeito. Que não recue de nada que possa haver num corpo. Aquela mancha. Era uma tragédia para ela. Um metro e noventa e cinco. Os homens eram atraídos, como eu fui, por aquela altura extraordinária. E, com cada homem, sempre a mesma história: "Eu tenho um defeito".

As fotos. Nunca vou esquecer de Consuela me pedindo para tirar aquelas fotos. Se houvesse algum voyeur espiando a cena, ele

ia achar que era uma coisa pornográfica. Porém era o que pode haver de menos pornográfico no mundo.

"Você está com a sua câmara fotográfica?"

"Estou", respondi. "Você podia tirar umas fotos de mim? Porque eu queria ter fotos do meu corpo tal como ele era quando você o conheceu. Tal como você o viu. Não tem nenhuma outra pessoa a quem eu possa pedir isso. Não posso pedir isso a nenhum outro homem. Se pudesse, eu não ia incomodar você." "Claro", disse eu, "a gente faz isso. Qualquer coisa. Me diz o que você quer. Pode pedir o que você quiser. Você pode me dizer qualquer coisa." "Dava pra você pôr uma música", disse ela, "e então pegar a câmara?" "Que música você quer?", perguntei.

"Schubert. Alguma peça de câmara de Schubert." "Está bem, está bem", respondi, mas não, pensei, *A morte e a donzela*.

No entanto, ela não me pediu para mandar uma cópia. Não esqueça que Consuela não é a garota mais brilhante do mundo. Porque, se fosse, as fotos seriam outros quinhentos. Nesse caso, haveria táticas em questão. A estratégia dela seria algo a se pensar. Mas, em se tratando de Consuela, há uma espontaneidade semi-consciente em tudo que ela faz, uma integridade, ainda que ela não saiba exatamente o que está fazendo, ou por quê. Procurar-me para que eu a fotografasse é uma atitude muito próxima à natureza, a um pensamento original que brota, à intuição, e não há nenhum raciocínio deliberado por trás dela. Você poderia elaborar um raciocínio, mas Consuela não seria capaz disso.

Ela sente que tem de fazer isso, diz ela, para documentar seu corpo para mim, porque eu o amei tanto, amei sua perfeição. Mas não era só isso, era muito mais que isso.

Já percebi que as mulheres, em sua maioria, se sentem inseguras em relação a seus corpos, mesmo quando, como no caso de Consuela, são de uma beleza absoluta. Nem todas sabem que são belas. Só um certo tipo de mulher sabe disso. Normalmente elas se queixam de algo de que não deviam se queixar. Muitas vezes querem esconder os seios. Sentem alguma vergonha cuja fonte jamais consigo identificar, e é necessário que você fique um bom tempo convencendo-as de que não há problema nenhum para que

elas possam exibí-los com prazer e realmente gostar de ser apreciadas. Até mesmo as mais bem-dotadas. São poucas as que se exibem sem problema, e hoje em dia, por causa de todas as polêmicas, muitas vezes as que se exibem não são aquelas cujos seios são do tipo que você teria inventado se pudesse.

Mas o poder erótico do corpo de Consuela — bom, isso acabou. E verdade, naquela noite tive uma ereção, mas eu não conseguiria mantê-la.

Sou um sujeito de sorte por ainda ter ereções e ter esses impulsos eróticos, mas, se ela tivesse me pedido para ir para a cama com ela naquela noite, eu teria ficado numa enrascada. Vai ser uma enrascada para mim quando ela me ligar depois que se recuperar da cirurgia. O que vai acontecer. Porque ela vai me ligar, não vai? Vai querer experimentar primeiro com uma pessoa que ela já conheça e que seja mais velha. Por uma questão de autoconfiança, de orgulho, melhor comigo do que com Carlos Alonso ou com os irmãos Villareal. A idade pode não fazer a mesma coisa que o câncer, mas faz um bom estrago.

Capítulo dois. Daqui a três meses ela me telefona e diz: "Vamos nos ver", e depois tira as roupas de novo. Será essa a catástrofe que me aguarda?

Tem um quadro de Stanley Spencer lá na Tate Gallery, um retrato em que aparecem o próprio pintor e a esposa, os dois nus, já na faixa dos quarenta. O quadro exprime da maneira mais direta a quintessência da vida a dois, da convivência dos sexos ao longo do tempo. Eu tenho esse quadro num dos meus livros de Spencer lá embaixo. Depois eu pego para lhe mostrar. Spencer está sentado, meio de cócoras, ao lado da mulher deitada. Ele olha para baixo, para ela, pensativo, bem de perto, pelos óculos de aro de metal. Nós, por outro lado, estamos olhando para eles de perto: dois corpos nus bem na nossa cara, que é para vermos claramente que eles não são mais jovens nem belos.

Nenhum dos dois está alegre. Há um passado pesado por trás desse presente. Para a mulher, em particular, tudo começou a cair, engrossar, e coisas piores do que estrias estão por vir.

Na beira de uma mesa, no primeiro plano do quadro, há dois pedaços de carne, uma coxa de carneiro grande e uma pequena costeleta. A carne crua é representada com uma precisão fisiológica, o mesmo realismo cruel com que são retratados os peitos caídos e o pênis pendente, flácido, apenas uns poucos centímetros atrás da comida crua. E como se você estivesse olhando pela vitrine de um açougue e visse não apenas a carne, mas também a anatomia sexual do casal.

Toda vez que penso em Consuela, me lembro daquela coxa de carneiro crua, que parece um porrete primitivo, ao lado dos corpos deste marido e desta mulher, exibidos do modo mais escancarado. A presença da carne ali, tão perto do colchão onde está o casal, fica cada vez menos incongruente quanto mais tempo você olha para o quadro. Há uma resignação melancólica na expressão um tanto aparvalhada da mulher, e há aquele pedaço de carne cortado no açougue que já não tem mais nada em comum com um carneiro vivo, e já faz três semanas, desde a visita de Consuela, que não consigo tirar da cabeça essas duas imagens.

Ficamos vendo o ano-novo chegar em todo o mundo, aquela histeria coletiva sem sentido que foi a comemoração da virada do milênio. Um espetáculo de luzes em cada fuso horário, e nenhum deles provocado por Bin Laden.

Explosões de luz no céu noturno de Londres, mais espetaculares do que qualquer coisa que já foi vista por lá desde os esplendores de fumaça colorida do tempo da Segunda Guerra. E a Torre Eiffel cuspidando fogo, a imagem exata de um lança-chamas que Wernher von Braun poderia ter projetado para o arsenal destruidor de Hitler — o histórico míssil dos mísseis, o foguete dos foguetes, a bomba das bombas, tendo a antiqüíssima Paris como plataforma de lançamento e toda a humanidade como alvo. Ao longo de toda aquela noite, em todas as estações do mundo, a paródia do fim do mundo que estamos aguardando, nos nossos abrigos de quintal, desde 6 de agosto de 1945. Como poderia aquilo não acontecer? Até mesmo naquela noite, especialmente naquela noite, as pessoas se preparando para o pior como se a noite fosse um longo exercício de defesa antiaérea. A espera pelo momento em que uma seqüência de

horrendas Hiroximas entrariam em cadeia sincronizada, destruindo todas as civilizações sobreviventes do mundo. E agora ou nunca.

E acabou não acontecendo. Talvez fosse isso que todos estavam comemorando — o fato de que não aconteceu, acabou não acontecendo, que a destruição final agora não vai acontecer nunca. Toda a desordem não passa de desordem controlada, pontuada por intervalos para vender automóveis. A televisão fazendo o que ela faz melhor: a vitória da trivialização sobre a tragédia. O Triunfo da Superfície, com Barbara Walters. Em vez da destruição de cidades secula-res, uma explosão internacional de superficialidade, uma onda global de sentimentalismo, algo que nem mesmo os americanos jamais tinham visto. De Sydney a Belém à Times Square, a recirculação de clichês a uma velocidade supersônica. Nenhuma bomba explode, nenhum sangue se derrama — a próxima explosão que você ouvir vai ser o boom da prosperidade, os mercados em alta. O mínimo de lucidez a respeito do sofrimento banalizado por essa nossa época sedada pela estimulação grandiosa da maior de todas as ilusões. Ao testemunhar essa produção exagerada de um pandemônio ensaiado, ocorre-me a imagem de um mundo endinheirado entrando, entusiasmado, numa próspera era das trevas.

Uma noite de felicidade humana para dar início à barbarie.com. Para dar as boas-vindas à merda e ao kitsch do novo milênio. Uma noite para ser não lembrada, e sim esquecida.

Menos no sofá, onde estou abraçado a Consuela, meus braços envolvendo seu torso nu, aquecendo-lhe os seios com as mãos enquanto vemos o ano-novo chegar em Cuba. Nem eu nem ela esperávamos que *aquilo* aparecesse na tela, mas eis que nos defrontamos com Havana.

Num anfiteatro em que mil turistas estão arrebanhados e que ostenta o nome de boate, vemos uma versão embalsamada, estilo estado policial, da espécie de espetáculo caribenho *caliente* que atraía clientes endinheirados outrora, no tempo da máfia. A Boate Tropicana do Hotel Tropicana. Não há nenhum cubano ali, fora os artistas que estão tentando, sem sucesso, divertir a platéia: um bando de jovens — noventa e seis ao todo, segundo a rede ABC —

com trajes brancos ridículos, não exatamente dançando nem cantando, e sim dando voltas no palco, urrando para os microfones que levam nas mãos. As moças parecem travestis latinos do West Village com pernas compridas, andando de um lado para outro, todas melindrosas. Levam na cabeça uns abajures avantajados — de um metro de altura, segundo a ABC. Um abajur na cabeça e uma cascata de babados brancos nas costas.

"Meu Deus", exclamou Consuela, e começou a chorar. "Isto", disse ela, feroz, "é isto que ele mostra ao mundo. E *isto* que ele mostra a todo mundo na noite de ano-novo." "Realmente, é uma farsa grotesca. Quem sabe", acrescento, "se o Fidel não está tentando fazer graça."

Será mesmo, me pergunto? Será que isso é uma auto-sátira inconsciente — será que Fidel Castro está tão desconectado da realidade — ou será uma sátira intencional, coerente com o ódio que lhe inspira o mundo capitalista? Fidel Castro, que nutria tanto desprezo pela corrupção de Batista, uma corrupção que, era de se esperar, seria simbolizada para ele pelas boates para turistas como essa Tropicana — e é isso que ele mostra na virada do milênio? O papa não faria isso — esse entende tudo de relações públicas. Só mesmo a falecida União Soviética teria sido capaz de uma vulgaridade assim, fidel Castro poderia ter escolhido tantas coisas, tantos quadros tradicionais de realismo socialista: uma comemoração num canavial, numa maternidade, numa fábrica de charutos. Trabalhadores cubanos felizes fumando, mães cubanas felizes sorrindo, recém-nascidos cubanos felizes mamando... mas apresentar um espetáculo pega-turista de merda como aquele? Seria de propósito, seria burrice, seria uma tentativa de gozar toda essa comemoração histórica de um momento absolutamente sem sentido na História? Seja qual for o motivo, ele se recusa a gastar um centavo. Recusa-se a parar para pensar um minuto. Por que motivo Fidel Castro, o revolucionário, haveria de parar para pensar — por que motivo qualquer um haveria de parar para pensar numa coisa que nos dá a impressão de que estamos compreendendo algo que não estamos compreendendo? A passagem do tempo. Estamos nadando, afundando no tempo, até que por fim nos afogamos e

sumimos. Esse não-evento é transformado num grande evento enquanto Consuela, à meu lado, está sofrendo o pior evento de toda a sua vida. O Grande Fim, embora ninguém saiba o que é, se é que é alguma coisa, está chegando ao fim, e sem dúvida ninguém sabe o que está começando. É uma comemoração entusiástica de algo que não se sabe o que é.

Só Consuela sabe, porque agora conhece a ferida da idade. Envelhecer é inimaginável para todos, menos os que estão envelhecendo, mas agora para Consuela é diferente. Ela já não mede o tempo como os jovens, contando para trás a partir do momento em que tudo começou.

O tempo para os jovens é sempre composto do que passou, mas para Consuela o tempo agora é o futuro que ainda lhe resta, e ela crê que não lhe resta mais nada. Agora ela mede o tempo contando para a frente, contando o tempo pela proximidade da morte. Quebrou-se a ilusão, a ilusão metronômica, a idéia tranqüilizadora de que, tique-taque, tudo acontece na hora certa.

Agora ela tem uma consciência do tempo idêntica à minha, ainda mais acelerada e desesperada que a minha. Na verdade ela me ultrapassou. Porque eu ainda posso dizer a mim mesmo: "Não vou morrer daqui a cinco anos, talvez até nem mesmo daqui a dez anos, estou em forma, estou bem de saúde, posso até viver mais vinte", enquanto ela...

O mais belo dos contos de fada da infância é que tudo acontece na ordem certa. Nossos avós morrem muito antes dos nossos pais, e nossos pais morrem muito antes de nós. Os que têm sorte acabam tendo mesmo essa experiência, as pessoas vão envelhecendo e morrendo na ordem certa, de modo que, no enterro, você aplaca sua dor pensando que aquela pessoa teve uma longa vida. Nem por isso a morte se toma uma coisa menos monstruosa, mas é esse o truque que utilizamos para manter intacta a ilusão metronômica, e para afastar de nós a tortura do tempo: "Fulano teve uma vida bem longa". Mas Consuela não teve essa sorte, e assim, a meu lado, condenada à morte, ela assiste àquela comemoração que se prolonga por toda a noite na tela da tevê, uma histeria infantil fabricada em torno do futuro infinito, uma fantasia que os adultos

maduros, com seu conhecimento melancólico de que o futuro é muito limitado, não podem nutrir. E nesta noite enlouquecida ninguém tem um conhecimento mais melancólico do que ela.

"Havana", diz ela, chorando cada vez mais, "eu achava que um dia ia conhecer Havana."

"Você vai conhecer Havana."

"Não vou, não. Ah, David, meu avô..."

"Sim, o que tem o seu avô? Pode falar, fala comigo, vamos."

"Meu avô ficava sentado na sala..."

"Sim." Eu ainda a estava abraçando quando ela começou a falar sobre si própria de uma maneira como nunca havia falado antes, porque nunca havia precisado, talvez porque antes não se conhecia como se conhecia agora. "Com a tevê ligada na *NewsHour*, ou na *MacNeil-Lehrer NewsHour*, e de repente", prosseguiu ela, chorando copiosamente, "ele suspirava: '*Pobre Mama*. Ela tinha morrido em Havana sem ele. Porque a geração dela, aquela geração, não foi embora."

'Pobre Mamá.' 'Pobre Papá.' Eles ficaram lá. Ele tinha essa tristeza, essa saudade deles. Um anseio terrível, terrível. E o que eu sinto também. Só que é de mim mesma. Da minha vida. Eu apalpo meu corpo, com minhas próprias mãos, e penso: Isto aqui é o meu corpo! Ele não pode desaparecer! Isso não pode ser verdade!

Não pode estar acontecendo! Como é que ele pode desaparecer? Eu não quero morrer! David, eu tenho medo de morrer!"

"Consuela, querida, você não vai morrer. Você está com trinta e dois anos. Você não vai morrer tão cedo."

"Eu fui criada como uma exilada. Por isso tenho medo de tudo. Você sabia que eu sou assim? Eu *tenho medo de tudo.*"

"Ah, não. Não acredito. De tudo? Pode ser que você esteja assim hoje, mas..."

"Não é só hoje, é *sempre*. Eu não queria ser exilada como a minha família. Mas a gente passa a infância ouvindo dizer: Cuba, Cuba, Cuba, o tempo todo... E olha só! Essa gente! Essa gente vulgar! Veja o que ele fez com Cuba! Eu nunca vou conhecer Cuba. Nunca vou ver a casa.

Nunca vou ver a casa deles."

"Vai, sim. Quando o Fidel morrer..."

"*Eu* vou morrer antes."

"Não vai, não. Você vai estar viva. Não entre em pânico. Não há motivo para entrar em pânico. Tudo vai dar certo, você não vai morrer..."

"Você quer saber qual a imagem que eu tenho? De Cuba? Que eu tive a vida toda? A minha imagem mental de Cuba?"

"Quero. Conta pra mim. Tenta ficar mais calma e me conta tudo. Quer que eu desligue a tevê?" "Não — não. Eles vão mostrar outra coisa. Eles *têm* que mostrar outra coisa."

"Me fala sobre a sua imagem mental, Consuela."

"Não é a praia, nada disso. Essa é a imagem dos meus pais. Eles sempre falavam na praia, era tão divertido, as crianças correndo pela areia, as pessoas sentadas em espreguiçadeiras, tomando drinques. Eles alugavam uma casa na praia, e não sei que mais, mas não era essa a lembrança que eu tinha, não. Era diferente. Eu tenho

ela desde menina. Ah, David — eles enterraram Cuba muito antes de ser enterrados. Não tiveram opção. Meu pai, meu avô, minha avó, todos eles sabiam que nunca iam voltar. E não voltaram, mesmo. E agora eu não vou, também não."

"Você vai", insisti. "Qual é a imagem que você tem desde menina? Me diz. Vamos", disse eu.

"Eu sempre achei que ia voltar. Só pra ver a casa. Que ela ia estar lá." "A sua imagem mental é da casa?", perguntei. "Não. É uma rua. El Malecón. Onde tem fotos de Havana sempre tem uma de El Malecón, essa rua linda à beira-mar.

Tem um muro, e em todas as fotos as pessoas estão sentadas nesse muro, conversando. Você viu *Buena Vista Social Club*?" "Vi. Por sua causa, é claro que vi. Pensei em você quando vi." "Pois é aquela rua", disse ela, "onde as ondas quebram. Aquele muro. Só aparece numa cena rápida. Era lá que eu sempre me imaginava." "A rua do que podia ter sido", disse eu. "Do que *devia* ter sido", Consuela corrigiu, e mais uma vez começou a chorar de modo descontrolado enquanto na tela da tevê, sob o peso daqueles abajures (cada um deles, somos informados, pesa seis quilos), as garotas andam de um lado do palco para o outro, sem rumo. Sim, não há dúvida: é dessa maneira que Fidel Castro está mandando o século XX se foder. Porque chegou ao fim a aventura dele na História, também, a marca que ele deixou e não deixou no rol dos eventos humanos. "Me diga uma coisa", disse eu. "Você nunca me contou isso antes. Você não falava assim oito anos atrás. Naquele tempo, você escutava. Minha aluna. Eu nunca soube de nada disso. Continua. Me fala sobre o que devia ter sido." "Aquele muro", disse ela, "e eu. Só isso. Eu lá, conversando com as pessoas. É isso.

Você está à beira-mar mas está na cidade. É um ponto de encontro. E um lugar pra se passear."

"É, mas no filme parecia bem maltratado", disse eu. "É verdade. Mas não é assim que eu vejo aquela rua desde menina."

E então a dor, então o peso da tristeza, por tudo que sua família havia perdido, pelo pai e os avós que morreram no exílio, por ela própria, que estava prestes a morrer no exílio (e um exílio que ela jamais vivenciara de modo tão cruel quanto agora), por toda a Cuba

dos Castillo que Fidel Castro havia estragado, por tudo que ela tinha medo de ter que abandonar — tudo aquilo era tão forte que, nos meus braços, por uns bons cinco minutos, Consuela enlouqueceu. Eu vi, externalizado, o terror que seu corpo estava sentindo. "O que foi? Consuela, o que é que posso fazer por você? Me diz que eu faço. O que é que está torturando tanto você?"

E eis o que ela me disse, quando conseguiu falar.

Para minha surpresa, foi isto que ela me disse, que era o que mais a torturava. "Eu sempre respondia a meus pais em inglês. Ah, meu Deus. Como eu me arrependo por não ter falado com ele em espanhol."

"Ele quem?"

"Meu pai. Ele adorava quando eu o chamava de '*pap*'. Mas, depois que eu cresci um pouco, eu não queria mais. Eu o chamava de '*dad*'. Para mim, era importante. Eu queria ser americana. Não queria aquela tristeza toda deles."

"Minha querida, agora não faz mais diferença como você chamava o seu pai. Ele sabia que você o amava. Ele sabia o quanto..." Mas era impossível consolá-la. Eu nunca a ouvira falar daquele jeito, nem fazer algo semelhante ao que ela fez depois disso. Em toda pessoa tranqüila e razoável existe uma outra pessoa escondida, que morre de medo da morte, mas para uma pessoa de trinta e dois anos o tempo que separa o agora da hora da morte normalmente é tão imenso, tão infinito, que no máximo umas duas vezes por ano, e mesmo assim só por um momento ou dois, tarde da noite, chegamos perto de conhecer aquela outra pessoa escondida, no estado de loucura que é a vida cotidiana daquela outra pessoa.

O que ela fez então foi tirar o chapéu. Jogou o chapéu longe. O tempo todo ela estava com aquela espécie de barrete, mesmo quando estava nua, quando eu fotografava seus seios.

Mas agora ela tirou o chapéu. Num assomo de loucura de réveillon, jogou longe aquele chapéu de réveillon. Primeiro, a farsa de Fidel Castro, aquele show de boate pretensamente sexy, e agora a mortalidade de Consuela totalmente exposta.

Era terrível vê-la sem o chapéu. Uma mulher tão jovem, tão bela, com aquele cabelo ralo, pêlos muito curtos, finos, sem cor, sem sentido — teria sido melhor vê-la careca, depois de passar a navalha, do que com aquela penugem idiota na cabeça. A transição que há entre pensar numa pessoa tal como você sempre pensou nela — viva como você — e alguma coisa que indique para você, como aquela penugem indicou para mim, que a pessoa está próxima da morte, está morrendo — isso para mim foi não apenas um choque, mas também uma traição. Eu traía Consuela por absorver tão rapidamente o choque e registrar o ocorrido. O momento traumático da mudança chega quando você se dá conta de que as expectativas do outro não podem mais ser como as suas, e que, por melhor que você se comporte e continue a se comportar, essa outra pessoa vai embora antes de você — se você tiver sorte, muito antes.

O horror. Lá estava ele. Todo o horror naquela cabeça. A cabeça de Consuela. Beije-a e beije-a.

Que mais eu podia fazer? O veneno da quimioterapia. Tudo que ele fizera em seu corpo.

Tudo que fizera em sua cabeça. Trinta e dois anos de idade, e acha que está exilada de tudo, vivendo cada coisa pela última vez. Mas e se não for verdade? E se...

Pronto! O telefone! Pode ser...! Que horas? São duas da madrugada. Com licença!

Era, mesmo. Era ela. Ela me telefonando.

Finalmente. Tenho que ir. Ela está em pânico. A cirurgia vai ser daqui a duas semanas. Ela terminou a quimioterapia. Pediu para eu falar sobre a beleza do corpo dela. Por isso demorei tanto. Era isso que ela queria ouvir. Era sobre isso que ela ficou falando quase uma hora. O corpo dela. Você acha que depois da operação algum homem vai amar meu corpo? Essa é a pergunta que ela faz sem parar. E que eles resolveram tirar o seio inteiro. Antes planejavam cortar embaixo do seio e tirar só um pedaço. Mas agora eles acham que a coisa é muito séria. O jeito é tirar tudo. Há dez semanas disseram a ela que só iam tirar uma parte, e agora disseram que vão ter que tirar tudo. Veja bem, estou falando de um seio. Não é uma coisa pequena.

Hoje de manhã disseram a ela o que vai acontecer; agora é noite, ela está sozinha, e só de pensar em tudo isso... Tenho que ir. Ela me quer lá. Ela quer que eu durma na cama dela, com ela. Ela passou o dia todo sem comer. Ela precisa comer. Alguém tem que dar comida a ela. E você? Pode ficar se quiser. Se quiser ficar, se quiser ir embora... Olha, eu não tenho tempo, tenho que correr!

"Não."

O quê?

"Não vá."

Mas eu preciso. Alguém tem que ficar com ela.

"Ela vai encontrar alguém."

Ela está apavorada. Eu vou.

"Pensa bem. Pensa. Porque se você for, pra você é o fim."

FIM

Table of Contents

[Rosto](#)
[Prelúdio](#)